



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS**

**FRANCINEUZA DE ASSIS BARBOZA**

**ESTRATÉGIAS PARA O ENGAJAMENTO NA PRODUÇÃO TEXTUAL:  
PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PARA A ESCRITA DE CONTOS**

**FORTALEZA- CEARÁ**

**2020**

FRANCINEUZA DE ASSIS BARBOZA

ESTRATÉGIAS PARA O ENGAJAMENTO NA PRODUÇÃO TEXTUAL: PROPOSTA  
DE INTERVENÇÃO PARA A ESCRITA DE CONTOS

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Letras do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Valdinar Custódio Filho

FORTALEZA – CEARÁ

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Estadual do Ceará  
Sistema de Bibliotecas

Barboza, Francineuza de Assis.

Estratégias para o engajamento na produção textual: proposta de intervenção para a escrita de contos [recurso eletrônico] / Francineuza de Assis Barboza. - 2020.

171 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Mestrado profissional) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Curso de Mestrado Profissional em Letras Rede Nacional - Profissional, Fortaleza, 2020.

Orientação: Prof. Dr. VALDINAR CUSTODIO FILHO.

1. Produção textual. 2. Motivação para escrita. 3. Leitura e escrita de contos. . I. Título.

FRANCINEUZA DE ASSIS BARBOZA

ESTRATÉGIAS PARA O ENGAJAMENTO NA PRODUÇÃO TEXTUAL:  
PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PARA A ESCRITA DE CONTOS

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Letras do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Linguagens e Letramentos.

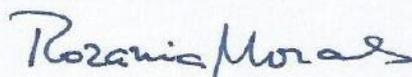
Aprovada em: 22 de abril de 2020

BANCA EXAMINADORA



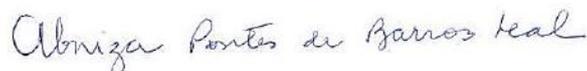
---

Prof. Dr. Valdinar Custódio Filho (Orientador)  
Universidade Estadual do Ceará – UECE



---

Profª. Drª. Rozania Maria Alves de Moraes  
Universidade Estadual do Ceará – UECE



---

Profª. Drª. Abniza Pontes de Barros Leal  
Universidade Estadual do Ceará – UECE

Para os meus pais, meu esposo, minhas irmãs, meu irmão e meus dois sobrinhos, Raul e Pedro Luiz, pois a junção dessas pessoas tão amadas forma a base que me sustenta e me faz ser forte e persistente na busca pela realização dos vários sonhos já realizados e dos tantos outros que ainda serão concretizados.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, cuja presença invoco, por meio da minha fé, em todas as atividades que me proponho a realizar e, como consequência, sou muito abençoada. Por isso, a minha gratidão é imensa.

Aos meus pais, pessoas tão simples que, infelizmente, não tiveram a oportunidade do acesso à vida acadêmica, o que, contudo, jamais foi impedimento para que me educassem com tanto amor e sabedoria. O jeito sábio de eles me orientarem para a vida me fez entender que a dedicação aos estudos era o melhor caminho para eu mudar a minha realidade social e, conseqüentemente, conquistar um espaço mais digno, mais justo e confortável na sociedade.

Ao meu professor orientador, doutor Valdinar Custódio Filho, um excelente profissional, não apenas pelos seus conhecimentos intelectuais, mas pelo seu lado humano, por ter sido tão compreensivo em todas as vezes em que precisei. Sinto-me imensamente grata pelas suas orientações tão pertinentes para a realização do meu trabalho, pelo seu jeito simples e, ao mesmo tempo, grandioso com que conduzia as orientações. Agradeço também por todos os e-mails e mensagens de WhatsApp respondidas, por todas as dúvidas esclarecidas, enfim, por todas as contribuições direcionadas ao meu trabalho.

Ao meu esposo, Manoel, pelo companheirismo, pela compreensão e pelo apoio manifestados durante o tempo de mestrado, sem falar do seu abraço de acalanto, que vinha sempre acompanhado de um pedido de calma, nas horas em que eu jurava que o cansaço ia me abater.

À Marta, a irmã caçula, pelo incentivo e o jeito amoroso de torcer para que eu conseguisse a força necessária para conciliar o mestrado com a rotina do trabalho. A sua frase, tantas vezes repetidas, “Vai dar certo, irmã” servia-me de alento e de incentivo para eu encontrar a garra que, muitas vezes, nem sei de onde saía.

À Lia, a irmã que, durante o tempo de mestrado, conforme a demanda das minhas necessidades, desdobrava-se em muitos papéis, ora a motorista que me deixava na faculdade, ora a “psicóloga” que ouvia os meus desabafos de cansaço e angústia diante de tanta coisa para assumir em um tempo que parecia ser mais reduzido do que o dos outros, ora uma espécie de mãe que com tanto zelo prepara as refeições para o filho, agindo deste modo como uma irmã-mãe, mãe no amor, na ternura de cuidar da irmã mais velha. Era em sua casa que eu me hospedava durante os dias das aulas; por esse detalhe, a minha gratidão se estende também ao seu esposo Heitor, um cunhado que me recebia com tanto carinho.

Ao meu irmão Fagner, que muitas vezes nem demonstra, mas é um irmão coruja, que torce pelas irmãs e se enche de orgulho quando vai falar delas.

À minha cunhada Suzana, que não mediu esforços para assumir boa parte das tarefas do meu lar, a fim de que essas fossem uma preocupação a menos para mim.

À Angerline, a quem a vida se encarregou de torná-la minha irmã depois de seus 17 anos, e hoje, carinhosamente, digo que é a irmã do coração. Essa pessoinha me auxiliou demais com as formatações dos trabalhos. Como fomos mestrandas praticamente no mesmo período, os diálogos que tínhamos sobre a vida acadêmica foram muito importantes para o meu caminhar rumo ao título de mestre.

Aos meus avós maternos, que, ao visitar a casa de meus pais, ao lado da minha, aos domingos, derretiam-se de amor e carinho, gestos tão cativantes, ao acompanhar a minha rotina de se sentar à mesa, ou com os trabalhos do mestrado ou com as demandas da escola.

À prima Natália e ao seu namorado Leandro, pela torcida para que tudo desse certo e também pelas agradáveis visitas nos finais de semana, nem que muitas vezes fosse apenas para dar um “oi”, já que o meu tempo ínfimo não me permitia dar-lhes a merecida atenção.

À amiga Regiane, a quem ligo para pedir uma dica, para solicitar que leia o meu trabalho e manifeste a sua crítica, ou ligo simplesmente porque estou precisando de um ombro amigo.

A todos os primos, primas, tios e tias que torceram por mim.

À turma V do mestrado profissional em Letras da UECE, uma turma cuja marca essencial era a união, a preocupação com o bem-estar de cada integrante do grupo. A turma em que tudo era motivo de ser merecidamente comemorado, era a celebração da vida de cada colega, era uma bebê que estava para chegar, era uma qualificação que acontecia, enfim, tudo era celebrado com muito esmero. O bom convívio com essa turma tornava as tardes das quintas e sextas-feiras, depois de uma rotina de trabalho puxada, mais leves e agradáveis, parafraseando o poeta, aquelas tardes eram fagueiras.

À Capes, que me proporcionou uma bolsa de estudo, e isso foi essencial para os custeios com as despesas acarretadas com o meu deslocamento do interior para a capital, compras de livros e outros gastos necessários para a realização do mestrado.

À UECE, pela oportunidade de dois cursos, graduação e mestrado em Letras.

Ao núcleo gestor da escola Ubiratan, grupo composto por pessoas generosas, que torcem pelo sucesso de seus professores e apoiam-nos na busca pelo conhecimento. O afeto deste grupo, a compreensão e as horas negociadas para que eu pudesse me ausentar da escola em alguns momentos necessários para realizar atividades do mestrado foram essenciais para eu conseguir dar conta de tudo. Por isso, expresso toda a minha gratidão e carinho.

Ao núcleo gestor da escola Coronel Estevão Alves da Rocha, pelo afeto, pelo apoio e também por ter me permitido a aplicação do projeto na escola.

Aos meus alunos da escola Ubiratan, que começaram a torcer por mim desde o dia em que fui selecionada para o curso de mestrado.

Aos meus colegas de trabalho, das duas escolas, Ubiratan Diniz e Estevão Alves da Rocha, às professoras e aos professores que vibraram, que manifestaram palavras de incentivo, que mandaram boas vibrações.

Aos meus 35 alunos do 8º ano A, do ano de 2019, da E. E. F. Municipal Coronel Estevão Alves da Rocha, a turma para a qual apliquei o meu projeto. A todos eles o meu afeto e a minha gratidão.

A todos os professores do Profletras, pelos ensinamentos partilhados com tanto afeto.

*Mais que um legado, uma arte ou um dom,  
mais que instrumento de poder, a escrita é a  
necessidade diária inadiável e insubstituível*  
(VIEIRA, 2005, p. 14)

## RESUMO

A disciplina de produção textual (ou redação), para um grande número de alunos, ainda é um desafio, visto que muitos têm dificuldades nos momentos escolares em que precisam produzir textos, dificuldades estas que, às vezes, não são superadas até o final da educação básica. A partir disso, o nosso trabalho parte de uma proposta pedagógica embasada na motivação para a escrita. O objetivo geral desta pesquisa consiste em desenvolver e executar uma sequência de atividades pedagógicas que possam contribuir para o engajamento na produção de textos do gênero conto, por alunos do 8º ano de uma escola pública do município de Baturité-CE, com foco na importância do evento deflagrador e na leitura prévia, sendo esta a leitura e o estudo de contos trabalhados de maneira sistematizada, para a realização de uma produção textual. Na organização dessa empreitada, utilizamos do aporte teórico, dentre outros, de Marcuschi (2008), sobre gêneros textuais; Adam (2019), sobre sequência narrativa; e Vieira (2005) e Serafini (1995), sobre processo da escrita. A pesquisa foi aplicada com 35 alunos. Para atingir o nosso objetivo, desenvolvemos e executamos uma sequência de atividades para motivar a produção de um conto. Essa sequência de atividades é composta de quatro momentos: leitura e estudo de contos, planejamento, escrita e reescrita. O nosso objeto de análise foram as atividades que os sujeitos fizeram ao longo da pesquisa, sendo que a última atividade realizada foi um conto, o nosso objeto de interesse maior. Consideramos que a boa qualidade dos textos atesta a contribuição da leitura prévia/sistematizada e do evento deflagrador como motivação para a escrita.

**Palavras-chave:** Produção textual. Motivação para escrita. Leitura e escrita de contos.

## **ABSTRACT**

The learning of writing, for many students, is a challenge, once many of them have difficulties when they need to produce texts, and such difficulties are not overcome within basic education. Considering this, our work establishes a pedagogical proposal based on writing motivation. The principal aim of this research is to develop and put in action a sequence of pedagogical activities that could contribute for the engagement of students in the production of short stories written by students of 8<sup>th</sup> grade of a public school in the city of Baturité (CE), focusing on the importance of the trigger event and the previous reading, this reading consisting of the systematic study of short stories in order to make a text production. In the organization of this endeavor, we use theoretical support, among others, from Marcuschi (2008), about textual genres; Adam (2019), about narrative sequence; and Vieira (2005), e Serafini (1995), about writing process. The research was applied in a class with 35 students. To achieve our goal, we developed and executed a sequence of activities to motivate the production of an original short story. This sequence is composed of four stages: reading and study of short stories, planning, writing and rewriting. We analyzed these activities in details, paying more attention to the ones regarding the short story itself. We considered that the good quality of the texts proves the contribution of previous reading and trigger event as motivation for writing.

**Keywords:** Text production. Motivation for writing. Reading and writing of short stories.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1 - Por que as pessoas escrevem.....</b>	<b>49</b>
<b>Figura 2 - Capa de um livro.....</b>	<b>51</b>
<b>Figura 3 – Fala de dois escritores.....</b>	<b>51</b>
<b>Figura 4 - Conto um da intervenção.....</b>	<b>54</b>
<b>Figura 5 - Conto dois da intervenção.....</b>	<b>58</b>
<b>Figura 6 - Conceito do gênero conto.....</b>	<b>59</b>
<b>Figura 7 - Elementos do texto narrativo.....</b>	<b>60</b>
<b>Figura 8 - Homenagem aos produtores dos contos.....</b>	<b>75</b>
<b>Figura 9 - Atividade 01: respostas apresentadas à questão 01, respectivamente, dos alunos: A16, A15 e A4 .....</b>	<b>78</b>
<b>Figura 10 - Atividade 01: respostas apresentadas à questão 04, respectivamente, dos alunos: A24, A31, A33 e A23.....</b>	<b>79</b>
<b>Figura 11 - Atividade 02: respostas apresentadas à questão 01, respectivamente pelos alunos A4, A31, A20.....</b>	<b>81</b>
<b>Figura 12 - Atividade 02: respostas apresentadas à questão 02, respectivamente, pelos alunos A16, A26, A35.....</b>	<b>82</b>
<b>Figura 13 - Atividade 02: respostas apresentadas à questão 06, respectivamente, pelos alunos A4, A24, A9.....</b>	<b>83</b>
<b>Figura 14 - Atividade 03: respostas apresentadas à questão 02, respectivamente, pelos alunos A33, A2, A17.....</b>	<b>84</b>
<b>Figura 15 - Atividade 03: respostas apresentadas à questão 03, respectivamente, pelos alunos A1, A15, A2.....</b>	<b>86</b>
<b>Figura 16 - Atividade 03: respostas apresentadas à questão 05, respectivamente, pelos alunos A35, A13, A11, A4, A17, A35.....</b>	<b>88</b>
<b>Figura 17 - Atividade 04: respostas apresentadas à questão 03, respectivamente, pelos alunos A23, A12, A36.....</b>	<b>89</b>
<b>Figura 18 - Atividade 04: respostas apresentadas à questão 04, respectivamente, pelos alunos A20, A1.....</b>	<b>90</b>
<b>Figura 19 - Atividade 04: respostas apresentadas aos itens a e b, da primeira parte da questão 11, respectivamente, pelos alunos A9, A4.....</b>	<b>92</b>
<b>Figura 20 - Atividade 04: resposta apresentada aos itens a, b, c e d, da segunda parte da questão 11, pela aluna A20.....</b>	<b>93</b>

<b>Figura 21 - Atividade 05: plano de texto da aluna A16.....</b>	<b>95</b>
<b>Figura 22 - Atividade 05: plano de texto da aluna A1.....</b>	<b>97</b>
<b>Figura 23 - Atividade 06: trechos da primeira e segunda versão dos contos das alunas A35 e A24, respectivamente.....</b>	<b>100</b>
<b>Figura 24 - Atividade 06: conto de A23.....</b>	<b>103</b>
<b>Figura 25 - Atividade 06: conto da aluna A16.....</b>	<b>105</b>
<b>Figura 26 - Atividade 06: situação final do conto do aluno A9.....</b>	<b>107</b>
<b>Figura 27 - Trecho da avaliação do projeto: resposta do aluno A9 .....</b>	<b>107</b>
<b>Figura 28 - Trecho da avaliação do projeto: resposta do aluno A9.....</b>	<b>108</b>
<b>Figura 29 – Trecho da avaliação do projeto: respostas apresentadas, respectivamente, pelos alunos A15, A8 e A31.....</b>	<b>116</b>

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1 - Composição da fábula O cão e o pedaço de carne.....</b>	<b>32</b>
<b>Quadro 2 - Quadro de funcionários da E. E. F. Municipal Cel. Estevão Alves da Rocha em 2019.....</b>	<b>43</b>
<b>Quadro 3 – Profissão das mães dos alunos-sujeitos da pesquisa.....</b>	<b>44</b>
<b>Quadro 4 - Profissão dos pais dos alunos-sujeitos da pesquisa.....</b>	<b>45</b>
<b>Quadro 5 - Principal dificuldade dos alunos-sujeitos da pesquisa no momento da produção textual.....</b>	<b>47</b>
<b>Quadro 6 - Atividade escrita 01.....</b>	<b>52</b>
<b>Quadro 7 - Atividade escrita 02.....</b>	<b>55</b>
<b>Quadro 8 - Atividade escrita 03.....</b>	<b>61</b>
<b>Quadro 9 - Atividade 04.....</b>	<b>64</b>
<b>Quadro 10 - Atividade 05: planejamento do texto.....</b>	<b>68</b>
<b>Quadro 11 - Modelo da avaliação aplicada à turma.....</b>	<b>72</b>
<b>Quadro 12 - Controle da quantidade de alunos que fizeram as atividades.....</b>	<b>76</b>
<b>Quadro 13 - Apresentação dos títulos dos contos produzidos.....</b>	<b>101</b>

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1 - Contribuição de depoimentos de escritores para a autorreflexão dos alunos sobre a escrita do conto deles.....</b>	<b>109</b>
<b>Gráfico 2 - Inspiração dos alunos em algum dos contos lidos ou em uma de suas personagens na hora de criar o seu texto.....</b>	<b>110</b>
<b>Gráfico 3 – Contribuição da leitura dos contos para o processo de escrita dos alunos.....</b>	<b>111</b>
<b>Gráfico 4 - Reconhecimento dos participantes sobre etapa do planejamento ter sido importante para a escrita de seus contos.....</b>	<b>112</b>
<b>Gráfico 5 - Percepção da relevância das orientações da professora-pesquisadora para a reescrita do conto.....</b>	<b>113</b>
<b>Gráfico 6 - Percepção sobre o efeito de se produzir um texto sabendo que este passaria por um processo de publicização.....</b>	<b>114</b>
<b>Gráfico 7 - Percepção de a participação no projeto ter contribuído para melhorar a prática de os alunos escreverem textos narrativos, principalmente textos pertencentes ao gênero conto.....</b>	<b>115</b>

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>18</b>
<b>2</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....</b>	<b>22</b>
<b>2.1</b>	<b>O conceito de texto.....</b>	<b>22</b>
<b>2.2</b>	<b>Gêneros textuais: conceituação e implicações para o ensino.....</b>	<b>24</b>
<b>2.3</b>	<b>O gênero conto.....</b>	<b>29</b>
<b>2.4</b>	<b>A tipologia narrativa: um olhar sobre os elementos estruturantes.....</b>	<b>30</b>
<b>2.5</b>	<b>Produção escrita, ensino e aprendizagem.....</b>	<b>35</b>
<b>3</b>	<b>CAMINHO METODOLÓGICO .....</b>	<b>41</b>
<b>3.1</b>	<b>Tipo de pesquisa.....</b>	<b>41</b>
<b>3.2</b>	<b>O contexto da pesquisa.....</b>	<b>42</b>
<b>3.3</b>	<b>Os sujeitos da pesquisa.....</b>	<b>43</b>
<b>3.4</b>	<b>Procedimentos: descrição da sequência de atividades.....</b>	<b>47</b>
<b>3.4.1</b>	<b>Bloco 01 – desenvolvimento de atividades de motivação para a escrita de um conto e estudos sobre as características desse gênero – 11h/a .....</b>	<b>48</b>
<b>3.4.2</b>	<b>Bloco 02 – planejamento e produção do conto - 7h/a.....</b>	<b>68</b>
<b>3.4.3</b>	<b>Bloco 03 – publicização das produções e avaliação da aplicação da intervenção - 2h/a.....</b>	<b>71</b>
<b>4</b>	<b>INTERVENÇÃO: DESCRIÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....</b>	<b>76</b>
<b>4.1</b>	<b>Frequência e participação nas atividades.....</b>	<b>76</b>
<b>4.2</b>	<b>Análise das atividades.....</b>	<b>77</b>
<b>4.3</b>	<b>Análise dos contos produzidos.....</b>	<b>98</b>
<b>4.4</b>	<b>Análise da avaliação do projeto pelos alunos.....</b>	<b>109</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>118</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>120</b>
	<b>APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) – PAIS OU RESPONSÁVEIS.....</b>	<b>122</b>
	<b>APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) – ALUNOS.....</b>	<b>123</b>
	<b>APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO.....</b>	<b>124</b>

<b>APÊNDICE D – ATIVIDADE 06: PRODUÇÃO TEXTUAL.....</b>	<b>126</b>
<b>APÊNDICE E – MANUAL.....</b>	<b>128</b>
<b>ANEXO A – TERMO DE ANUÊNCIA.....</b>	<b>168</b>
<b>ANEXO B – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA.....</b>	<b>169</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A disciplina de produção textual ou redação (depende de como cada instituição a denomina), para muitos alunos, é a mais difícil, é aquela responsável pela sensação de insegurança de muitos discentes em provas bimestrais, parciais, e, em muitos casos, configura-se como uma disciplina na qual alguns obstáculos de aprendizagem não são superados, permanecendo desde as séries iniciais do ensino fundamental até o ensino médio, incluindo avaliações de larga escala. A capacidade de produzir textos adequados aos contextos de produção e às características dos gêneros estipulados, a nosso ver, é uma habilidade que muitos estudantes precisam aperfeiçoar.

Esse insucesso dos discentes nas atividades de produção textual é um problema que inquieta muitos profissionais da educação. Sobre isso, Almeida (2015) realizou sua pesquisa com uma turma de 8º ano do ensino fundamental da rede pública, na cidade de Altamira-PA. Um dos objetivos da pesquisa, a qual contou com 24 colaboradores/participantes, era averiguar a reclamação de docentes em relação à dificuldade dos alunos nas atividades de escrever textos. As produções finais dos sujeitos envolvidos revelaram que estes tinham dificuldades em produzir textos, especificamente, no tocante à estrutura da narrativa. Resultados de trabalhos como este falam em prol da necessidade de se trabalhar atividades que motivem estes sujeitos a se engajarem com as atividades de produção escrita, esclarecendo-se, desde já, que essa motivação deve ser feita por meio de uma boa preparação para a escrita.

A falta de habilidades relativas à produção escrita é uma questão séria a ser enfrentada pela educação escolar, pois, “na vida prática, a escrita permeia todas as nossas atividades, sendo cada vez mais indispensável” (VIEIRA, 2005, p. 70). O fato de a escrita revelar-se cada vez mais presente nas atividades de interação social “exige” que os alunos (enquanto estão em fase de escolarização e depois que a concluírem) saibam utilizá-la adequadamente. Sem essa adequação, é impossível o homem fazer uso de uma escrita que lhe possibilite participar ativamente na sociedade.

Por esse motivo, consideramos importante pensar em estratégias que possam contribuir para engajar os alunos de uma turma do 8º ano, de uma escola municipal, localizada em Baturité – CE, a produzir contos. Acreditamos na hipótese de que, quando o sujeito parte para a realização de uma atividade se sentindo engajado, ele tem mais chance de cumprir com eficácia aquilo que lhe é solicitado. Para isso, focamos na ideia de que não seria possível motivar o aluno para escrever seus textos narrativos sem antes realizar atividades de

leitura sistematizadas sobre o gênero literário que eles precisariam produzir, ou seja, era preciso levar o aluno a conhecer, verdadeiramente, o gênero – neste caso, o conto – e a tipologia textual – neste caso, a narrativa – concernentes à prática de escrita na qual ele seria imerso. Fazer isso com os discentes foi uma forma de garantir que eles formassem um repertório de conhecimentos para saber o que e como dizer na sua produção.

Ao se referir à arte de escrever, Antunes (2003, p. 45) diz que

Nossa providência maior deve ser encher a cabeça de ideias, ampliar nosso repertório de informações e sensações, alargar nossos horizontes de percepção das coisas. Aí as palavras virão, e a crescente competência para a escrita vai ficando por conta da prática de cada dia, do exercício de cada evento, com as regras próprias de cada gênero de texto.

Desse modo, buscamos desenvolver uma sequência de atividades evidenciando que escrever é uma tarefa indissociável do ato de ler.

Outro aspecto importante levado em consideração nesta proposta foi o evento deflagrador, que concerne à razão mais ou menos imediata que impulsiona alguém a tomar a palavra escrita ou oral e propor um ato de interação pela linguagem (ALVES FILHO, 2011). Desse modo, podemos destacar que o evento deflagrador é o elemento que engaja o sujeito na realização de uma produção textual. Esse engajamento acontece pelo fato de a pessoa interessada nesse evento de interação linguística ter um objetivo, um propósito, isto é, ter a pretensão de atingir, de algum modo, o interlocutor. No caso dos contos produzidos pela turma, não estipulamos o evento deflagrador, deixamos isso livre, pois queríamos que os alunos produzissem sobre aquilo que de fato sentiam necessidade de falar em uma história fictícia. Assim, observamos que o evento deflagrador dos textos foi variado. Cada estudante criou o seu próprio enredo, escrevendo sobre o tema que lhe interessava naquele momento.

Nossa proposta de atividade, conforme já vem sendo destacado, incidiu sobre a produção de textos pertencentes ao gênero conto. No que toca ao papel da dimensão genérica no ensino de língua materna, Motta-Roth (2006, p. 498), busca

encorajar o debate sobre as possibilidades pedagógicas da concepção de gênero textual para o ensino de produção textual, uma vez que essa concepção pressupõe que os usos da linguagem sejam vistos como atividades sociais, que ocorrem em um dado contexto imediato de situação, dentro do âmbito mais amplo do contexto de cultura.

Em suas discussões sobre produção escrita, essa mesma autora discorre sobre a necessidade de uma visão mais ampliada em relação à habilidade de escrever, pois, para ela,

“escrever não pressupõe apenas a produção do texto, mas também seu planejamento (antes), sua revisão e edição (depois) e seu subsequente consumo pela audiência-alvo, para que o autor e leitor possam atingir seus objetivos de trocas simbólicas” (MOTTA-ROTH, 2006, p. 504). Percebe-se, na colocação da autora e nas de outros que buscamos para a realização deste trabalho, que produzir um texto é um exercício que demanda muitas habilidades. Infelizmente, muitos discentes apresentam dificuldades em relação a estas, precisando, portanto, aperfeiçoá-las. É nessa perspectiva que buscamos desenvolver o nosso trabalho.

Destacamos que o objetivo geral do nosso projeto trata de desenvolver e executar uma sequência de atividades pedagógicas que possam contribuir para o engajamento na produção de textos do gênero conto, por alunos do 8º ano de uma escola pública do município de Baturité- CE, com foco na importância do evento deflagrador e na leitura prévia, sendo esta a leitura e o estudo de contos de maneira sistematizada, para a realização de uma produção textual. Como objetivos específicos elencamos: analisar se o ensino de produção textual que leva em consideração o evento deflagrador contribui para a motivação e a geração de ideias no momento de se produzir um texto; e proporcionar a leitura prévia/sistematizada de contos como pré-requisito para o desenvolvimento das habilidades concernentes à produção de textos pertencentes a esse gênero. A pesquisa foi realizada com 35 alunos e teve uma duração de 20 horas/aula.

O nosso corpus discursivo foram as atividades que os sujeitos realizaram ao longo da pesquisa, sendo a última atividade a produção de um conto. Para esta produção, todas as atividades efetuadas anteriormente funcionaram como uma motivação. Ao analisarmos os contos da turma levamos em consideração três pontos: a contribuição do evento deflagrador para motivar o interesse pela produção do conto; o efeito da leitura prévia/sistematizada como meio de facilitar o despertar das ideias e, conseqüentemente, facilitar também a escrita de contos com mais criatividade; e a observação da presença de elementos pontuais da tipologia narrativa nos textos produzidos, conferindo-lhes, portanto, mais pertinência.

Além deste capítulo de introdução, este trabalho conta com mais quatro capítulos.

O segundo apresenta a fundamentação teórica, em que apresentamos a concepção de texto, o conceito de gêneros textuais e suas concepções para o ensino; neste mesmo tópico, inserimos uma abordagem sobre evento deflagrador e algumas definições sobre o gênero conto; nos outros últimos tópicos trabalhados ainda neste capítulo, abordamos uma discussão sobre a tipologia narrativa e os seus elementos estruturantes; por fim, falamos sobre a produção escrita no processo de ensino e aprendizagem.

No terceiro capítulo, discorremos sobre os aspectos metodológicos. Por conseguinte, foram inseridos os dados sobre o lócus e os participantes da pesquisa, bem como o tipo de pesquisa adotada. Além disso, está inserida a descrição detalhada das atividades desenvolvidas ao longo da nossa proposta de intervenção.

No capítulo subsequente, o quarto, descrevemos, analisamos e discutimos o material produzido durante a intervenção, nas atividades propostas. Também é parte integrante deste capítulo os resultados da avaliação do projeto.

Por fim, temos o quinto capítulo, composto pelas considerações finais, em que propomos uma retomada dos pontos principais da pesquisa, bem como vislumbramos os efeitos dela para nossa construção acadêmica e nossa prática docente futura.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A base teórica que norteia os nossos estudos para a produção e execução dessa pesquisa parte do conceito de texto como instrumento de interação (MARCUSCHI, 2008; CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO, 2010), dentre outros, e da abordagem sobre gêneros textuais e as suas implicações no processo de ensino-aprendizagem (ROJO; CORDEIRO, 2004; MARCUSCHI, 2008; ANTUNES, 2003) e outros autores de estudos pertinentes para o tema.

Ainda nesta seção, realizamos uma discussão sobre o conceito de evento deflagrador (ALVES FILHO, 2011) e uma abordagem sobre o gênero conto (GOTLIB, 1991). Também, discorremos sobre as principais características da tipologia narrativa, embasando-nos principalmente em Coelho (2000) e Adam (2019).

Por fim, discorremos sobre a produção escrita no contexto de ensino-aprendizagem; para isso, orientamo-nos principalmente por Vieira (2005), Serafini (1995) e Antunes (2003, 2005 e 2009).

### 2.1 O conceito de texto

De acordo com Marcuschi (2008), quando nos comunicamos linguisticamente, não o fazemos por meio de unidades isoladas como, por exemplo, fonemas, morfemas ou palavras soltas. Isso quer dizer que o ato de comunicação linguística só acontece por unidades mais amplas e constitutivamente complexas, que são os textos. Outros linguistas comungam dessa ideia. Antunes (2005, p. 30) diz que “Ninguém fala ou escreve por meio de palavras ou frases justapostas aleatoriamente, desconectadas, soltas, sem unidade. O que vale dizer: só nos comunicamos através de textos. Sejam eles orais ou escritos. Sejam eles grandes, médios ou pequenos”.

Uma vez apresentada essa perspectiva sobre o entrelaçamento entre textos e interações linguísticas, pretendemos, nesta seção, discorrer a respeito do(s) conceito(s) de texto. Contudo, já antecipamos que “é praticamente impossível estabelecer uma única definição de texto que seja suficientemente completa, por outro lado, é possível perceber recorrências nas definições direcionadas para consensos importantes a respeito do panorama atual dos estudos sobre o texto” (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO, 2010, p. 57).

Podemos começar a conceituar o texto com Santos, Riche e Teixeira (2015, p. 99):

Numa perspectiva sociointeracional da linguagem, o texto é visto como um tecido formado de muitos fios que se entrelaçam, compondo uma unidade significativa capaz de comunicar algo, em um contexto histórico-social, e não como um amontoado de frases, uma sucessão de enunciados interligados.

Quando as autoras afirmam, metaforicamente, que o texto é um tecido de muitos fios se entrelaçando, esses fios, a nosso ver, são os elementos da materialidade – no caso de materialidades verbais, fonemas, morfemas, palavras e frases – que se unem por meio e formam as “unidades amplas” (MARCUSCHI, 2008, p. 71).

Outro detalhe importante na definição de Santos, Riche e Teixeira (2015) é o fato de elas fazerem referência ao “contexto histórico-social”. O contexto, de fato, precisa ser levado em consideração, porquanto esse elemento contribui para as escolhas de um autor no momento de produzir seu texto (escrito, oral, misto, multissemiótico). Referindo-se à escrita, por exemplo, Antunes (2005, p. 29-30) afirma:

Não se escreve da mesma maneira, com os mesmos padrões, em contextos diferentes. A descrição de um apartamento será diferente, por exemplo, se ela é feita por um corretor interessado em vendê-lo, se ela é feita por algum comprador interessado em conseguir baixar o preço do imóvel ou se ela é feita por algum arquiteto que pretende fazer o projeto de sua decoração.

Retornando ao nosso objetivo central, a definição de texto, é importante destacar colocações como as de Marcuschi (2008, p. 72): “O texto pode ser tido como um tecido estruturado, uma entidade significativa, uma entidade de comunicação e um artefato sociohistórico”. Se o texto é um “tecido estruturado”, significa dizer que, ao produzi-lo, o autor precisa acionar diversos conhecimentos (linguísticos, enciclopédicos, textuais...) para que assim possa obter um texto capaz de comunicar algo com sentido.

Para Beaugrande (1997, *apud* MARCUSCHI, 2008, p. 80), “É essencial tomar o texto como um evento comunicativo no qual convergem ações linguísticas, cognitivas e sociais”. Marchuschi (2008) explica essa definição, primeiro, destacando que este é um conceito muito amplo; segundo, ressaltando que uma definição desta natureza envolve diversos aspectos, a saber:

1. O texto é visto como um sistema de conexões entre vários elementos, tais como sons, palavras, enunciados, significações, participantes, contextos, ações, etc.
2. O texto é construído numa orientação de multissistemas, ou seja, envolve tanto aspectos linguísticos como não linguísticos no seu processamento (imagem, música) e o texto se torna em geral multimodal;
3. O texto é um evento interativo e não se dá como um artefato monológico e solitário, sendo sempre um processo e uma coprodução (coautorias em vários níveis);
4. O texto compõe-se de elementos que são multifuncionais sob vários aspectos, tais como um som, uma palavra, uma significação, uma instrução etc. e deve ser processado com esta multifuncionalidade (MARCUSCHI, 2008, p. 60).

A validade de todos esses aspectos para a emergência de um texto é inquestionável, porém o ponto três é mais substancial para nós, pois está intimamente ligado à ideia da interação, e, ao longo dessa discussão, estamos mostrando esse entrelaçamento entre texto e interação. Acreditamos que o texto é feito pela e para a interação.

Outros estudiosos apresentam contribuições relevantes ao refletirem sobre o objeto texto. Cavalcante e Custódio Filho (2010, p. 60), por exemplo, dizem “que a perspectiva assumida na atualidade investe no entendimento do texto como um artefato dinâmico, por isso, é possível tratá-lo como um evento (altamente complexo)”.

Os autores explicam essa dinamicidade a partir de Koch (2004), a qual discorre sobre a coerência textual, que, nos primórdios da linguística textual, era observada apenas na superfície do texto, por meio dos elementos contextuais, mas que, agora, é analisada com base no reconhecimento da necessidade de se considerar a contribuição do interlocutor numa determinada situação de comunicação. “Isso implica que a complexidade do objeto texto demanda uma noção mais elástica de coerência (e de textualidade), que privilegie a importância de cada interação e do trabalho dos sujeitos na procura pela coerência textual” (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO, 2010, p. 61).

Propusemo-nos, nesta seção, conceituar o objeto texto. Feito isto, fica patente a intrínseca relação entre locutor, texto e interlocutor, sendo essa tríade indispensável para um ato de comunicação, o qual sempre é estabelecido mediante a concretização de um gênero textual, tópico a ser abordado na próxima seção.

## **2.2 Gêneros textuais: conceituação e implicações para o ensino**

Cartas, contos, tirinhas, romances, bilhetes, cardápios, seminários, conferências, aulas, conversas, telefonemas, listas de compras, reportagens, bulas, receitas, fábulas, e assim sucessivamente. A lista de gêneros textuais é bastante ampla. Além de muitos, esses gêneros “circulam em esferas sociais específicas – cotidianas, burocráticas, de imprensa, dos negócios, literárias e artísticas etc.” (ROJO; CORDEIRO, 2004, p. 15). Não é à toa que muitos autores afirmam que, sempre que participamos de um evento linguístico, fazemos uso de um gênero textual. Sparano *et al* (2012, p. 12) confirmam esta perspectiva quando dizem: “o que quer que se diga ou escreva, ou o que quer que se ouça ou leia pertencerá a um gênero”.

Partindo da confirmação desse uso constitutivo dos gêneros textuais nas mais diversas ações da humanidade, torna-se fácil compreender afirmações como “gênero é um

instrumento de interação social” (WACHOWICZ, 2010, p. 26). Isso só confirma aquilo que as autoras citadas anteriormente destacaram, pois o ser humano vive interagindo com o outro. Logo, este instrumento está sempre sendo utilizado, seja por meio da oralidade, seja por meio da escrita, seja por meio de outras modalidades de linguagem além da verbal.

Além de os gêneros estarem em todos os atos de interação do ser humano, de acordo com Marcuschi (2008, p. 147), “o ensino de língua anda bastante centrado nos gêneros”. Diante dessa importância dada ao tema, acreditamos ser necessário apresentar outras definições/características elementares sobre gênero. Marcuschi (2008, p. 149) caracteriza os gêneros como:

- a) uma categoria cultural;
- b) um esquema cognitivo;
- c) uma forma de ação social;
- d) uma estrutura textual;
- e) uma forma de organização social;
- f) uma ação retórica.

Dentre esses pontos, gostaríamos de focar na estrutura textual, mas no sentido de prestarmos um esclarecimento, visto que há uma tendência natural de as pessoas focarem muito na estrutura de um texto para classificá-lo como sendo pertencente ao gênero X ou Y. Na verdade, como se vê na proposta de Marcuschi (2008), há fatores além da estrutura para se classificar um gênero. De acordo com o autor, o que determina um gênero é o seu propósito comunicativo, ou seja, a sua função. Diríamos que é o objetivo mais global que um texto, como pertencente a um gênero, tenciona efetivar.

Assim, se o sujeito apostar apenas na estrutura para chegar a um caráter de classificação genérica sobre um dado texto, ele deve estar preparado para a possibilidade do erro, uma vez que os gêneros apresentam dinamicidade, são maleáveis quanto ao quesito estrutura, pois é possível termos, por exemplo, um artigo de opinião na estrutura de um poema. O próprio Marcuschi (2008) exemplifica esse fato, quando apresenta um texto retirado do jornal *Folha de São Paulo*, intitulado *Um novo José*, escrito por Josias de Souza. Embora o texto traga uma intertextualidade com o poema *E agora, José*, de Drummond, não se trata de um texto cuja função predominante seja a poética.

Para esclarecer melhor sobre como isso é possível, apresentamos a seguir um trecho do artigo de opinião apresentado por Marcuschi; a título de ilustração, transcrevemos apenas alguns versos do que é colocado pelo linguista.

#### **Um novo José**

*Josias de Souza*  
*-São Paulo-*  
 Calma, José,  
 A festa não recomeçou,  
 a luz não acendeu,  
 A noite não esquentou,  
 O Malan não amoleceu.  
 Mas se voltar a pergunta:  
 e agora, José?  
 Diga: ora, Drummond,  
 agora Camdessus.  
 Continua sem mulher,  
 continua sem discurso,  
 continua sem carinho,  
 ainda não pode beber,  
 ainda não pode fumar,  
 cuspir ainda não pode,  
 a noite ainda é fria,  
 o dia ainda não veio,  
 o riso ainda não veio,  
 não veio a utopia,  
 o Malan tem miopia.

Marcuschi (2008) relata que o texto ora apresentado mostra uma explícita relação com o poema de Drummond, mas é inserido no jornal como um artigo de opinião. Essa fusão de gêneros se explica por meio de um fenômeno denominado intergenericidade, que se trata de “um gênero com a função de outro” (MARCUSCHI, 2008, p. 167).

Certamente, diante dessas colocações, talvez possam surgir dúvidas sobre quais seriam então, os aspectos a serem levados em consideração no momento de classificar um gênero. Novamente recorreremos a Marcuschi (2008, p. 156), quando, embasado em Bronckart (2001), defende que “os gêneros têm uma identidade e eles são entidades poderosas que, na produção textual, nos condicionam a escolhas que não podem ser totalmente livres nem aleatórias, seja sob o ponto de vista do léxico, grau de formalidade ou natureza dos temas”.

Percebe-se, nessa fala de Marcuschi, que nem tudo nos gêneros é passível de maleabilidade. A razoável estabilidade é necessária, na medida em que essa “identidade” facilita o trabalho do sujeito no que toca à identificação, à compreensão e à produção dos gêneros textuais. É importante para o usuário de uma língua saber que existe o lado flexível destes, mas, também, que existe aquilo que é fixo em cada um.

Ainda assim, essa discussão é mais longa do que parece, parafraseando Marcuschi (2008). Posicionando-se inspirado em Bakhtin (1979), o pesquisador fala da união entre os gêneros; em outras palavras, há um entrelaçamento entre eles, que podem se unir gerando outros gêneros. Como ilustração, vejamos:

Tome-se o caso da epígrafe que aparece em múltiplos lugares, mas de modo particular nos livros didáticos. Uma epígrafe é constituída de um poema, uma frase, um conto breve, uma máxima ou qualquer outro gênero e não tem uma característica específica, a não ser um determinado local no texto, que sugere se tratar de uma epígrafe. Assim, em muitos casos, apenas o local em que um texto aparece permite que determinemos com alguma precisão de que gênero se trata. (MARCUSCHI, 2008, p. 164).

Sobre essa fusão de gêneros, é interessante vermos também o que pensam Sparano et al (2012, p. 22-23):

Basta observarmos os gêneros e vermos que eles mudam, migram, se transmutam. Essas são sua forma de existir, como o gênero carta, que foi ampliando o número de funções e se multiplicando em subgêneros: carta de amor; carta comercial; carta aberta ou carta de manifesto; carta de cobrança e outras.

A tarefa de nomear um gênero textual e/ou escrever um texto pertencente a um determinado gênero exige perspicácia e prática. Perspicácia pelo fato de os gêneros apresentarem essas fusões e dinamicidade em seus aspectos estruturais, o que pode, muitas vezes, causar dúvidas para quem está no papel de classificar o gênero de um determinado texto ou produzir por escrito ou oralmente um texto do gênero A ou B. Prática, no sentido de que, quanto mais o usuário de uma língua (e aqui fazemos referência, sobretudo, ao aluno) tiver contato com os diversos gêneros, mais habilidades esse indivíduo tem para perceber as peculiaridades de cada um.

Um exemplo dos efeitos causados por essa confusão das fusões entre os gêneros dá-se entre os gêneros conto e crônica; como a maioria das crônicas são textos curtos e são de caráter narrativo, apresentando personagens, narrador e outros elementos da tipologia narrativa como os contos, na nossa experiência de magistério já nos deparamos com alunos confundindo conto com crônica e vice-versa.

Acreditamos que tudo isso fica mais simplificado na convivência cotidiana com os textos dos mais variados gêneros, e isso é perfeitamente possível na sala de aula. O professor de Língua Portuguesa precisa proporcionar o contato permanente entre aluno e texto. Isso se revela como importante, também (mas não apenas por isso), a partir da constatação de que as competências e habilidades que se cobram dos alunos em provas externas como, por exemplo, o Sistema Permanente de Avaliação da Educação Básica do Ceará (SPAECE), o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB) e o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), “são avaliadas em textos de diferentes tipos e funções” (ANTUNES, 2003, p. 22).

Outro aspecto que queremos observar, ainda, é a relação entre o conceito de gênero e de sequência textual, que Marcuschi (2008) chama de *tipo textual*. Para o autor,

Tipo textual designa uma espécie de construção teórica (em geral uma sequência subjacente aos textos) definida pela natureza linguística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas, estilo). O tipo caracteriza-se muito mais como sequências linguísticas {sequências retóricas} do que como textos materializados; a rigor, são modos textuais. Em geral, os tipos textuais abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como narração, argumentação exposição, descrição, injunção. O conjunto de categorias para designar tipos textuais é limitado e sem tendência a aumentar (MARCUSCHI, 2008, p. 154-155).

Essas sequências (assim preferimos denominá-las) estão inseridas nos gêneros e, a nosso ver, também contribuem para o reconhecimento de um dado gênero. Embora costume haver a predominância de uma dada sequência em um determinado gênero, elas sempre se mesclam em um texto. Para Marcuschi (2008, p. 158), “de maneira geral, vai-se notar uma grande heterogeneidade tipológica nos gêneros textuais”.

Outro aspecto interessante para o que estamos abordando nessa discussão é a ligação entre gênero e evento deflagrador. “Evento deflagrador é o nome usado para caracterizar um acontecimento factual ou discursivo que é usado como o desencadeador para a produção de um certo texto que participa de um gênero” (PARE; SMART, 1994, *apud* ALVES FILHO, 2011, p. 40-41).

Com essa afirmação, nota-se que o evento deflagrador é a causa para uma atividade de interação social, quer por meio da escrita, quer por meio da oralidade, quer por meio de outras linguagens, e, conseqüentemente, também é o responsável pela escolha e a produção de um gênero textual, ou seja, evento deflagrador e gênero textual estão interligados. Alves Filho (2011, p. 40) exemplifica: “no caso de uma notícia, o evento deflagrador é um fato ocorrido recentemente (mas não um fato antigo ou fictício) o qual precisa ser visto como tendo relevância social e não apenas individual”.

Além desse exemplo, Alves Filho (2011) apresenta outros, dentre os quais podemos fazer referência ao que ele aborda sobre *curriculum vitae*; para ele, o evento deflagrador desse gênero pode ser o fato de uma pessoa se encontrar desempregada e necessitar de um trabalho. Portanto, percebe-se que o evento deflagrador é o que realmente norteia um ato de interação social. Diante disso, parece-nos muito oportuno levar esse conceito para as aulas de Língua Portuguesa. Essa ideia é reforçada por Alves Filho (2011, p. 40) quando este afirma que “o evento deflagrador é extremamente importante para elaboração

de propostas de produção de texto pelo fato de indicar claramente o ponto de partida para a escrita de um texto”.

Na verdade, podemos dizer que essa colocação de Alves Filho (2011), especialmente quando ele fala sobre “ponto de partida”, é um elemento substancial para o nosso trabalho, uma vez que a nossa intenção é propor estratégias que motivem o aluno no momento da produção textual.

A nosso ver, permitir ao aluno conhecer essa relação entre gêneros textuais e evento deflagrador é uma ótima estratégia para começarmos a motivá-lo para a escrita. Sentimo-nos mais confiantes em lançar mão dessa prática a partir de Alves Filho (2011, p. 41) no momento em que ele reforça “que o conhecimento por parte dos alunos das relações entre gêneros e eventos deflagradores é fundamental para que eles compreendam onde buscar informações, que tipo de tratamento precisam dar ao tema e a que funções precisam atender”.

### **2.3 O gênero conto**

A partir do exposto, pretendemos aplicar uma experiência de atividade de produção textual com base no conto. A escolha por esse gênero se deu por dois motivos. Primeiro, apesar de ser um gênero trabalhado nas séries que antecedem o 8º ano, percebíamos que a turma ainda não tinha desenvolvido muitas das habilidades necessárias para a produção de um conto. Depois, durante as atividades de leitura desenvolvidas na sala de aula, ainda no período em que planejávamos o projeto, era perceptível o interesse da turma por narrativas curtas como o conto. Já que o nosso objetivo era motivar para a escrita, era muito interessante trazer para a sala de aula um gênero cuja prática despertasse o interesse dos alunos.

Para falar sobre esse gênero, é importante destacar que ele está eminentemente inserido na tipologia narrativa cuja característica básica é ser um texto curto. Conforme defendem alguns estudiosos, o conto é um gênero que lida com a “economia dos meios narrativos. Trata-se de conseguir, com o mínimo de meios, o máximo de efeitos” (GOTLIB, 1991, p. 35). Outros pesquisadores, como por exemplo, Coelho (2000), comungam desse paradoxo em relação à dimensão do conto, ou seja, reconhecem que se trata de um gênero escrito em poucas páginas, mas ao mesmo tempo, manifestam o reconhecimento de que muito pode ser dito/experimentado a partir de um conto. “Tudo no conto é condensado: a efabulação se desenvolve em torno de uma única ação ou situação; a caracterização das personagens e do espaço é breve; a duração temporal é curta... Daí sua pequena extensão material” (COELHO, 2000, p. 71). Quando a autora destaca a “pequena extensão material”, ela deixa implícita a sua

visão de que a pequenez de um conto se dá apenas naquilo que é visível, que é a sua estrutura, a dimensão física do texto. Talvez seja justamente por esse aspecto de ser um texto breve que o conto seja considerado “um veículo manobrável que pode abarcar os detalhes que não conseguem ser tratados adequadamente nos romances. Neles podemos experimentar tanto na linguagem quanto no enredo” (MURAKAMI, 2017, p.78).

Assim como a fábula, o romance, a novela e outros gêneros pertencentes à arte do narrar, o conto é uma narrativa surgida há muitos séculos; “absolutamente não é um gênero novo, produto do século XIX. Suas origens são antigas e remontam, segundo alguns, às baladas da pré-história” (GOTLIB, 1991, p. 35). Além disso, “Desde os primórdios, o conto tem-se revelado como a forma privilegiada da literatura popular e da infantil” (COELHO, 2000, p.71).

A tipologia narrativa, dada sua enorme importância nas configurações sociais, continua sendo objeto de estudo nas aulas de língua materna, quer nas atividades de leitura, quer nas atividades de produção textual. Esse uso efetivo do texto narrativo tem se estendido aos processos seletivos de universidades. O vestibular de 2017.2 da Universidade Estadual do Ceará (UECE), por exemplo, apresentou como uma de suas propostas para a prova de redação, um texto narrativo. Eis a proposta: “**Proposta 2:** Narre um fato real ou imaginário em que uma criança se sacrificou, lutou, transpôs obstáculos para frequentar uma escola. Especifique em que consistiu esse sacrifício, essa luta, esses obstáculos e demonstre que essa criança foi uma vencedora” (UECE, 2017). Observe-se, nesse caso, a presença, na proposta, de elementos que indicam qual evento deflagrador o candidato deve considerar em sua produção: a necessidade de contar uma história em que a “lição” seja a importância de uma conquista decorrente de esforço.

Estabelecendo-se a relação entre o ato de narrar e o efeito sobre o interlocutor, é relevante destacar que, “ao iniciar o processo de escrever histórias, é o efeito que o autor deve levar em conta: qual o efeito que pretende causar no leitor?” (GOTLIB, 1991, p. 35). Torna-se importante, para o autor de uma narrativa (em nosso caso específico, do conto), ter essa compreensão, porque ele já escreverá seu texto comportando-se não como um produtor de um texto qualquer, mas como um autor que precisa causar algum efeito no seu interlocutor.

Com isso em mente, é preciso considerar que efeitos podem advir das interações por meio de narrativas. Por isso, na seção seguinte, discorreremos sobre a tipologia narrativa.

#### **2.4 A tipologia narrativa: um olhar sobre os elementos estruturantes**

A observação do uso constante que o homem faz da linguagem permite dizer que a tipologia narrativa é uma das mais utilizadas pelo ser humano nos seus eventos de interação social. É inerente ao ser humano a necessidade de narrar a um amigo, vizinho, parente ou colega de trabalho algo que lhe tenha ocorrido, nem que se trate do assunto mais banal, sem falar nas notícias que rapidamente circulam entre os membros de uma sociedade e que também são dadas a conhecer por meio do ato de narrar. Contar uma história, portanto, seja por meio da escrita, seja por meio da oralidade, sendo real ou fictícia, é próprio da conduta humana.

É provável, por conta desse contato assíduo entre o homem e o texto narrativo, que “Todos os falantes de uma língua conseguem narrar e compreender histórias, acontecimentos, experiências pessoais, todos possuem uma competência narrativa” (SPARANO *et al*, 2012, p. 50). Talvez seja justamente por conta dessa “competência narrativa” que os usuários de uma língua usufruem tanto dos textos marcadamente narrativos.

Assim, faz-se mister destacar um detalhe importante: “Para que haja narrativa, é necessária uma sucessão mínima de acontecimentos ocorrendo” (ADAM, 2019, p. 114). Essa sucessão mínima se dá por meio dos personagens em ação, acontece a partir de um desenvolvimento conectado de todos os elementos essenciais do texto narrativo. Um entendimento simplificado desses elementos nos possibilita definir cinco “partes” do enredo narrativo: “situação inicial, nó, re-ação ou avaliação, desfecho ou resolução e situação final” (ADAM, 2019, p. 114). Além desses elementos, Adam também menciona a moral da história.

A situação inicial é a parte introdutória da narrativa e “Tem por objetivo localizar o trecho da história no tempo e no espaço, apresentar os principais personagens e caracterizá-los” (COELHO, 2008, p 22). Diante de tal explicação, é válido ressaltar que a situação inicial é o momento de situar o interlocutor no texto, de prepará-lo para o contato com o enredo. Para dizer o que é o nó/conflito, Sparano *et al* (2012) embasados em Coirier, Gaonac’h e Passerault (1996), destacam que é um acontecimento que desencadeia uma complicação para determinado personagem ou para a história como um todo (SPARANO *et al*, 2012, p. 51). O nó ou conflito é um dos elementos mais significativos do texto narrativo, pois, a partir dele, se estabelece um desequilíbrio na narrativa – até então tudo acontece tranquilamente – e as ações dos personagens passam a girar em torno desse problema.

Já a re-ação ou avaliação representa a atitude do(s) personagem(ns) diante do nó/conflito. O desfecho/resolução configura o modo como o conflito é resolvido. Por último, vem a situação final, onde é apresentado o encerramento do enredo. A moral equivale ao ensinamento ou à reflexão (explícitos ou implícitos) possibilitados pelo entendimento do

enredo como um todo. Para melhor compreensão de como se dá o uso efetivo desses elementos na narrativa, segue uma pequena fábula, com posterior definição de suas partes.

*O cão e o pedaço de carne*

Um cão atravessava o rio com um pedaço de carne na boca. Quando viu seu reflexo na água, pensou que fosse outro cão carregando um pedaço de carne ainda maior. Soltou então o pedaço que carregava e se jogou na água para pegar o outro. Resultado: não ficou nem com um nem com outro, pois o primeiro foi levado pela correnteza e o segundo não existia.

Cuidado com a cupidez (ESOPO, 1997, p. 34, *apud* SPARANO *et al* 2012, p. 51).

O quadro a seguir mostra a identificação desses elementos da tipologia narrativa, na composição da fábula apresentada:

**Quadro 1- Composição da fábula O cão e o pedaço de carne**

Situação inicial	“Um cão atravessava o rio com um pedaço de carne na boca”.
Nó (conflito)	“Quando viu seu reflexo na água, pensou que fosse outro cão carregando um pedaço de carne ainda maior”.
Re-ação	“Soltou então o pedaço que carregava e se jogou na água para pegar o outro”.
Resolução	“[...] não ficou nem com um nem com outro, pois o primeiro foi levado pela correnteza e o segundo não existia”.
Situação final	Não aparece no texto.
Moral	“Cuidado com a cupidez”.

Fonte: Adaptado de Sparano *et al* (2012, p. 52).

Além das unidades do enredo mencionadas, há que se destacar, também, uma unidade não contemplada por Adam: o clímax, o momento mais tenso da narrativa, que deixa o interlocutor nervoso, apreensivo e ansioso; o ponto da narrativa em que a ação atinge seu momento crítico, tornando o desfecho inevitável. Embasando-nos em Nunes (1989), podemos dizer que o clímax ocorre quando a narrativa atinge o seu ápice.

Um texto de tipologia narrativa pode ser analisado com base em outros elementos além da composição do enredo propriamente dito: personagem, narrador, tempo e espaço.

O componente personagem corresponde à “transfiguração de uma realidade humana (existente no plano comum da vida ou num plano imaginário) transposta para o plano da realidade estética (ou literária). Não há narrativa sem personagens que executem ou vivam” (COELHO, 2000, p. 74).

Dentro dessa linha de valorização do personagem para a construção de um enredo, outros pesquisadores abordam sobre as condições necessárias para a criação deste componente, fato que pode ser comprovado em falas como:

Acho que, da mesma forma que precisamos ler muitos livros para escrever romances, temos que conhecer muitas pessoas para criar personagens. [...] E também é importante observar não só as pessoas agradáveis, mas também as chatas e até as repugnantes, sem distinção (MURAKAMI, 2017, p. 124-125).

Essas duas condições colocadas pelo autor revelam que, para ele, observar o modo de ser e agir de variadas pessoas contribui substancialmente para a criação de um personagem.

O narrador é uma instanciação de uma entidade que “pertence ao texto; fora deste, ele não existe. Entidade fictícia, o narrador é responsável pela enunciação ou pela dinâmica que concretiza a narrativa, isto é, que produz o discurso narrativo” (COELHO, 2008, p. 67). Com esse discurso narrativo, o narrador apresenta o nó, a atitude dos personagens diante deste, bem como muitas ações geradas em torno do conflito.

Novamente falando a respeito do narrador, pode-se dizer que há, basicamente, dois modos de narrar uma história: em primeira ou em terceira pessoa. É o que atesta Wood (2012) quando diz que “A casa da ficção tem muitas janelas, mas só duas ou três portas. Posso contar uma história na primeira pessoa ou na terceira pessoa, e talvez na segunda pessoa do singular e na primeira do plural, mesmo sendo raríssimos os exemplos de casos que deram certo” (WOOD, 2012, p. 17).

Reportando-se ao tempo, outro componente do texto narrativo, é interessante destacar que qualquer narrativa, independentemente do gênero, ocorre em algum intervalo de tempo. E o autor de um texto narrativo tem variadas formas para marcar o tempo durante uma narração, vejamos:

Há inúmeros recursos de que o autor lança mãos para marcar o tempo em sua narrativa, ou para registrar o processo temporal em que as personagens estão envolvidas. A passagem das horas, dias, anos, etc. é marcada pela sucessão dos dias e das noites, pela sucessão cíclica das estações, pelas modificações do espaço, onde as coisas vão envelhecendo, pelos mil fatos do cotidiano, pelas datas registradas com precisão; etc. (COELHO, 2000, p. 79).

A marcação do tempo dentro de um texto é essencial para o interlocutor acompanhar o desenvolvimento do enredo. Coelho fala também sobre os tipos de tempo que

as personagens podem viver durante o desenvolvimento de um enredo. Para a autora, há três tipos de tempo, a saber, o exterior, o interior e o mítico. Assim, ela os classifica:

O tempo exterior corresponde ao tempo natural (dos dias e das noites) e ao tempo cronológico (o tempo do relógio ou o tempo histórico, no qual a existência decorre). [...] O tempo interior corresponde ao tempo vivido pelo eu da personagem. [...] O tempo mítico corresponde ao tempo imutável, eterno, que se repete sempre igual, sem evolução, nem desgaste: é o tempo da fábula, das lendas, do mito da Bíblia, da ficção do ‘Era uma vez...’. É esse o tempo ideal da literatura infantil (COELHO, 2000, p. 79- 80).

Após refletir sobre os tipos de tempo numa ficção literária, é necessário falar sobre o espaço, aquele elemento da tipologia narrativa que, nos textos escritos, faz o interlocutor ficar imaginando, supondo como ele é, tentando fazer pressuposições de cores, formas, tamanho, dentre outros. “O ponto de apoio para a ação das personagens é o espaço (ambiente, cenário, cena, mundo exterior. Ele determina as circunstâncias locais, espaciais ou concretas, que dão realidade e verossimilhança aos sucessos narrados” (COELHO, 2000, p. 77).

A autora defende que há, basicamente, três tipos de espaço, sendo estes o espaço natural, o social e o trans-real. Eis a definição de cada um:

1. Espaço natural (paisagem gruta, montanha, planície, deserto, mar, rios... enfim, a natureza livre, o ambiente aberto, não modificado pelo trabalho do homem, pela civilização tecnológica)
2. Espaço social (casa, castelo, palácio, tenda, veículo de locomoção como trem, charrete, avião, carro, foguete, etc., ou melhor, os elementos da natureza ou do ambiente modificados pela técnica, pelo trabalho de transformação do homem).
3. Espaço trans-real (ambiente criado pela imaginação do homem; espaço não localizável no mundo real, tal como conhecemos; espaço maravilhoso. É o espaço existente nas antigas novelas de cavalaria, nos contos maravilhosos, nas fábulas, etc. (COELHO, 2000, p. 77).

A partir dessas definições, pode-se afirmar que a leitura de um conto, romance, novela, fábula, dentre outros gêneros pertencentes à tipologia narrativa, possibilita a “visita” a algum desses espaços. Isso pode ser comprovado, por exemplo, a partir da observação de um clássico da literatura infantil; no conto *Chapeuzinho Vermelho*, de Charles Perrault, as principais cenas ocorrem em dois tipos de espaços: no espaço natural, que é a floresta, na cena em que a personagem protagonista se encontra com o lobo, e no espaço social, que é a casa da vovozinha onde o lobo concretiza sua maldade. Outro exemplo pode ser observado no conto *A moça tecelã*, de Marina Colasanti; todas as cenas do enredo ocorrem em um espaço social, sendo a maioria delas no castelo que a tecelã construiu para morar com o esposo explorador.

A observação dessa complexidade de elementos integradores da narrativa nos permite perceber, por meio de narrativas, que são práticas fundamentais de nossas vidas, tanto

que precisam fazer parte do aprendizado escolar. A orientação docente pode contribuir para que os aprendizes possam reconhecer, nessas práticas, possibilidades de desenvolvimento humano, com reflexos em muitas esferas da vida. Com esse gancho, passamos a refletir sobre o ensino e aprendizagem de produção textual escrita.

## 2.5 Produção escrita, ensino e aprendizagem

Desde os primórdios da vida intelectual, o ser humano sente a necessidade de se comunicar por algum tipo de escrita, fato confirmado em Coelho (2000, p. 65):

Desde suas origens pré-históricas, o homem procurou se comunicar ou marcar sua presença no mundo através de uma determinada escrita, isto é, de uma forma concreta de registrar sua fala e fazê-la perdurar no tempo. Foram vários os suportes físicos descobertos pelo homem para inscrever suas mensagens: pedras, tabuinhas de argila, pele de animais, o córtex das árvores, junco, chifres... materiais tirados da natureza e nos quais, com o auxílio do buril, o “escritor” fazia riscos para transmitir seus pensamentos aos outros.

Do panorama percebido pela descrição de Coelho até os dias de hoje, muitos séculos já se somaram, o que nos permite salientar que a escrita faz parte da vida humana “de modo significativo” (ABAURRE; ABAUBRRE, 2012, p. 9). Corroborando com essa importância da escrita na vida das pessoas, Vieira assim se manifesta:

Em uma sociedade letrada, a escrita permeia praticamente todos os nossos atos. Lendo ou redigindo, usando-a para propósitos triviais como os do dia a dia, ou em situações mais complexas como as da vida burocrática e acadêmica, o fato é que não se pode prescindir da linguagem escrita (VIEIRA, 2005, p. 27).

No entanto, escrever, tomando, aqui, esse verbo como sinônimo de elaborar um texto, não é uma tarefa tão simples, entre outros motivos, porque corresponde a uma competência demasiadamente complexa, que se desenvolve muito gradativamente. Partilhando desse pensamento em relação ao nível de complexidade da habilidade de realizar uma produção textual, Vieira destaca:

Lidar simultaneamente com processos de composição e de transcrição, saber como gerar ideias e distribuí-las no texto, adequando-as ao seu nível de formalidade e propósito comunicativo, tudo isso faz com que a escrita seja uma atividade por natureza complexa e difícil, sem falar do manejo das diferenças próprias do meio escrito, face ao oral (VIEIRA, 2005, p. 27).

Criar um texto escrito dotado de certa complexidade é realmente uma atividade desafiadora, pois implica lidar com algo que perpassa pelo enfrentamento de diversas

dificuldades, dentre elas, a geração de ideias. Sobre esse ponto específico – a geração de ideias –, Serafini (1995, p. 17) afirma que produzir um texto, ou “fazer uma redação escolar não significa criar por inspiração divina”. Longe de ser algo associado a divindades, escrever textos com ideias bem articuladas, coesas e coerentes demanda muitas experiências de “idas e vindas”. Aluno e professor enfrentam diversas situações de tentativas e aprimoramentos.

Enquanto Serafini (1995) destaca a dissociação entre a habilidade de produzir textos e as dimensões divinas, Antunes (2005) despreza a possibilidade de ser algo associado a dom. E assim se posiciona:

O mito de que somente sabem escrever as pessoas que nasceram com esse “dom” cai por terra numa análise aprofundada e objetiva. O dom de escrever é, na verdade, resultado de muita determinação, de muitas tentativas, de muita prática, afinal. Desde cedo dedicação (ANTUNES, 2005, p. 38-39).

As autoras deixam explícito que não se trata de uma competência trazida pela criança em seu nascimento ou adquirida por forças divinas. Pelo contrário, o ser humano vai conquistando tal habilidade ao longo do tempo, a partir da interação com o universo do texto, ou seja, ao passo que vai adquirindo variadas experiências de contato com o mundo letrado, por meio da leitura e da escrita.

Na verdade, “As atividades de leitura e escrita são complementares. Uma não existe sem a outra” (ABAURRE; ABAURRE, 2012, p. 9). Resultados de pesquisas “revelam que a leitura tem um efeito mais forte sobre o desenvolvimento da escrita que a própria frequência com que se escreve” (VIEIRA, 2005, p. 89). Afinal, não tem como o aluno ter boas ideias para escrever sobre o que ele desconhece. Por isso, a leitura é imprescindível para a realização da escrita. Ninguém consegue escrever um texto sem ter algo a dizer, “e ter o que dizer é, portanto, uma condição necessária para o êxito da atividade de escrever. Não há conhecimento linguístico (lexical ou gramatical) que supra a deficiência do não ter o que dizer” (ANTUNES, 2003, p. 45).

Efetivamente, o professor precisa considerar o exercício da leitura, da pesquisa, do debate, dentre outros, como formas necessárias para a motivação da produção escrita. Sobre isso, é relevante o posicionamento a seguir:

É sempre bom que qualquer proposta de produção textual esteja inserida em um eixo temático maior já bastante analisado e debatido pela turma. Podem ser utilizados textos, vídeos, propagandas veiculadas nos meios de comunicação, situações que gerem debate para que haja troca de opiniões, atividades que estimulem o envolvimento do grupo em torno do tema (SANTOS; RICHE; TEIXEIRA, 2015, p. 104).

Essa motivação é um fator fundamental para a realização de uma boa produção. Vieira (2005) faz um paralelo entre o desenvolvimento da escrita e a motivação como um processo psicológico, destacando dois tipos de motivação: a extrínseca e a intrínseca. A primeira, “Do ponto de vista behaviorista (Skinner e Watson), [...] está condicionada a recompensas externas, à antecipação de um reforço (fazer bem uma tarefa se for para a nota, se comportar bem para ganhar algo e coisas assim)” (VIEIRA, p. 72). A segunda motivação é explicada da seguinte forma:

Do ponto de vista cognitivista (cruzando elementos de várias teorias – Ausubel, 1968, Maslow, 1970; Hunt, 1965), os aspectos mais importantes são: a liberdade de escolha e a autonomia. Nestas teorias a ‘recompensa’ é mais genérica. O que tem mais peso são as fontes de motivação e o poder de se autogratificar. Trata-se da motivação intrínseca (VIEIRA, 2005, p. 72).

De acordo com essa autora, tratando-se de produção textual, a motivação aplicada deve ser, idealmente, a intrínseca. Compreende-se melhor essa ideia a partir de colocações como: “o indivíduo é intrinsecamente motivado quando se percebe capaz de se envolver e de completar uma tarefa específica, assim como de ter algum controle sobre ela” (VIEIRA, 2005, p. 73). Assim, pode-se perceber, nitidamente, a motivação acontecendo pela sensação de sentir-se capaz e não pelo seguimento ao padrão estímulo-resposta. De acordo com Vieira, para o aluno sentir-se capacitado para criar um texto, um dos lembretes necessários é “trabalhar a leitura e escrita de forma complementar” (VIEIRA, 2005, p. 75). A nossa pesquisa comunga dessa posição, pois intentamos, a partir da leitura e do estudo de contos, motivar o aluno para a produção de um conto autoral, com o objetivo de permitir que este se sinta motivado para essa produção por se sentir capaz de executar a atividade, ou seja, por estar intrinsecamente motivado.

O aluno motivado por meio da leitura, isto é, por meio da aquisição dos conhecimentos prévios e necessários para o ato de redigir um texto, certamente poderá ter problemas com os aspectos gramaticais inerentes ao texto, mas, quanto ao desenvolvimento da elaboração textual em si, sem dúvida, ele terá menos problemas.

Antunes (2009) defende entusiasticamente a ideia da intertextualidade e do intercâmbio, isto é, que os textos estão sempre embasados em outros, são sempre o resultado de uma leitura, tornando-se, a nosso ver, uma releitura com acréscimos e arranjos novos. Assim, ela se manifesta:

Cada novo texto traz reutilizado, recapitulado ou, melhor dizendo, reenquadrado outro ou outros textos precedentes. Essa reutilização é relevante ainda pelo fato de

possibilitar que, a partir dos textos retomados, o falante ou escritor se posicionem e elaborem seus próprios argumentos (ANTUNES, 2009, p. 166).

Esse contexto reforça a eficácia por trás da ação de um docente submeter o discente a uma atividade de produção textual somente se antes subsidiá-lo com conhecimentos prévios sobre o assunto. Caso contrário, o educador pode se preparar para presenciar o provável insucesso do aluno. Parafraseando Antunes (2009), é possível afirmar que a falta de sucesso dos alunos em suas produções é uma questão que não depende apenas de fatores linguísticos. Para a autora, esses fatores interferem bem menos que outros. Esses outros estão diretamente ligados à falta de conhecimento sobre o assunto a ser discorrido, o que é confirmado no excerto a seguir:

Na verdade, esse insucesso tem raízes em espaços e momentos anteriores àqueles da elaboração de um trabalho escrito. Tem raízes na ausência de uma condição básica, insubstituível, necessária, que é ter o que dizer. Ou seja, tem raízes na contingência daquela intertextualidade não estimulada, não providenciada na escola, que se satisfaz na rotina de escrever textos sem discussão prévia de informações e dados (ANTUNES, 2009, p. 167).

Nessa mesma seara, faz-se necessário recorrermos a Geraldi (1997, p. 137), ao abordar que, para “produzir um texto (em qualquer modalidade), é preciso que:

- a) se tenha o que dizer;
- b) se tenha uma razão para dizer o que se tem a dizer;
- c) se tenha para quem dizer o que se tem a dizer”.

Percebe-se, na sugestão do autor, a necessidade de o aluno estar preparado quanto ao assunto a ser tratado – o sujeito precisar ter “o que dizer” –, uma motivação para escrever e um destinatário para o texto, três fatores necessários para a aplicação de atividades de produção textual. Pretendemos nortear o nosso trabalho a partir dessas três colocações de Geraldi (1997), levando em consideração, principalmente, as suas colocações do item “a” e “b”. Em relação ao que o estudioso aborda no primeiro ponto, ter “o que dizer”, as nossas experiências de sala de aula nos mostram muitos alunos aflitos diante da incumbência de realizar uma atividade de produção textual. Essa aflição vem exatamente da carência que os discentes têm em relação ao que se deve colocar no papel. Prova disso é a recorrência de perguntas ou afirmações como “Professora, o que devo dizer?”; “Professora, eu não sei o que colocar”; “Professora, estou sem inspiração”.

Estudiosos como Serafini (1995 p. 30) destacam a fase de produção das ideias como sendo uma das fases fundamentais para a realização de uma produção textual (para a

autora, “redação”). Por isso, ela defende a necessidade de haver, antes do início da produção escrita, o momento de pesquisar, recolher e selecionar o material necessário para as leituras. Trata-se realmente de uma fase de se dedicar à busca de informações e, assim, adquirir conhecimentos necessários para a construção de um texto. Entre outras estratégias de registro desse trabalho inicial, a autora sugere: “A seleção da informação deve ser feita de modo muito concreto, arrolando numa folha de papel fatos, ideias, observações, fantasias, enfim, tudo aquilo que pode ter relação com o texto” (SERAFINI, 1995, p. 30).

Conforme já ressaltamos, além de o produtor de um texto ter de se preocupar com “ter o quer dizer”; outra preocupação é encontrar “razão para dizer o que se pretende”. Este critério está fortemente ligado ao evento deflagrador, pois este trata daquilo que motiva um ato de interação. Pensar na fusão destes dois fatores e torná-los pré-requisitos numa atividade de produção escrita é fundamental, pois, mais uma vez, recorrendo às nossas experiências de sala de aula, percebemos que é frequente os alunos escreverem textos sem um objetivo concreto, sem uma meta, sem uma motivação; quer dizer, até há uma motivação, realizar uma tarefa solicitada pelo (a) professor (a). Contudo, não é essa a motivação esperada e, nem tampouco, a adequada para se produzir um texto com autenticidade e criatividade.

Uma vez concluída a etapa da apropriação do conhecimento, bem como da determinação de um motivo para se escrever, é conveniente se pensar em como transformar as informações e ideias adquiridas ao longo da pesquisa em um texto coeso e coerente. Para isso, é preciso passar para a etapa do planejamento do texto, uma etapa tão importante quanto a anterior. “A elaboração de um plano prévio constitui uma ferramenta para o trabalho da escrita, uma estratégia que permite assegurar maior coerência entre o querer dizer e o dizer efetivado pelo texto” (CABRAL, 2013, p. 254).

O planejamento do texto ajuda o produtor a não correr riscos de se perder durante a escrita. Entretanto, muitos alunos, por mais de um motivo, sendo um deles a pouca experiência, caem na armadilha de menosprezar a importância do planejamento. “Os produtores imaturos, acreditando que o planejamento de um texto consiste na busca por ideias, costumam passar da geração de ideias para a escrita, o que os leva, muito frequentemente, a se perderem durante o processo da textualização” (CABRAL, 2013, p. 255).

Concluimos essa discussão ratificando a importância do planejamento de um texto, pois não há dúvidas de que planejar a escrita é uma maneira de evitar um texto com ideias vagas e desconexas, o que se configura, portanto, em uma produção carente de autenticidade.

Com isso, encerramos nosso capítulo de fundamentação teórica, em que tentamos focalizar os aspectos realmente importantes para a execução de nossa intervenção, a saber:

- a) o entendimento de que a comunicação humana é mediada por textos que pertencem a gêneros textuais;
- b) o gênero conto, como predominantemente narrativo, pode ser usado com produtividade, nas aulas de produção textual, como meio de propiciar a vivência humana mediada pelos textos ficcionais;
- c) o trabalho pedagógico com a produção escrita pode ser beneficiado com atividades de pré-escrita, que contemplam a leitura prévia e a definição da motivação para escrever.

Tendo essas coordenadas estabelecidas, encaminha-nos para a definição dos aspectos metodológicos de nossa intervenção.

### 3 CAMINHO METODOLÓGICO

Neste capítulo, discorreremos sobre os componentes metodológicos deste trabalho investigativo. Fazemos, primeiramente, uma abordagem a respeito da pesquisa adotada e dos procedimentos legais e necessários para o desenvolvimento da pesquisa. Em seguida, apresentamos o contexto de realização da investigação. Por último, apresentamos a descrição das atividades realizadas no desenvolvimento da intervenção.

#### 3.1 Tipo de pesquisa

O método de pesquisa escolhido para a efetivação deste trabalho foi a pesquisa-ação. Segundo Tripp (2005, p. 445), “A pesquisa-ação educacional é principalmente uma estratégia para o desenvolvimento de professores e pesquisadores de modo que eles possam utilizar suas pesquisas para aprimorar seu ensino e, em decorrência, o aprendizado de seus alunos”. Tripp (2005, p. 447) completa: a pesquisa-ação é “inovadora, contínua, pró-ativa estrategicamente, participativa, intervencionista, problematizada, deliberada, documentada, compreendida e disseminada”.

Foi com base nessas características que optamos pelo método da pesquisa-ação para a realização deste trabalho, sobretudo pelo seu caráter intervencionista, pois o nosso objetivo era propor uma intervenção a partir da identificação de um problema, que, neste caso, foi a observação da pouca habilidade dos alunos nas atividades de produção textual, principalmente no processo de geração das ideias e planejamento textual. Este problema foi constatado a partir das nossas experiências em sala de aula – a professora pesquisadora também era a docente titular da disciplina de Língua Portuguesa na turma –, ao trabalharmos com o ensino de produção textual, identificamos, nesta turma, muitos alunos com dificuldades para produzir textos. Por isso, ao usarmos este método, buscamos contribuir com o desenvolvimento de estratégias para o aperfeiçoamento da habilidade de produzir textos pertencentes à tipologia narrativa, de modo mais específico, do gênero conto.

Para isso desenvolvemos uma sequência de atividades sistematizadas, a fim de que, no final, o aluno estivesse motivado para escrita de um conto, bem como estivesse com uma boa bagagem de conhecimentos sobre as características básicas deste gênero para que assim tivesse mais propriedade no ato da escrita.

### 3.2 O contexto da pesquisa

A pesquisa foi realizada no segundo semestre letivo de 2019 e aconteceu na turma do 8º ano A, no turno da manhã, na E. E. F. Municipal Cel. Estevão Alves da Rocha, localizada no seguinte endereço: Praça Duque de Caxias, número 132, bairro Putiú, zona urbana da cidade de Baturité-CE. O bairro onde a escola está situada fica a uma distância de aproximadamente 2 km do centro da cidade.

A fundação deste prédio de ensino se deu no dia 08 de junho de 1967. Até o ano de 2018, a estrutura física pertencia à rede estadual de ensino, ou seja, tratava-se de um prédio estadual, que era “emprestado” para o município. Existia então uma parceria entre estado e município. Somente em 2018, a escola foi totalmente desligada da Rede Estadual.

A escola funciona nos turnos da manhã e da tarde, oferecendo matrículas para alunos do 3º a 9º ano do ensino fundamental. Para acomodar toda a sua clientela, conta com outro prédio, que funciona como um anexo – a Betel – localizada na rua Edmundo Bastos, S/N, no bairro Sanharão, Baturité- CE, também a cerca de 2 km de distância do centro da cidade. Neste prédio anexo, é ofertado o ensino para as turmas do 3º ao 5º ano. Sua estrutura é composta por cinco salas de aula, uma sala de leitura, uma sala de coordenação, uma sala de professores, um refeitório e uma cantina.

A estrutura da escola matriz, em que estudam as turmas do 4º ao 9º ano, é composta por nove salas de aula, um laboratório de informática – que, no período em que o projeto foi aplicado, não estava funcionando –, uma sala de auditório, um laboratório de ciências, uma sala de leitura, uma sala de coordenação, uma diretoria, uma secretaria escolar, uma sala de professores, uma cantina, cinco banheiros femininos, cinco banheiros masculinos, um banheiro de acessibilidade e um banheiro para os funcionários.

Quando aplicamos o nosso projeto, em 2019, a escola tinha uma total de 714 alunos, considerando-se a clientela da unidade matriz e do anexo. Este total de alunos estava distribuído em 25 turmas: dois terceiros anos, três quartos anos, quatro quintos anos, cinco sextos anos, quatro sétimos anos, três oitavos anos, três nonos anos. Para dar conta de toda essa demanda de estudantes, o quadro de funcionários da escola, em 2019, era composto por 48 servidores. No quadro a seguir, apresentamos a distribuição da quantidade de funcionários para cada função:

**Quadro 2 – quadro de funcionários da E. E. F. Municipal Cel. Estevão Alves da Rocha em 2019**

<b>CARGO</b>	<b>QUANTIDADE</b>
Diretor escolar	01
Coordenador pedagógico	03
Secretário escolar	01
Professor	25
Agente administrativo	02
Monitor do laboratório de informática	01
Merendeiros	05
Funcionário de serviços gerais	04
Porteiro	01
Vigia	05

Fonte: Elaborado pela autora.

### **3.3 Os sujeitos da pesquisa**

Embora tenhamos abordado, na seção anterior, que a escola Estevão Alves da Rocha é localizada na sede do município, os alunos que nela estudam são oriundos da zona urbana e da zona rural. Aqueles que residem na área rural fazem uso do ônibus escolar para se deslocarem até o colégio. Além destes, há alguns estudantes que, mesmo morando na sede do município, usufruem do transporte escolar por conta de morarem mais distante da unidade de ensino. Partindo desta realidade, afirmamos que o público-alvo de nossa pesquisa foi formado por alunos da zona urbana e rural do município de Baturité.

Este público era composto por 35 alunos (no diário de classe, havia uma relação de 36 alunos, mas uma aluna foi transferida no início do segundo semestre). Deste universo de 35 estudantes, dezenove eram meninas e dezesseis meninos. Quanto à faixa etária, houve uma variação de 13 a 15 anos, sendo sete estudantes com 15 anos, dezoito com 14 anos e dez com 13 anos.

Ao questionarmos sobre a composição familiar, sobretudo em relação ao fato de estes sujeitos morarem ou não com os pais, vinte alunos disseram que moravam com o pai e a mãe; oito afirmaram morar apenas com a mãe; quatro destacaram que viviam com os avós;

dois disseram morar com outras pessoas, ou seja, não viviam nem com o pai, nem com a mãe, nem com os avós; um sujeito deixou de prestar essa informação.

Com exceção de cinco estudantes, todos declararam ter irmãos, o número de irmãos variando de um a oito. Indagados se as mães participavam do Programa Bolsa Família, um programa social do governo federal para famílias de baixa renda, quatorze alunos responderam positivamente, sete responderam negativamente e quatorze não informaram.

Para conhecermos um pouco mais sobre a situação socioeconômica destes estudantes, indagamos-lhes sobre a profissão de seus pais e de suas mães. No que diz respeito à ocupação das genitoras, apresentamos, a seguir, um quadro com o detalhamento dessas informações.

**Quadro 3 – profissão das mães dos alunos-sujeitos da pesquisa**

<b>Profissão</b>	<b>Quantidade de mães que exercem essa profissão</b>	<b>Quantidade de alunos que não informaram a profissão das mães</b>
Empregada doméstica	04	12
Dona de casa	02	
Professora	01	
Agricultora	05	
Faxineira	01	
Revendedora	03	
Caixa	01	
Monitora de informática	01	
Cuidadora de crianças	01	
Cozinheira	02	
Feirante	01	
Prestadora de serviços gerais	01	

Fonte: Elaborado pela autora.

Quanto à ocupação da figura paterna, o quadro a seguir mostra essas informações de modo especificado. as respostas se dividiram em pedreiro, gráfico, mototáxi, desempregado, cozinheiro, magarefe (na linguagem do aluno, matador de boi.), sapateiro, ceramista, segurança, comerciante, agricultor, marceneiro e lanterneiro. Neste quesito,

destacamos que quatorze alunos deixaram a pergunta sem resposta. O quadro três mostra essas informações de modo mais especificado.

**Quadro 4 – profissão dos pais dos alunos-sujeitos da pesquisa**

<b>Profissão</b>	<b>Quantidade de pais que exercem essa profissão</b>	<b>Quantidade de pais considerados desempregados</b>	<b>Quantidade de alunos que não informaram a profissão dos pais</b>
Pedreiro	03	01	14
Gráfico	01		
Mototaxista	04		
Cozinheiro	01		
Magarefe (na linguagem do aluno, matador de boi)	01		
Sapateiro	01		
Ceramista	01		
Segurança	01		
Comerciante	01		
Agricultor	04		
Marceneiro	01		
Lanterneiro	01		

Fonte: Elaborado pela autora.

Ao buscarmos conhecimentos sobre a vida escolar do nosso público-alvo, constatamos que dois alunos da turma estavam repetindo o 8º ano, e, dentre os demais, treze afirmaram já ter repetido de ano escolar em algum momento da vida estudantil. Fomos informados, também, sobre quem mais se preocupava com o estudo deles no seio familiar, se o pai ou a mãe: onze alunos destacaram que era a mãe; seis afirmaram ser o pai; dezesseis ressaltaram que o pai e a mãe se preocupavam na mesma proporção; um não destacou nem pai, nem mãe, pelo contrário, no questionário apresentado, criou uma quarta opção – ninguém – e esta foi a sua escolha; e um aluno não informou.

Informamo-nos ainda sobre quanto tempo esses discentes costumavam reservar para estudar além das aulas, obtivemos os seguintes resultados: cinco estudantes afirmaram não estudar em casa; doze estudantes estudavam menos de uma hora por dia; quatorze ressaltaram que o tempo destinado para a aquisição/aperfeiçoamento do conhecimento em casa era de uma a duas horas; três destacaram estudar mais de 2 horas; e um não informou. Além destas informações, questionamos a respeito do uso ou não das redes sociais por parte destes meninos e meninas: um estudante não se manifestou, cinco discentes disseram não fazer uso de nenhuma, e os demais já se comunicavam virtualmente por meio de uma ou mais redes sociais, como Facebook, Instagram, WhatsApp ou Twitter.

Procuramos observar se a turma tinha alguma preocupação com o futuro, principalmente numa perspectiva de profissão; para isso, questionamos a cada discente sobre a profissão almejada. Dezoito alunos destacaram que já haviam decidido sua profissão; dezesseis informaram que ainda não haviam decidido, e um nada informou. Aqueles decididos destacaram profissões como enfermeiro, professor, médico, veterinário, arquiteto, jogador de futebol, psicólogo, policial, advogado e juiz.

Consideramos relevante sondarmos também em relação ao fato de eles gostarem ou não de estudar. Desse modo, 21 afirmaram gostar de estudar; quatro disseram não gostar; 05 disseram que, às vezes, gostam; e 05 alunos não responderam.

A última informação a respeito da vida escolar destes estudantes foi em relação à principal dificuldade que eles sentiam na hora de produzir um texto. A partir das informações prestadas, verificamos que quatorze alunos declararam ter mais dificuldade no processo da geração das ideias, ou seja, ter o assunto para colocar no papel. Outros sujeitos, contabilizando um número de dez, afirmaram sentir mais dificuldades com a organização das ideias “dentro” do texto, isto é, a pouca habilidade de saber encaixá-las, de fazer aquela “costura” com as palavras. Alguns discentes, precisamente sete, ressaltaram ter mais dificuldades com questões gramaticais: acentuação, pontuação, concordância, escolha do léxico, dentre outras. Quatro participantes não se manifestaram.

Um fato interessante, o qual não podemos deixar de apontar, é que, embora tenhamos perguntado sobre a principal dificuldade diante da incumbência de ter de realizar uma produção textual, um aluno não conseguiu eleger apenas uma, ou seja, no questionário, marcou as opções as quais abordavam a dificuldade com a geração de ideias, a organização das ideias no texto e os aspectos gramaticais. A nosso ver, isso demonstra que realmente, para essa pessoa, produzir um texto é algo para que ela necessita aperfeiçoar as habilidades em

todos os aspectos envolvidos. Apresentamos essas informações, de modo mais preciso, no quadro a seguir.

**Quadro 5 – principal dificuldade dos alunos-sujeitos da pesquisa no momento da produção textual**

Principal dificuldade	Quantidade de alunos
Geração das ideias	14
Organização das ideias	09
Aspectos gramaticais	07
Alunos que destacaram as três dificuldades	01
Alunos que não se manifestaram	04

Fonte: Elaborado pela autora.

Com esse quadro, encerramos a nossa abordagem sobre o perfil dos sujeitos envolvidos na nossa pesquisa<sup>1</sup>. Foi com esses 35 alunos, cada um com a sua realidade, com o seu jeito de ser e agir, que aplicamos o nosso projeto.

Para tornar os pais e os sujeitos envolvidos na pesquisa cientes de sua aplicação, conversamos com os alunos sobre a nossa intenção com o projeto que iríamos desenvolver com eles, bem como explicamos para eles o porquê da necessidade de eles assinarem um termo de consentimento de participação.

Uma vez esclarecidos, os alunos assinaram o termo e, em seguida, foram orientados a levar o termo de consentimento dos pais, a fim de que estes assinassem. Fizemos todas as orientações necessárias para que os alunos soubessem explicar aos pais aquilo de que tratava o documento. Os dois documentos de consentimento – dos pais e dos alunos – foram submetidos ao Comitê de Ética da Universidade Estadual do Ceará. Conforme consta no parecer<sup>2</sup> expedido pelo comitê, esses documentos foram aprovados. A partir dessa aprovação, obedecendo aos procedimentos legais, realizamos a aplicação da intervenção.

### **3.4 Procedimentos: descrição da sequência de atividades**

Conforme informamos e reiteramos em outras partes deste trabalho, o objetivo central de nossa pesquisa é desenvolver e executar uma sequência de atividades didáticas que

<sup>1</sup> Muitas informações sobre os sujeitos desta pesquisa foram obtidas a partir de um questionário – que consta no apêndice C – respondido por todos os alunos.

<sup>2</sup> Parecer de número 3.746.434, expedido pelo Comitê de Ética da Universidade Estadual do Ceará.

possam contribuir para a motivação da produção de textos pertencentes ao gênero conto, por alunos do 8º ano. Essa sequência de atividades foi planejada para acontecer em um período de vinte horas-aula, sendo aplicadas em duas horas-aula por semana, o que implicaria a necessidade de 10 semanas para o desenvolvimento de toda a sequência. Contudo, por conta do calendário de atividades da escola, durante o processo, fomos fazendo algumas alterações naquilo que havíamos planejado e acabamos, algumas vezes, utilizando mais de duas horas-aula semanais. Na penúltima semana, por exemplo, ministramos seis horas-aula, fato que exigiu uma negociação com outros colegas professores responsáveis por outras disciplinas na mesma turma. Devido a essas alterações no nosso planejamento, concluímos a nossa intervenção em sete semanas não consecutivas.

A partir das aulas ministradas durante estas sete semanas, construímos o material com o corpus discursivo de nossa pesquisa – atividades respondidas pelos sujeitos envolvidos, produções textuais da turma e áudios gravados durante as aulas. A apreciação desse material será feita no capítulo subsequente.

A sequência das atividades aplicadas foi organizada em três blocos, descritos a seguir.

#### 3.4.1 Bloco 01 – desenvolvimento de atividades de motivação para a escrita de um conto e estudos sobre as características desse gênero – 11h/a

No primeiro encontro, com duas horas-aula, o nosso objetivo foi motivar os alunos para a realização de uma escrita mais engajada. Por se tratar do início da intervenção, tivemos, primeiramente, uma conversa com a turma para apresentar a proposta do nosso projeto; nesta ocasião, fizemos uma descrição breve daquilo que pretendíamos desenvolver junto aos discentes. Além disso, aproveitamos este momento para motivá-los a participar das atividades propostas.

Feito isto, iniciamos um diálogo a partir da pergunta – “Por que as pessoas escrevem?”. Poucos alunos manifestaram suas opiniões, alguns ainda estavam apáticos, tímidos, ou não sabiam o que responder naquele momento. Esta e as outras questões que vieram logo em seguida foram exibidas por meio de slides, conforme mostra a figura 01, a seguir.

**Figura 1- Por que as pessoas escrevem?**

	<p><b>Por que as pessoas escrevem?</b></p>
	<p>Se você fosse escrever uma história, o que lhe motivaria a escrever?</p>
	
	<p><b>Por que as pessoas escrevem?</b></p>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Que tipo de história vocês gostam de ver nos livros e nos filmes?</li> <li>➤ Que assuntos te chamam a atenção?</li> <li>➤ Você se acha criativo? Se sim, em que situações você usa sua criatividade? Se não, o que você acha que falta para ser criativo?</li> <li>➤ Quando você fala com as pessoas, que coisas você fala para elas, quais assuntos?</li> </ul>

Fonte: Elaborado pela autora.

De maneira gradativa, a turma foi interagindo, expressando aquilo que pensava, algumas respostas interessantes, outras nem tanto, mas o importante é que a “conversa pedagógica”, aos poucos, fluiu. Dentre as respostas apresentadas, destacamos, aqui, algumas que respondem à pergunta da segunda seta (“Que assuntos te chamam a atenção?”): “esporte”, “morte”, “investigação criminal”, “assunto engraçado”, “história romântica”. Os estudantes confirmaram essas preferências nos contos produzidos no final da intervenção, pois muitos desses assuntos foram abordados em suas produções.

A aula continuou com a exibição de três vídeos; o assunto dos três era a motivação para a escrita. O primeiro vídeo, cuja duração é de menos de um minuto, é

intitulado *Dia da poesia 2017 – Por que escrevo?*<sup>3</sup>, de autoria de Marcus Vinicius Gomes de Moraes (2017). Já o título do segundo vídeo é o seguinte: *Motivação para escrever: 5 maneiras de encontrar para se tornar um escritor*<sup>4</sup>, uma produção de Vulto Reis (2017), com duração de cinco minutos. Por último, apresentamos o vídeo *O que te motiva a escrever seu livro?*<sup>5</sup>, produzido por Sidney Guerra (2015), com duração de dois minutos e alguns segundos.

À medida que mostrávamos os vídeos, lançávamos perguntas para a turma sobre o conteúdo destes. Seguem os questionamentos que realizamos para explorar os pontos mais pertinentes:

Sobre o vídeo 01: O que você acha que o Marcus Vinicius, o jovem do vídeo, quis dizer com as afirmações a seguir?: “Escrevo pra me completar” “Escrevo porque eu preciso viver.”

Sobre o vídeo 02: No vídeo dois, o autor apresenta duas dicas para se encontrar a motivação para escrever, são elas: “Combata o bloqueio criativo com as próprias histórias”; “Lembre-se das histórias que outras pessoas te contaram”; O que você acha dessas dicas?

Sobre o vídeo 03: A dica do autor é: “Pensar naquilo que te motiva a escrever” Você considera essa dica importante? Por quê?  
(Perguntas feitas aos alunos durante a aula)

Para continuar a programação planejada para este primeiro encontro, depois das indagações a respeito dos vídeos, mostramos, em slides, as falas de alguns representantes do jornalismo e da literatura sobre os motivos que os levavam a escrever. A fala desses escritores são respostas apresentadas em um livro cujo título é *Por que escrevo?*<sup>6</sup>, organizado por José Domingos de Brito. Nas figuras dois e três, a seguir, apresentamos a capa do livro com a pergunta e as repostas de dois escritores. Com isso, exemplificamos um pouco daquilo que trabalhamos nesta atividade.

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=u6MBG1pNI6s>. Acesso em: 27. out. 2019.

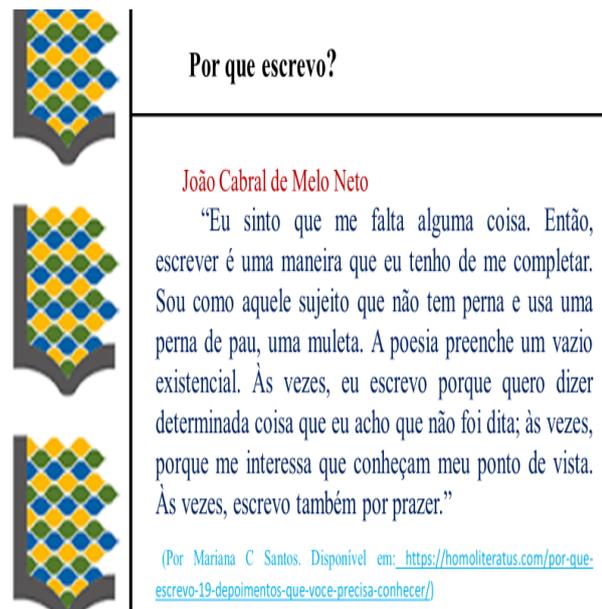
<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IoQzDDyLN9s>. Acesso em: 27 out. 2019.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=x2BnimuWsIo>. Acesso em: 27 out. 2019.

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.contioutra.com/por-que-escrevo-19-depoimentos-que-voce-precisa-conhecer/>. Acesso em: 27 out. 2019.

**Figura 2 – Capa de um livro**

Fonte: Elaborado pela autora.

**Figura 03 – Fala de dois escritores**



**Por que escrevo?**

---

**Rachel de Queiroz**

“Acho que para cada escritor há uma razão diferente. No meu caso, num certo sentido, é o desejo interior de dar um testemunho do meu tempo, da minha gente e principalmente de mim mesma: eu existi, eu sou, eu pensei, eu senti, e eu queria que você soubesse. No fundo, é esse o grito do escritor, de todo artista. Creio que o impulso de todo artista é esse. É se fazer ver. Eu existo, olha pra mim, escuta o que eu quero dizer: tenho uma coisa pra te contar. Creio que é por isso que a gente escreve.”

(Por Mariana C Santos. Disponível em: <https://homoliteratus.com/por-que-escrevo-19-depoimentos-que-voce-precisa-conhecer/>)

Fonte: Elaborado pela autora.

A título de exemplo, apresentamos apenas a fala dos escritores que aparecem na figura três, porém, na sala de aula, levamos a resposta de outros cânones da arte da escrita: Allen Ginsberg, George Orwell, Moacyr Scliar e William Faulkner. Para concluir as atividades deste encontro, entregamos aos alunos um TD, intitulado “Atividade escrita 01”, para que respondessem individualmente. Na atividade, apareciam as mesmas falas dos escritores, as quais apresentamos em slides, e logo em seguida, quatro questões subjetivas. Vejamos a atividade no quadro a seguir.

### Quadro 6 – Atividade escrita 01<sup>7</sup>

(continua)

<p><b>E.E.F. Municipal Cel. Estevão Alves da Rocha</b></p> <p><b>Aluno (a):</b> _____</p> <p><b>Série:</b> _____ <b>Turma:</b> _____ <b>Data:</b> _____</p> <p><b>Professora:</b> Francineuza de Assis</p> <p><b><u>Atividade escrita-01</u></b></p> <p><b>Assunto:</b> Motivação para a escrita</p> <p><b>Por que escrevo?</b></p> <p><b>Allen Ginsberg</b></p> <p>“Eu escrevo poesia porque gosto de cantar quando estou só. [...] Eu escrevo poesia porque minha cabeça contém uma multidão de pensamentos, 10 mil para ser preciso. [...] Eu escrevo poesia porque não há razão, não há porquê. Eu escrevo poesia porque é a melhor forma de dizer tudo que me vem à cabeça no intervalo de um quarto de hora ou de toda uma vida.” (Por Mariana C. Santos).</p>
--

<sup>7</sup> Para ganharmos espaço, retiramos as linhas destinadas para as respostas, procedimento que adotamos para as demais atividades que apresentamos ao longo desta descrição.

## Quadro 6 – Atividade escrita 01<sup>8</sup>

(conclusão)

### **George Orwell**

“Escrevo porque existe uma mentira que pretendo expor, um fato para o qual pretendo chamar a atenção, e minha preocupação inicial é atingir um público”. (Por Mariana C. Santos)

### **João Cabral de Melo Neto**

“Eu sinto que me falta alguma coisa. Então, escrever é uma maneira que eu tenho de me completar. Sou como aquele sujeito que não tem perna e usa uma perna de pau, uma muleta. A poesia preenche um vazio existencial. Às vezes, eu escrevo porque quero dizer determinada coisa que eu acho que não foi dita; às vezes, porque me interessa que conheçam meu ponto de vista. Às vezes, escrevo também por prazer.” (Por Mariana C. Santos)

### **Moacyr Scliar**

“Numa noite quente como essa, as pessoas do meu bairro se reuniam para contar histórias, o que, desde muito cedo, se incorporou em mim, passou a ser uma coisa que eu também queria fazer, só que à minha maneira, escrevendo.” (Por Mariana C. Santos)

### **Rachel de Queiroz**

“Acho que para cada escritor há uma razão diferente. No meu caso, num certo sentido, é o desejo interior de dar um testemunho do meu tempo, da minha gente e principalmente de mim mesma: eu existi, eu sou, eu pensei, eu senti, e eu queria que você soubesse. No fundo, é esse o grito do escritor, de todo artista. Creio que o impulso de todo artista é esse. É se fazer ver. Eu existo, olha pra mim, escuta o que eu quero dizer: tenho uma coisa pra te contar. Creio que é por isso que a gente escreve.” (Por Mariana C. Santos)

### **William Faulkner**

“Para ganhar a vida.” (Por Mariana C. Santos)

Você acompanhou as respostas de alguns autores para a pergunta “Por que escrevo?”. A partir do que você leu, responda as questões a seguir.

- 1 - Os autores escrevem pelos mesmos motivos? Justifique sua resposta.
- 2 – Dentre as respostas apresentadas pelos autores, qual a que você mais gostou? Por quê?
- 3 - Willian Faulker disse: “Escrevo para ganhar a vida”. Como você compreende essa resposta do autor?
- 4 - Se você fosse escrever uma história agora, que tipo de assunto seria tratado no seu texto?

Fonte: Elaborado pela autora.

No segundo encontro, também ocorrido em duas hora-aulas, o objetivo foi proporcionar à turma a leitura do texto narrativo ficcional, no caso específico, o conto. Como, no final da intervenção, os alunos teriam de produzir um conto, apostamos na ideia de que, quanto mais cedo eles tivessem contato com esse gênero textual, mais ideias eles poderiam ter quando chegasse o momento de escreverem, ou seja, eles teriam, por exemplo, mais habilidade na hora de dar vida aos seus personagens, de criar um problema para o enredo, de apontar uma solução para este problema. Enfim, assumimos o viés de que, para escrever um texto fictício, uma boa convivência com textos dessa natureza se fazia necessária.

<sup>8</sup> Para ganharmos espaço, retiramos as linhas destinadas para as respostas, procedimento que adotamos para as demais atividades que apresentamos ao longo desta descrição.

Para isso, levamos o conto *A disciplina do amor*<sup>9</sup>, de Lygia Fagundes Teles. Optamos por uma leitura em slides, realizada pela professora, pois queríamos que o alunado ouvisse a nossa voz, sentisse vontade de ouvir o desenrolar de toda a narrativa. Desse modo, realizamos uma leitura com predição. Começando pelo título, buscamos com isso, despertar a curiosidade; queríamos abrir o “apetite” do aluno para um intenso contato com o texto narrativo, levando em consideração a ideia de Pennac (1993, p. 52): “Não há melhor maneira de abrir o apetite de um leitor do que lhe dar a farejar uma boa orgia de leitura.” Começamos a nossa “orgia” com o título do conto e uma imagem a ele associada. Posteriormente, exibimos uma predição do título, e na sequência, o primeiro parágrafo do conto, conforme mostra a imagem a seguir.

**Figura 4 – Conto um da intervenção**

	Lendo conto e fazendo predições
	<p data-bbox="837 1070 1029 1120">A disciplina do Amor Lygia Fagundes Teles</p> 
	O que você espera encontrar em um conto cujo título é “A disciplina do amor?”
	✓ A palavra <b>disciplina</b> lhe faz lembrar o quê?
	✓ Pela sua experiência de leitor, com esse título, a história que logo mais você vai ler, fará uma abordagem sobre o amor
	a) entre os pais e seus filhos. b) entre dois adolescentes apaixonados. c) entre um animal e seu dono.

<sup>9</sup> TELLES, L. F. *A disciplina do amor* (2009). Disponível em: <http://www.beatrix.pro.br/index.php/a-disciplina-do-amor-lygia-fagundes-telles/>. Acesso em: 11 nov. 2019.



### A disciplina do amor

Foi na França, durante a Segunda Grande guerra: um jovem tinha um cachorro que todos os dias, pontualmente, ia esperá-lo voltar do trabalho. Postava-se na esquina, um pouco antes das seis da tarde. Assim que via o dono, ia correndo ao seu encontro e na maior alegria acompanhava-o com seu passinho saltitante de volta à casa. A vila inteira já conhecia o cachorro e as pessoas que passavam faziam-lhe festinhas e ele correspondia, chegava até a correr todo animado atrás dos mais íntimos. Para logo voltar atento ao seu posto e ali ficar sentado até o momento em que seu dono apontava lá longe.

Fonte: Elaborado pela autora.

E assim fomos até o final do conto, com predição e leitura do parágrafo seguinte. Foi uma experiência que valeu a pena, pois prendeu a atenção dos discentes. Eles interagiam, tentando responder as perguntas da predição e, conseqüentemente, ficavam aguardando a leitura do parágrafo seguinte, a fim de saber da próxima cena, conferindo se tinham acertado, ou não, com sua resposta à predição.

Após a leitura do conto, os alunos foram submetidos a uma atividade escrita e individual. Tratou-se de uma interpretação textual do conto lido. A seguir, mostramos a atividade aplicada.

### Quadro 7 – Atividade escrita 02

(continua)

**E. E. F. Municipal CEL. Estevão Alves da Rocha**

**Aluno (a):** -----

**Série:** \_\_\_\_\_ **Turma:** \_\_\_\_\_ **Data:** \_\_\_\_\_

**Professora:** Francineuza de Assis

#### **Atividade escrita - 02**

**Assunto:** Interpretação textual a partir do conto “A disciplina do amor”

#### **A disciplina do amor**

Foi na França, durante a Segunda Grande guerra: um jovem tinha um cachorro que todos os dias, pontualmente, ia esperá-lo voltar do trabalho. Postava-se na esquina, um pouco antes das seis da tarde. Assim que via o dono, ia correndo ao seu encontro e na maior alegria acompanhava-o com seu passinho saltitante de volta à casa. A vila inteira já conhecia o cachorro e as pessoas que passavam faziam-lhe festinhas e ele correspondia, chegava até a correr todo animado atrás dos mais íntimos. Para logo voltar atento ao seu posto e ali ficar sentado até o momento em que seu dono apontava lá longe.

Mas eu avisei que o tempo era de guerra, o jovem foi convocado.

## Quadro 7 – Atividade escrita 02

(conclusão)

Pensa que o cachorro deixou de esperá-lo? Continuou a ir diariamente até a esquina, fixo o olhar naquele único ponto, a orelha em pé, atenta ao menor ruído que pudesse indicar a presença do dono bem-amado. Assim que anoitecia, ele voltava para casa e levava sua vida normal de cachorro, até chegar o dia seguinte. Então, disciplinadamente, como se tivesse um relógio preso à pata, voltava ao posto de espera. O jovem morreu num bombardeio mas no pequeno coração do cachorro não morreu a esperança. Quiseram prendê-lo, distraí-lo. Tudo em vão. Quando ia chegando aquela hora, ele disparava para o compromisso assumido, todos os dias.

Todos os dias, com o passar dos anos (a memória dos homens!) as pessoas foram se esquecendo do jovem soldado que não voltou. Casou-se a noiva com um primo. Os familiares voltaram-se para outros familiares. Os amigos para outros amigos. Só o cachorro já velhíssimo (era jovem quando o jovem partiu) continuou a esperá-lo na sua esquina.

As pessoas estranhavam, mas quem esse cachorro está esperando?... Uma tarde (era inverno) ele lá ficou, o focinho voltado para *aquela* direção.

Lygia Fagundes Telles. Disponível em: <http://www.beatrix.pro.br/index.php/a-disciplina-do-amor-lygia-fagundes-telles/>. Acesso em: 11/10/2019)

Após a leitura do conto, responda as questões a seguir.

- 1 – Você gostou desse conto? Por quê?
- 2- O título do conto é coerente com o conteúdo da história? Justifique sua resposta.
- 3- Quando o jovem foi convocado para a guerra, o cachorro mudou de rotina? Explique.
- 4- Os pronomes são recursos importantes na escrita de um texto, pois permitem ao autor retomar a um termo citado antes, mas sem repetir a mesma palavra. Observe os fragmentos destacados do texto: “Quiseram prendê-**lo**, distraí-**lo**”/ “continuou a esperá-**lo**”. Respectivamente, as formas pronominais destacadas se referem:
  - a) ao dono do cachorro e ao cachorro.
  - b) ao primo e ao dono do cachorro.
  - c) ao cachorro e ao primo.
  - d) ao cachorro e ao seu dono.
- 5- Se você pudesse mudar alguma coisa nessa história, o que você mudaria? Por quê?
- 6- Você gostou do final da história? Por quê?

Fonte: Elaborado pela autora.

Fazemos, aqui, uma ressalva em relação à questão 04 desta atividade. Embora ela não esteja relacionada ao objetivo deste bloco de atividades, consideramos oportuno colocá-la para discutirmos com os alunos a importância dos pronomes na escrita de um texto, ajudando-os a evitar a repetição de palavras desnecessárias quando eles estivessem escrevendo. Com a aplicação deste exercício, encerramos o encontro deste dia, somando, assim, a quarta aula.

O nosso terceiro encontro também ocorreu em duas horas-aula. Neste, o principal objetivo foi levar os alunos a conhecerem algumas definições do gênero conto, bem como os elementos essenciais da tipologia narrativa, e ainda intensificar o contato dos discentes com textos cujo gênero discursivo fosse o conto. Continuamos firmes na ideia de que entrar em contato com o universo dos contos era um ótimo investimento didático, para quem iria criar um conto, pois conhecer o jeito diferente de cada autor construir os seus personagens, criar os seus enredos, poderia aguçar as ideias dos leitores, que logo estariam no papel de escritores.

Afinal, a escrita de um texto é sempre o resultado do diálogo com outro(s) texto(s), há sempre uma intertextualidade. Como diz Lodge (2017, p. 106), “Alguns teóricos acreditam que a intertextualidade é a própria condição da literatura – que todos os textos são tecidos com fios de outros textos, independente de seus autores estarem ou não cientes”. Daí a nossa insistência sobre a relevância de os alunos se familiarizarem com os contos de autores e temáticas diferentes, antes de produzirem o deles.

A partir dessas observações, escolhemos, para este encontro, o texto *Namoro e futebol*, de Moacyr Scliar. Como o método da aula anterior havia dado muito certo, novamente optamos pela realização de uma leitura com predição.

Em atividades desta natureza é essencial fazer com que o aluno “tenha interesse em realizar a leitura” (SILVA, 2016, p. 22). E, se proporcionar a leitura de um texto por meio de perguntas sobre este, ou seja, com predições, deixa o aluno curioso, ansioso para desvendá-lo, então é bom abusar dessa estratégia, afinal de contas, criar expectativas no aluno em relação ao que ele pode encontrar numa determinada leitura faz parte do ensino voltado para o desenvolvimento do leitor proficiente, fato confirmado em Silva (2016, p. 23) quando esta afirma que “ensinar a ler é criar atitude de expectativa prévia com relação ao conteúdo referencial do texto”.

Inspirados em falas como essa, iniciamos a leitura com a exibição de slides, na seguinte sequência: Título do texto e imagem associada ao tema, predição do conteúdo do conto a partir de perguntas voltadas para o título, e posteriormente, o primeiro parágrafo do texto. A seguir, apresentamos a imagem desta sequência:

**Figura 5- Conto dois da intervenção**

	Conhecendo o gênero conto e os elementos da narrativa
	Leitura do conto <i>Namoro e futebol</i> , de Moacyr Scliar
	Conhecendo o gênero conto e o elementos da narrativa
	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Que tipo de história você espera ler em um texto com o título <i>Namoro e futebol</i>?</li> <li>✓ Você gosta de futebol?</li> <li>✓ Você gosta de história que aborde temas românticos?</li> </ul>
	Leitura do conto
	<p><b>NAMORO &amp; FUTEBOL</b></p> <p>Eles se conheceram na escola, onde cursavam a mesma classe. E foi o legítimo amor à primeira vista. Uma semana depois já estavam namorando, e namorando firme. Eram desses namorados que fazem as pessoas suspirar e dizer baixinho: meu Deus, o amor é lindo. Ele, 17 anos, alto, forte, simpático; ela, 16, uma beleza rara. Logo estavam se visitando em casa. Os pais de ambos davam a maior força para o namoro e antecipavam um casamento no futuro: os dois formavam o caszinho ideal. Inclusive eles gostavam das mesmas coisas: ler, ir ao cinema, passear no parque.</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

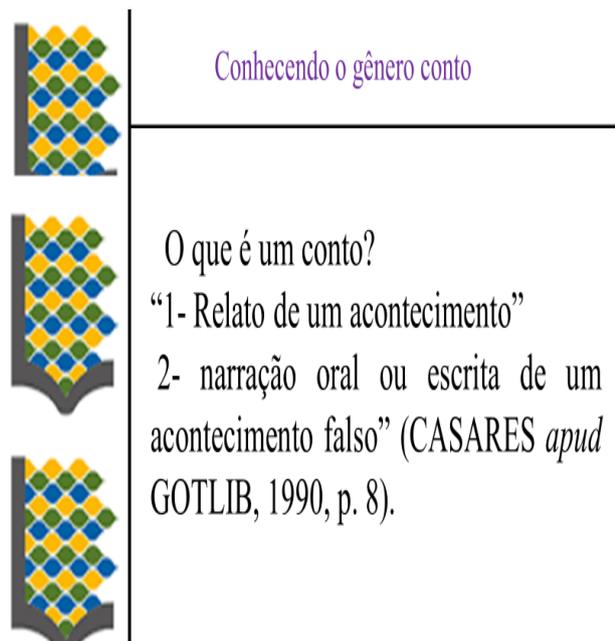
Concluimos toda a leitura, nesse sistema de predição e leitura dos parágrafos. A turma gostou muito deste conto, a interação com a predição do conteúdo foi ótima,

praticamente todos os alunos manifestavam seus palpites quanto ao que achavam que iria acontecer na leitura do parágrafo subsequente. Na hora em que lançávamos as perguntas, precisávamos intervir para que falasse um de cada vez. Os alunos ficaram tão atentos à leitura que, em algum momento da narrativa, surgiu a palavra *consternados*, e aqueles que não conheciam o seu significado gritaram logo: “O que é isso?” (dados da pesquisa). Ficamos com a sensação, sobretudo, depois de escutarmos o áudio da aula, que eles queriam saber de cada detalhe, de tudo que se passava com os personagens.

Quando terminamos a leitura do conto, dois fatos nos fizeram ter certeza da boa receptividade da turma com o texto. Primeiro, porque, espontaneamente, os alunos estavam discutindo o final do texto, inclusive embasados nas atitudes dos personagens. Segundo, porque perguntamos, apenas para confirmarmos aquilo que estávamos vendo, se eles gostaram daquele conto. A resposta veio numa espécie de um coro musical e aos gritos: “Sim” (dados da pesquisa).

Depois da leitura do texto, passamos a explorar o conceito do gênero conto, por meio de slides também. A imagem a seguir mostra alguns conceitos os quais apresentamos.

**Figura 6 – Conceito do gênero conto**





Conhecendo o gênero conto

---

O conto “Não tem compromisso com o evento real. Nele, realidade e ficção não têm limites precisos” (GOTLIB, 1990, p. 8).

Fonte: Elaborado pela autora.

Levamos mais dois conceitos além destes apresentados na imagem e nada mais, uma vez que tivemos o receio de tornar a aula muito teórica e desnecessária para o contexto. Com o conceito de conto explanado, na mesma sequência dos slides anteriores, passamos a apresentar os elementos do texto narrativo. Vejamos a imagem a seguir:

**Figura 7- Elementos do texto narrativo**



A SEQUÊNCIA NARRATIVA

---

De acordo com Adam (2008 *apud* Sparano et al 2012, p. 50), o texto narrativo apresenta os elementos a seguir:

- ✓ Situação Inicial;
- ✓ Nó;
- ✓ Re-ação
- ✓ Clímax;
- ✓ Desenlace (Resolução);
- ✓ Situação Final.

Fonte: Elaborado pela autora.

Com a continuação da aula, explicamos o conceito de cada um desses elementos; em seguida, expusemos um pequeno texto narrativo, ainda nos slides, e, juntamente com a turma, fizemos um exercício de identificação dos elementos naquela narrativa. Encerrado esse momento de exposição, entregamos aos alunos a terceira atividade escrita. Na atividade, havia o mesmo conto que fora lido no início da aula e cinco questões voltadas para os aspectos narrativos do texto (a questão cinco era composta por seis itens). Podemos conferir uma amostra da atividade a partir da observação do quadro a seguir.

### Quadro 8 - Atividade escrita 03

(continua)

E. E. F. Municipal CEL. Estevão Alves da Rocha

Aluno (a): -----

Série: \_\_\_\_\_ Turma: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

Professora: Francineuza de Assis

#### Atividade escrita 03

Assunto: estudo do gênero conto e os elementos do texto narrativo

Leia o texto a seguir.

**Conto: NAMORO E FUTEBOL - MOACYR SCLIAR**



#### **NAMORO & FUTEBOL**

Eles se conheceram na escola, onde cursavam a mesma classe. E foi o legítimo amor à primeira vista. Uma semana depois já estavam namorando, e namorando firme. Eram desses namorados que fazem as pessoas suspirar e dizer baixinho: meu Deus, o amor é lindo. Ele, 17 anos, alto, forte, simpático; ela, 16, uma beleza rara. Logo estavam se visitando em casa. Os pais de ambos davam a maior força para o namoro e antecipavam um casamento no futuro: os dois formavam o casalzinho ideal. Inclusive eles gostavam das mesmas coisas: ler, ir ao cinema, passear no parque.

Mas alguma coisa tinha de aparecer, não é mesmo? Alguma coisa sempre aparece para perturbar mesmo o idílio mais perfeito.

Foi o futebol.

Ele era maluco pelo esporte. Jogava num dos vários times da escola, no qual era o goleiro. Um grande e esforçado goleiro, cujas defesas muitas vezes arrancavam aplausos da torcida

Ela costumava assistir às partidas. No começo nem gostava muito, mas então passou a se interessar. Um dia disse ao namorado que queria jogar também, no time das meninas da escola. Para surpresa dela, ele se mostrou radicalmente contrário à ideia. Disse que futebol era coisa para homem, que ela acabaria se machucando. Se queria praticar algum esporte, deveria escolher o vôlei. Ela ficou absolutamente revoltada com o que considerou uma postura machista dele. Disse que iria começar a treinar de qualquer jeito.

Começou mesmo. E levava jeito para a coisa: driblava bem, tinha um chute potente. Só que aquilo

### Quadro 8 - Atividade escrita 03

(conclusão)

azedava cada vez mais as relações entre eles. Discutiam com frequência e acabaram decidindo dar um tempo. Uma notícia que deixou a todos consternados.

Passadas umas semanas, a surpresa: o time das meninas desafiou o time em que ele era goleiro para uma partida.

Ele tentou o possível para convencer os companheiros a não jogar com elas. No fundo, porém, não queria se ver frente a frente com a namorada, ou ex-namorada. Os outros perceberam isso, disseram que era bobagem e o jogo foi marcado.

Ele estava tenso, nervoso. E não podia tirar os olhos dela. Agora tinha de admitir: jogava muito bem, a garota. Era tão rápida, quanto graciosa e, olhando-a, ele sentia que, apesar das discussões, ainda gostava dela.

De repente, o pênalti. Pênalti contra o time dos garotos. E ela foi designada para cobrá-lo. Ali estavam os dois, ele nervoso, ela absolutamente impassível. Correu para a bola - no último segundo ainda sorriu - e bateu forte. Um chute violento que ele, bem posicionado, defendeu. Sob os aplausos da torcida.

O jogo terminou zero a zero. Eles se reconciliaram e agora estão firmes de novo.

Mas uma dúvida o persegue: será que ela não chutou a bola para que ele fizesse a brilhante defesa? Não teria sido aquilo um gesto, para assim dizer, de reconciliação?

Ela se recusa a responder a essa pergunta. Diz que um pouco de mistério dá sabor ao namoro. E talvez tenha razão. O fato é que, desde então, ela já cobrou vários pênaltis. E não errou nenhum.

(MOACYR SCLIAR)

Disponível em: <https://armazemdetexto.blogspot.com/2018/01/texto-namoro-e-futebol-moacyr-scliar.html>. Acesso em: 25/10/2019

Responda de acordo com o texto.

- 1- Qual o título e autor desse conto?
- 2- Quem são os personagens do conto. Cite-os e apresente as principais características de cada um.
- 3- O tempo é um fator importante no texto narrativo. Cite expressões do conto lido que indicam referência à passagem do tempo durante a narrativa.
- 4- Os fatos narrados acontecem predominantemente em que tempo verbal: pretérito, presente ou futuro? Justifique com passagens do texto.
- 5- Retire trechos do texto que indiquem os elementos da narrativa.
  - a) Situação inicial:
  - b) Nó / conflito gerador:
  - c) Re-ação:
  - d) Clímax:
  - e) Desenlace ou Resolução:
  - f) Situação final:

Fonte: Elaborado pela autora.

Quando entregamos essa atividade aos estudantes, já não faltava muito tempo para o encerramento da aula. Por conta disso, não deu tempo de os meninos concluírem a resolução

de todo o exercício. Então achamos por bem combinar com a turma de recolher as folhas e na aula seguinte eles a retomariam, e assim foi feito.

O encontro subsequente, o qual ocorreu em uma hora-aula, foi apenas para a conclusão e correção dessa atividade. Durante o tempo de resolução do exercício, alguns alunos, em momentos alternados, pediam para que explicássemos, novamente, a definição de nó/conflito e clímax.

Depois desta aula, aconteceram mais dois encontros, de duas horas-aula, para encerrarmos o primeiro bloco de atividades da nossa intervenção. Nestes dois encontros, o nosso objetivo principal foi levar a turma a perceber a importância do conflito e do clímax no desenvolvimento do texto narrativo. Nestas aulas, trabalhamos a quarta atividade escrita, a qual era composta de seis textos e onze questões. Apesar de o objetivo da atividade ser principalmente uma exploração do conflito e do clímax, nós abordamos, na questão dois, a classificação dos contos, quando indagamos sobre a classificação do primeiro conto proposto no exercício.

Fizemos isso para o alunado reforçar a ideia das possibilidades de escolha que eles teriam quando fossem produzir o conto deles, ou seja, eles poderiam realmente optar se queriam escrever uma história romântica, de terror, de humor, dentre outras. Além disso, trabalhamos um pouco sobre o desenlace/resolução do conflito. Quanto mais habilidades os alunos tivessem com os elementos da tipologia narrativa, melhor seria na hora da produção deles. Vejamos no quadro a seguir, a atividade proposta:

## Quadro 9 – Atividade 04<sup>10</sup>

(continua)

**E. E. F. Municipal CEL. Estevão Alves da Rocha**

**Aluno (a):** .....

**Série:** \_\_\_\_\_ **Turma:** \_\_\_\_\_ **Data:** \_\_\_\_\_

**Professora pesquisadora:** Francineuza de Assis

### **Atividade IV**

Leia os textos a seguir e responda as questões propostas.

#### **TEXTO 1**

#### **A COISA**

Ruth Rocha

A casa do avô de Alvinho era uma dessas casas antigas, grandes, que têm dois andares e mais um velho porão, onde a família guarda tudo que ninguém sabe bem se quer ou não quer.

Um dia Alvinho resolveu ir lá embaixo procurar uns patins que ele não sabia onde é que estavam. Pegou uma lanterna, porque as lâmpadas do porão estavam queimadas, e foi descendo as escadas com cuidado.

No que foi, voltou aos berros:

– Fantasma! Uma coisa horrível! Um monstro de cabelo vermelho e uma luz medonha saindo da barriga.

Ninguém acreditou, está claro! Onde é que já se viu monstro com luz saindo da barriga? Nem em filme de guerra nas estrelas!

Então o vovô foi ver o que havia. E voltou correndo, como o Alvinho.

– A Coisa! - ele gritava. – A Coisa! É pavorosa! Muito alta, com os olhos brilhantes, como se fossem de vidro! E na cabeça uns tufos espetados pra todos os lados!

Nessa altura a família toda começou a acreditar. E tio Gumercindo resolveu investigar. E voltou, como os outros, correndo e gritando:

– A Coisa! É uma Coisa! Com uma cabeça muito grande, um fogo na boca. É muito horrorosa!

O Alvinho já estava roendo as unhas de tanto medo. Dona Julinha, a avó de Alvinho, era a única que não estava impressionada.

– Deixa de bobagem, Alvinho. Pra que este medo? Fantasmas não existem!

– Mas o meu existe! – disse Alvinho.

– Tá bem, tá bem, eu vou – disse Dona Julinha. Eu vou ver o que há...

E Dona Julinha foi tirar a limpo o que estava acontecendo. Foi descendo as escadas devagar, abrindo as janelas que encontrava.

A família veio toda atrás, assustada, morrendo de medo do monstro, fantasma, alma penada, fosse ele o que fosse. Até que chegaram lá embaixo e Dona Julinha abriu a última janela.

Então todos começaram a rir, muito envergonhados.

A Coisa era... um espelho!

Dona Julinha tinha levado o espelho para baixo e tinha coberto com um lençol (Dona Julinha não tinha medo de fantasmas, mas tinha medo de raios...).

Um dia o lençol desprendeu e caiu e se transformou na... Coisa...

Cada um que descia as escadas, no escuro, via uma coisa diferente no espelho. E todos eles pensavam que tinham visto... a Coisa.

A Coisa eram eles mesmos!

Não ria, não! Você já reparou como um espelho no escuro é esquisito?

(Disponível em [http://www.escolanova.com.br/amb\\_circulares/documentos/4/Exercicio%20Extra%2017-%20LP.pdf](http://www.escolanova.com.br/amb_circulares/documentos/4/Exercicio%20Extra%2017-%20LP.pdf). Acesso em 10 nov. 2019).

#### **Questão 1**

O que você mais gostou neste conto? Por quê?

#### **Questão 2**

<sup>10</sup> Parte da atividade foi adaptada de produção original dos professores Valdinar Custódio Filho (UECE) e Mônica Maria Matias Muniz (Colégio Master).

## Quadro 9 – Atividade 04

(continua)

Marque a opção que apresenta a classificação adequada para este conto.

- a) É um conto de amor.
- b) É um conto de aventura.
- c) É um conto de terror.
- d) É um conto de mistério e humor.

### Questão 3

Na atividade anterior, vimos que o nó/conflito é o surgimento de um problema para uma personagem ou para a história como um todo. Em relação a este conto, qual é o nó/conflito?

### Questão 4

Como foi visto na atividade anterior, o clímax é o ponto da narrativa em que a ação atinge seu momento crítico, tornando o desfecho inevitável. Sendo assim, destaque o momento em que se dá o clímax desta narrativa.

### Questão 5

O desenlace/a resolução de todo o conflito é apresentado depois que a avó, dona Julinha, desce ao porão e descobre que o monstro simplesmente era um espelho. Caso você fosse o autor desse texto, como você teria apresentado o fim deste conflito, ou seja, em vez de um espelho como sendo o possível monstro, o que dona Julinha teria encontrado?

## TEXTO 2

### Os turistas secretos

Moacyr Scliar

Havia um casal que tinha uma inveja terrível dos amigos turistas – especialmente dos que faziam turismo no exterior. Ele, pequeno funcionário de uma grande firma, ela, professora primária, jamais tinham conseguido juntar o suficiente para viajar. Quando dava para as prestações das passagens não chegava para os dólares, e vice-versa; e assim, ano após ano, acabavam ficado em casa. Economizavam, compravam menos roupa, andavam só de ônibus, comiam menos – mas não conseguiam viajar para o exterior. Às vezes passavam uns dias na praia. E era tudo.

Contudo, tamanha era a vontade que tinham de contar para os amigos sobre as maravilhas da Europa, que acabaram bolando um plano. Todos os anos, no fim de janeiro, telefonavam aos amigos: estavam se despedindo, viajavam para o Velho Mundo. De fato, alguns dias depois começavam a chegar postais de cidades europeias, Roma, Veneza, Florença; e ao fim de um mês eles estavam de volta, convidando os amigos para verem os 'slides' da viagem. E as coisas interessantes que contavam! Até dividiam os assuntos: a ele cabia comentar os hotéis, os serviços aéreos, a cotação das moedas, e também o lado pitoresco das viagens; a ela tocava o lado erudito: comentários sobre os museus e locais históricos, peças teatrais que tinham visto. O filho, de dez anos, não contava nada, mas confirmava tudo; e suspirava quando os pais diziam:

- Como fomos felizes em Florença!

O que os amigos não conseguiam descobrir é de onde saíra o dinheiro para a viagem; um, mais indiscreto, chegou a perguntar. Os dois sorriram, misteriosos, falaram numa herança e desconversaram.

Depois é que ficou se sabendo.

Não viajavam coisa nenhuma. Nem saíam da cidade. Ficavam trancados em casa durante todo o mês de férias. Ela ficava estudando os folhetos das companhias de turismo, sobre – por exemplo – a cidade de Florença: a história de Florença, os museus de Florença, os monumentos de Florença. Ele, num pequeno laboratório fotográfico, montava 'slides' em que as imagens deles estavam superpostas a imagens de Florença. Escrevia os cartões-postais, colava neles selos usados com carimbos falsificados. Quanto ao menino, decorava as histórias contadas pelos pais para confirmá-las se necessário.

Só saíam de casa tarde da noite. O menino, para fazer um pouco de exercício; ela, para fazer compras num supermercado distante; e ele, para depositar nas caixas de correspondência dos amigos os postais.

Poderia ter durado muito e muitos anos, esta história. Foi ela quem estragou tudo. Lá pelas tantas, cansou de ter um marido pobre, que só lhe proporcionava excursões fingidas. Apaixonou-se por um piloto, que lhe prometeu muitas viagens, para os lugares mais exóticos. E acabou pedindo o divórcio.

Beijaram-se pela última vez ao sair do escritório do advogado.

- A verdade – disse ele – é que me diverti muito com a história toda.

- Eu também me diverti muito – ela disse.

- Fomos muito felizes em Florença – suspirou ele.

- É verdade – ela disse, com lágrimas nos olhos. E prometeu-se que nunca mais iria a Florença.

(Disponível em: <http://pedrolusodcarvalho.blogspot.com/2010/12/moacyr-scliar-os-turistas-secretos.html>. Acesso em 11 nov. 2019).

## Quadro 9 – Atividade 04

(continua)

**Questão 6**

Qual foi o conflito gerador deste conto?

**Questão 7**

Destaque o trecho em que ocorre o clímax deste enredo.

**Questão 8**

O desenlace deste enredo se dá com a mulher desistindo do casamento pelo fato de o marido não poder realizar suas vontades de viajar. O que você achou dessa atitude da esposa? Caso você tivesse escrito esse conto, que desenlace teria dado para este enredo?

**TEXTO 3**

### O desejo

Pedro era um garoto muito calmo. Ele vivia com os pais em uma casa enorme. Nada acontecia de diferente na vida do menino. Seus dias eram sempre iguais, suas atividades diárias eram repetitivas. Tudo ao seu redor era bastante normal.

Num belo fim de tarde, logo depois da escola, Pedro estava caminhando pela rua quando se deparou com uma garrafa azul em cima do meio-fio; abaixou-se, pegou-a e, em vez de deixá-la na rua, levou-a para casa a fim de ver se havia algo dentro, mas logo concluiu que estava vazia, era uma garrafa como as outras. Quando estava prestes a jogá-la fora, levantou a garrafa contra a luz. Forçando a vista, percebeu o óbvio: era só uma garrafa.

O menino, convencido de que se tratava de uma simples garrafa azul, decidiu deixá-la de volta na calçada para que um reciclador pudesse pegá-la. Ainda com o objeto na mão, caminhou mais um pouco e estacou no meio do caminho. A curiosidade ainda persistia. Escondeu-se atrás de um muro, olhou para todos os lados e, quando se convenceu de que estava sozinho, abriu a garrafa. E nada aconteceu. Pedro deixou-a na lixeira e voltou para casa.

Texto adaptado para esta atividade.

**TEXTO 4**

### Cuidado com o que se deseja

Pedro era um garoto muito arrogante; sempre reclamava de tudo e queria que as coisas fossem feitas à sua maneira. Queria que todos ao seu redor fossem condescendentes com seus caprichos e, quando as coisas não saíam ao seu contento, tinha ataques tão terríveis que muitas vezes seus vizinhos pensaram em chamar a polícia para contê-lo.

Um belo fim de tarde, logo depois da escola, Pedro estava caminhando pela rua quando se deparou com uma garrafa de formato anormal em cima do meio-fio; abaixou-se, pegou-a e, como era afobado, em vez de admirar o peculiar acabamento da garrafa, começou a sacudi-la para ver se havia algo dentro. Porque não ouviu nenhum som, concluiu que deveria estar vazia. Quando estava prestes a jogá-la fora, percebeu ranhuras no casco, que era feito de vidro fosco, e levantou a garrafa contra a luz. Forçando a vista, percebeu alguns sinais que aos poucos foram se convertendo em letras. Pôde ler então a mensagem: “Abra-me!”.

O menino, convencido de que se tratava de uma brincadeira, decidiu não obedecer ao comando de uma estúpida garrafa. Ainda com o objeto na mão, caminhou mais um quarteirão e estacou no meio do caminho. A curiosidade ainda persistia. Escondeu-se atrás de um muro, olhou para todos os lados e, quando se convenceu de que estava sozinho, abriu a garrafa.

De dentro dela, saiu uma fumaça rosada que, ao se dissipar, revelou uma estranha criatura encantada que lhe disse que ele teria direito a um desejo; apenas um desejo. Pedro, muito esperto, soube instantaneamente o que desejava.

— Se é assim, quero ter o dom de poder realizar todos os meus desejos, bastando para isso simplesmente apontar o meu dedo.

— Que assim seja, mestre! — disse a criatura com um sorriso irônico, desaparecendo logo em seguida.

Pedro correu para casa, doido para começar a realizar seus desejos, agora que possuía esse fantástico poder.

Ao dobrar uma esquina, deu um encontrão em uma menina. Refazendo-se do susto, ele viu que não era apenas uma menina; era simplesmente a menina mais cobiçada do bairro, a mais linda da região, pela qual Pedro era apaixonado.

— Agora vou me dar bem! — maquinou o menino, murmurando para si.

Pedro, discretamente, apontou o dedo para a menina e, baixinho, disse:

— Apaixone-se por mim.

## Quadro 9 – Atividade 04

(conclusão)

A bela menina, como se estivesse em transe hipnótico, lançou sobre Pedro um olhar de malícia e gemeu docemente:

— Ai, meu Deus! Que gato!

O menino, apesar de ter sido atendido em seu desejo, mas ainda surpreso com o efeito que presenciava, encabulado, apontou o dedo para si mesmo e disse:

— Gato? Eu?

A partir desse dia, a bela menina, quando andava pelas ruas dali, era perseguida e assediada por um gatinho branco e fofo, sempre a miar e a ronronar em volta de suas pernas. E Pedro, menino caprichoso e malcriado, para estranheza de toda a vizinhança, nunca mais foi visto.

Disponível em <http://www.letraseartes.com.br/2011/01/tres-bons-exemplos-de-textos-narrativos.html>.

### Questão 9

O elemento mais importante de uma narrativa é o **conflito** – o surgimento de um problema que será vivido pelos personagens principais. Os textos 3 e 4 apresentam o mesmo conflito. Qual é esse conflito?

### Questão 10

Para que uma história seja legal de verdade, o conflito deve ser interessante e deve encaminhar para situações ainda mais interessantes, que prendam a atenção do leitor. Com base nessa informação, responda ao que se pede.

- Entre os textos 3 e 4, qual você julgou mais interessante?
- O que o texto que você julgou mais interessante apresenta de diferente em relação ao outro texto?

A partir das respostas às questões, podemos concluir que os bons textos narrativos são construídos em torno de um conflito, que deve se desenvolver para tornar a trama mais interessante. Lembre-se disso quando for produzir seus textos (contos, crônicas, fábulas) e também quando estiver lendo histórias.

### Questão 11

Vamos treinar sua habilidade de criar conflitos interessantes e desenvolvê-los. A seguir, são apresentados o início de duas histórias. Para cada uma, proponha um conflito e indique como esse conflito pode se desenvolver.

#### TEXTO 5

Naquele tempo, naquela aldeia, havia Fati e Issa. Fati dormia deitada numa esteira, sempre de barriga para baixo. Durante esse tempo, Issa sonhava deitado de costas, na cabana da mãe. Uma manhã, Issa convidou Fati para ir com ele à pesca, no grande riacho.

(Disponível em [http://www.prof2000.pt/users/historias/A\\_cor\\_dos\\_olhos.pdf](http://www.prof2000.pt/users/historias/A_cor_dos_olhos.pdf). Acesso em 30 mai. 2016).

- Que conflito você sugere para continuar essa história?
- Como o conflito pode se desenvolver para que a história fique interessante?

#### TEXTO 6

Era uma ovelha muito generosa. [...] Dava lã, quando lhe pediam. Vinha uma velhinha e pedia-lhe um xailinho de lã para o inverno. A ovelha dava. Vinha uma menina e pedia-lhe um carapuço de lã para ir para à escola. A ovelha dava. Vinha um rapaz e pedia-lhe um cachecol de lã para ir à bola. A ovelha dava. Vinha uma senhora e pedia-lhe umas meias de lã para trazer por casa. A ovelha dava.

(Disponível em <http://www.prof2000.pt/users/historias/hist%C3%B3ria%20da%20semana.htm>. Acesso em 30 mai. 2016).

- Que conflito você sugere para continuar essa história?
- Como o conflito pode se desenvolver para que a história fique interessante?
- E o momento do clímax, como você sugere?
- Apresente o desfecho desta história, isto é, a resolução do conflito.

**Para saber mais:** nos textos narrativos, o conflito, ou problema, é o acontecimento que quebra a rotina, o equilíbrio dos personagens. Esse problema, não precisa ser, obrigatoriamente, algo sério. Por exemplo, numa história, a personagem principal está participando de um concurso de beleza e, minutos antes de entrar na passarela, ela quebra um dos dentes da frente; a situação vivida é um problema para a personagem, mas, para o leitor, isso pode ser visto como uma situação cômica.

Dentre as atividades escritas propostas, essa foi aquela que demandou mais tempo. Primeiro, por ter apresentado um maior número de questões; segundo, porque exigiu mais dos alunos, em algumas perguntas: como se visualiza na atividade, os sujeitos tinham de criar o conflito e o clímax de histórias já iniciadas. Comparado aos outros exercícios, este exigiu mais do aspecto cognitivo do aluno.

### 3.4.2 Bloco 02 – planejamento e produção do conto - 7h/a

Para a realização das atividades deste segundo bloco, trabalhamos com sete horas-aula, com o objetivo de levar o aluno a compreender a importância do planejamento, da escrita revisada – a partir da orientação da professora regente – e da reescrita no processo da produção de um texto.

Nas duas primeiras aulas deste bloco, propomos que os alunos planejassem seus textos. Para isso, entregamos a cada um a atividade escrita 5, uma espécie de ficha para o planejamento.

Antes da ficha em si, a atividade contemplava uma pergunta para os alunos responderem oralmente. Na verdade, essa pergunta foi feita para lembrar a turma sobre o tipo de história de que os discentes gostavam; em mais de um momento, já havíamos feito uma abordagem sobre isso. Houve um pequeno diálogo sobre a resposta para essa pergunta. A seguir, apresentamos a atividade de planejamento do texto.

### Quadro 10 – Atividade 05: planejamento do texto<sup>11</sup>

(continua)

<b>E. E. F. Municipal CEL. Estevão Alves da Rocha</b>	
Aluno (a): .....	
Série: _____	Turma: _____ Data: _____
Professora pesquisadora: Francineuza de Assis	
<b><u>Atividade V</u></b>	
•	Que tipo de história você mais gosta? Por quê? Compartilhe sua preferência com seus colegas, oralmente.
✓	Aventura
✓	Mistério
✓	Romance
✓	Humor

<sup>11</sup> Atividade adaptada a partir de produção original do professor Valdinar Custódio Filho (UECE).

## Quadro 10 – Atividade 05: planejamento do texto

(continua)

Quando uma boa história prende o interesse, ela possibilita que o leitor ou espectador entre em outro mundo, no qual suas emoções e pensamentos podem se transformar. Você já deve ter vivido isso. Que tal, agora, passar de leitor a escritor? Você pode usar sua criatividade para construir uma história que interesse às outras pessoas.

Agora, você vai começar a preparar sua história, que deverá ser lida por outros alunos de sua escola. Para isso, vamos seguir os passos do planejamento.

### Passo 1- defina seu tipo de história

Você pode escolher o tipo que mais lhe interessa, de acordo com o que respondeu na questão anterior, ou pode optar por um tipo diferente. O importante é definir o tipo que permita que você explore bastante a sua criatividade.

### Passo 2- defina o motivo para a sua história existir

Como você quer que as pessoas se sintam quando lerem sua história? O que quer que elas pensem? Sua história deve ser escrita pensando nas reações que você quer gerar nos outros.

### Passo 3- defina os elementos e as etapas de sua história

A seguir, são apresentadas as instruções para a definição dos elementos mais importantes de sua história.

<p><b>Personagens</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Quem são os personagens de sua história?</li> <li>➤ Quais são as características dos personagens importantes para o desenvolvimento da história? Produza uma ficha com as características dos personagens. Fale da aparência, idade, manias, medos, estímulos, sonhos e outras informações que considerar importante.</li> </ul>	
<p><b>Situação Inicial</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Com quem?</li> <li>➤ Onde?</li> <li>➤ Quando?</li> </ul>	
<p><b>Ação</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Qual é o problema/nó/conflito que o personagem principal deve enfrentar?</li> <li>➤ Re-ação, ou seja, que complicações vão aparecer por causa desse problema?</li> <li>➤ Clímax</li> </ul>	

### Quadro 10 – Atividade 05: planejamento do texto

(conclusão)

<p><b>Desenlace/resolução</b> Como será a resolução?</p>	
<p><b>Situação final</b> Depois do problema resolvido, que final você pretende dar para a sua história?</p>	
<p><b>Atenção:</b> Lembre que sua história deve seguir o tipo que você definiu, e que, após o final, o leitor deve se sentir satisfeito com o que leu. Sua professora/pesquisadora vai ler este planejamento e dar algumas sugestões para que a história fique ainda mais interessante. Depois dessa conversa, será a hora de escrever a primeira versão do seu texto.</p>	

Fonte: Elaborado pela autora.

Depois de os alunos responderem, oralmente, a questão 01, fomos explicando os procedimentos que eles deveriam fazer naquele momento de planejamento da escrita. Aproveitamos para orientá-los sobre a relevância de criar uma história que prendesse a atenção do leitor. Até citamos, como exemplo disso, alguns dos contos lidos nas atividades do bloco 1. Discutimos sobre a importância de escrever algo que empolgasse o interlocutor, por isso era importante que eles colocassem detalhes no enredo. Enfim, tentamos motivá-los para serem criativos e caprichar na narrativa.

Quando encerramos esse momento, explicamos tudo que estava na ficha do planejamento do texto, e, em seguida, esclarecemos os passos que seriam percorridos durante todo o processo da produção escrita, a saber: 1) planejamento, naquele dia, em sala de aula, sob nosso acompanhamento; como não daria tempo acompanhar a todos na sala, combinamos de continuar isso via WhatsApp; 2) com o planejamento feito, eles fariam o rascunho, releriam e escreveriam a primeira versão, em um prazo de oito dias; 3) depois de encerrado o tempo estipulado, receberíamos os textos, os corrigiríamos e daríamos o feedback na sala de aula, onde deveria acontecer a reescrita para que assim a turma entregasse a versão final.

Depois de todas essas orientações, os alunos começaram a planejar seus textos. Esse momento foi bastante desafiador. Os alunos solicitaram bastante nossas orientações; havia sempre uma dúvida, um pedido de esclarecimento, um discente já concluindo o seu

plano e pedindo para que olhássemos. Enfim, foram duas aulas que demandaram muito esforço da nossa parte. No final da aula, havíamos vistos alguns planos, mas ainda faltavam muitos, desse modo as observações de muitos planos e orientações que julgamos importantes foram realizadas por meio do WhatsApp. Essa ferramenta digital acabou sendo nossa grande aliada na sequência das atividades deste bloco. Nesta mesma aula, os discentes já saíram com a folha na qual deveriam escrever a primeira versão de seus textos, essa atividade está no apêndice E.

Nesta atividade de produção textual, não estipulamos um tema para a produção dos alunos. Preferimos proceder dessa forma para que eles se sentissem motivados a produzirem uma história que realmente fosse do interesse deles, que eles expressassem por meio da escrita aquilo que de fato eles gostariam de externalizar. Essa experiência valeu a pena, pois obtivemos textos com variados temas.

Como já colocamos, os alunos tiveram um prazo de oito dias para nos entregar a primeira versão do texto. Ao recebermos essa versão, corrigimo-las em um momento fora da sala de aula. Depois disso, fizemos a devolutiva num processo de orientação individual. Para isso, levamos um tempo de cinco horas-aula. À medida que devolvíamos o texto ao aluno, conversávamos um pouco com cada um, sobre o trabalho feito até então, e já solicitávamos a reescrita, na sala mesmo. Com a segunda versão do texto em mãos, em alguns casos, a terceira versão, encerramos o segundo bloco de atividades.

### 3.4.3 Bloco 03 – publicização das produções e avaliação da aplicação da intervenção – 2h/a

Para a execução das atividades deste terceiro e último bloco, usamos duas horas-aulas. Tínhamos dois objetivos: primeiro, permitir que os alunos se sentissem valorizados, ao presenciarem seus textos passando por uma situação de comunicação, se não autêntica, menos artificializada; segundo, obter o feedback dos alunos sobre os conteúdos e procedimentos propostos durante os encontros.

Para atingirmos o primeiro objetivo, negociamos com a turma, em encontros anteriores, uma maneira de realizarmos a publicização dos textos. Ficou acordado que a professora pesquisadora, juntamente com dois alunos da turma, iria fazer a divulgação dos contos nas demais salas de aula da escola. Para executarmos o acordo, convidamos dois

discentes, a quem chamaremos de A4 e A36<sup>12</sup>. Com os discentes convidados, formamos um trio e visitamos as salas de aula.

Para esta visita, escolhemos, previamente, três contos. Eis os títulos dos contos escolhidos: *Quando o amor é de verdade nada o destrói*, de autoria de A23; *Entre o sonho e o namoro*, de autoria de A17; *Daria um filme*, de autoria de A16. Durante a visita, falávamos um pouco sobre o projeto que executamos, cujo resultado foi a produção dos contos divulgados naquele momento, e em seguida, ou A4 ou A36 lia a primeira parte de um dos contos selecionados.

A ideia de ler apenas a primeira parte, até o momento onde iniciava o conflito, tinha como propósito deixar os potenciais leitores com vontade de saber o restante da história, sentirem-se interessados em ler o conto, e isso funcionou: muitos reclamavam, queriam logo saber do restante da história, porém não os revelávamos. No meio da curiosidade, alguns davam palpite sobre o que poderia vir no desenrolar do enredo. Avisávamos que, em breve, todos os contos, com seus variados temas, podendo agradar a vários gostos, estariam disponíveis na sala de leitura da escola. Realmente cumprimos o que dissemos: depois de digitados, os contos foram disponibilizados na sala de leitura da escola.

Com os contos divulgados, fomos em busca da realização do segundo objetivo, conforme apresentamos há pouco. Para isso, aplicamos uma avaliação sobre os conteúdos e procedimentos propostos nas atividades desenvolvidas. Segue o modelo da avaliação aplicada

### Quadro 11 - Modelo da avaliação aplicada à turma

(continua)

<p><b>E. E. F. Municipal CEL. Estevão Alves da Rocha</b></p> <p>Aluno (a): .....</p> <p>Série: _____ Turma: _____ Data: _____</p> <p>Professora pesquisadora: Francineuza de Assis</p> <p style="text-align: center;"><b><u>Avaliação do processo de aplicação do projeto</u></b></p> <p>1 - Querido (a) estudante, nas duas primeiras aulas do nosso projeto, você teve a oportunidade de ler os depoimentos de alguns escritores falando sobre aquilo que os motivava a escrever. A leitura desses depoimentos lhe fez refletir sobre o motivo pelo qual você iria escrever o seu conto? Escolha a opção que melhor lhe representa.</p> <p><input type="checkbox"/> Não me fez refletir.</p> <p><input type="checkbox"/> Fez-me refletir um pouco.</p> <p><input type="checkbox"/> Fez-me refletir bastante.</p>
--

<sup>12</sup> Nesta combinação de letras e números, a letra A refere-se a “aluno”, e o número corresponde ao código do discente no diário de classe. Utilizamos este método em todas as vezes que fomos nos referir a um aluno específico.

**Quadro 11- Modelo da avaliação aplicada à turma**

(continua)

2- Durante o desenvolvimento das aulas, você teve a oportunidade de ler alguns contos e conseqüentemente de conhecer algumas personagens. Você se inspirou em algum desses contos ou em uma dessas personagens na hora de criar o seu texto?

- Sim  
 Não

Caso tenha marcado sim, diga qual foi o conto ou a personagem.

---

3 - A realização da leitura de alguns contos em sala de aula, bem como o estudo sobre os elementos que compõem esse gênero, contribuíram com a escrita do seu texto?

- Sim  
 Não  
 Um pouco  
 Bastante

4- Antes de escrever o seu conto, você passou pela etapa do planejamento, isto é, você pensou nas personagens, na situação inicial, na ação, no desenlace e na situação final. Essa etapa foi importante para a escrita do seu texto, ajudou-lhe a compreender o que era preciso ser colocado no conto?

- Sim  
 Não  
 Um pouco  
 Bastante

5- Após a escrita da primeira versão do seu texto, a professora pesquisadora fez as correções e, em seguida, fez as orientações para que você realizasse a reescrita do seu conto. As orientações da professora foram importantes para que você pudesse melhorar o seu texto?

- Sim  
 Não  
 Um pouco  
 Bastante

6 - Antes de você escrever o seu conto, você foi informado sobre o fato de que ele passaria por um processo de publicização, ou seja, que o seu texto não seria lido apenas pela sua professora, mas também por outras pessoas. Essa informação lhe fez querer escrever um texto interessante, isto é, você se preocupou em caprichar na criatividade bem como na escrita como um todo?

### Quadro 11- Modelo da avaliação aplicada à turma

(conclusão)

<input type="checkbox"/>	Sim
<input type="checkbox"/>	Não
<input type="checkbox"/>	Um pouco
<input type="checkbox"/>	Bastante

7 - A sua participação nesse projeto contribuiu para que você melhorasse a prática de escrever textos narrativos, principalmente textos pertencentes ao gênero conto?

<input type="checkbox"/>	Sim
<input type="checkbox"/>	Não
<input type="checkbox"/>	Um pouco
<input type="checkbox"/>	Bastante

Além das atividades desenvolvidas durante o desenvolvimento do projeto, o que você sugere para a professora fazer a fim de motivar os próximos alunos dela a escreverem textos narrativos, sobretudo aqueles pertencentes ao gênero conto, uma vez que foi o que você produziu no momento?

Fonte: Elaborado pela autora.

Essa avaliação foi válida para nós, uma vez que precisamos refletir sobre o que aplicarmos, ou não, nas nossas práticas de ensino.

Com a avaliação concluída, fizemos a culminância do projeto, o que se deu com uma confraternização. Na ocasião, ainda homenageamos os nossos contistas, decorando o bolo que servimos, com “livros” ilustrados com os nomes dos personagens dos contos produzidos. Os alunos gostaram da ideia: ao se depararem com o bolo, ficavam procurando o nome de seus personagens. Podemos conferir uma demonstração dessa homenagem observando a imagem a seguir.

**Figura 8 – Homenagem aos produtores dos contos**



Fonte: Elaborado pela autora.

Com essa homenagem, queríamos que personagens criados pelos meninos e meninas ganhassem mais vida, tivessem sua existência divulgada, ainda que, naquele momento, fosse apenas entre os colegas da turma. O fato é que, com os “livros” sobre o bolo, não só homenageamos os nossos “escritores”, como também oficializamos o fim da intervenção que nos propusemos a realizar.

## 4 INTERVENÇÃO: DESCRIÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

### 4.1 Frequência e participação nas atividades

No presente capítulo, realizamos a descrição, análise e discussão do corpus discursivo obtido nesta pesquisa. Iniciamos com a frequência dos alunos durante as aulas.

Contamos com uma boa taxa de participação. O número de estudantes ausentes era baixo, as ausências variavam de um a quatro alunos por encontro. Contudo, houve um caso de ausência que fugiu do nosso controle: a aluna A10 só participou de três encontros durante todo o período da intervenção. Tratava-se de uma aluna muito ausente de todas as aulas, praticamente, considerada desistente pelos professores.

Esclarecemos que esta ausência não estava atrelada à aplicação da nossa intervenção. No primeiro semestre, quando ainda não estávamos aplicando o nosso projeto, a aluna já apresentava baixa frequência; ademais, os colegas relatavam que ela tinha essa prática nos anos anteriores. A mãe da aluna até justificou algumas das faltas junto à coordenação da escola, entretanto outras faltas não foram justificadas.

Quanto à quantidade de alunos que realizaram as atividades, apresentamos o levantamento a seguir.

**Quadro 12 – controle da quantidade de alunos que fizeram as atividades**

<b>Especificação da atividade</b>	<b>Números de alunos que realizaram a atividade integralmente</b>	<b>Número de alunos que realizaram a atividade parcialmente</b>	<b>Número de alunos que não realizaram a atividade porque não vieram ou por outros motivos quaisquer</b>
Atividade 01	31	0	04
Atividade 02	31	0	04
Atividade 03	29	02	04
Atividade 04	27	05	03
Atividade 05 – planejamento do conto	27	04	04
Atividade 06 – produção do conto	27		08

Fonte: Elaborado pela autora.

No que se refere às atividades 01 e 02, o número de alunos os quais deixaram de cumpri-las se explica pelo fato de estes discentes terem faltado às aulas nos dias em que as atividades foram aplicadas.

No que concerne à atividade 03, o caso dos dois alunos que só a fizeram parcialmente se explica pelo fato de se tratar de uma atividade não concluída no mesmo dia em que foi iniciada, visto que a aula chegou ao fim antes de os alunos a encerrarem; então, tivemos de recolher as folhas e entregá-las no encontro seguinte, no qual não contamos com a presença desses dois alunos. Os alunos que aparecem como não tendo feito nada da atividade correspondem aos que faltaram às aulas nos dias em que a atividade foi trabalhada.

Os cinco alunos que fizeram a atividade 04 apenas de forma parcial não conseguiram fazer algumas questões, mesmo contando com as nossas orientações mais de uma vez. Os três estudantes que nada fizeram foram os que não compareceram às aulas nos dois dias em que trabalhamos esta atividade (conforme apresentamos no momento da descrição, essa foi uma atividade realizada em quatro aulas, sendo estas em dois dias diferentes).

Na atividade 05, consideramos que quatro alunos fizeram o plano de seus textos apenas parcialmente. Mesmo que tenhamos, no papel de aplicador do projeto, conversado com eles, orientado para que pensassem em uma história de interesse deles e começassem a pensar no enredo e a criar seus personagens, infelizmente, estes não conseguiram encerrar o plano.

Quanto aos quatro sujeitos informados na coluna daqueles os quais deixaram de elaborar o plano, dois deles faltaram à aula; em outro momento, até conversamos com estes, chegamos a entregar a ficha de planejamento do texto, explicamos o que poderia ser feito, mas, ainda assim, eles não fizeram essa tarefa. Os outros dois, realmente, não conseguiram; conversamos, explicamos mais de uma vez, porém eles disseram que não sabiam o que escrever. Consequentemente, somando o número desses quatro que não fizeram o planejamento, de forma alguma, com o número dos quatro que planejaram o texto parcialmente, chegamos à soma de oito alunos que deixaram de realizar, também, a atividade 06, de produção do conto.

## **4.2 Análise das atividades**

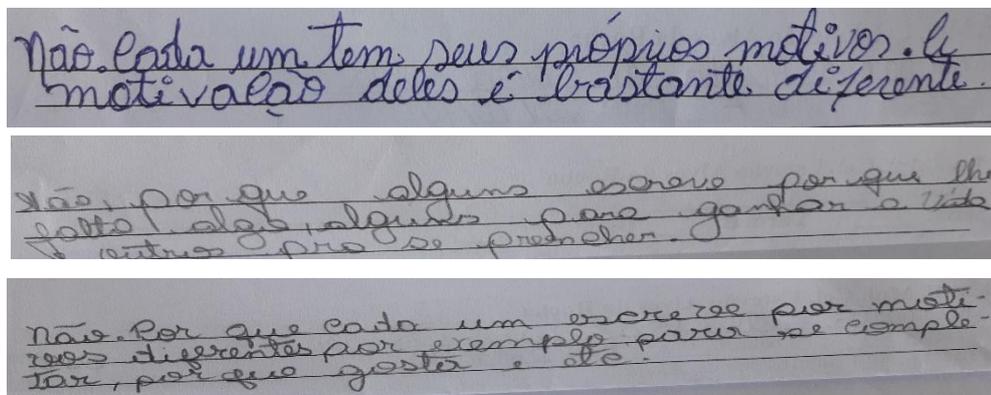
Quanto às respostas apresentadas nas atividades, para essa análise, vamos considerar, de cada exercício, as questões mais pertinentes para o nosso objetivo na atividade

proposta. Por conseguinte, na atividade 01, optamos por analisar as questões 01 e 04. A questão 01 traz a seguinte solicitação:

01 – Os autores escrevem pelos mesmos motivos? Justifique sua resposta.

Com a questão 01, esperávamos que os alunos percebessem que cada autor tem a sua própria motivação para a escrita, logo eles deveriam responder negativamente na resposta inicial e justificar de modo coerente em relação ao que os autores disseram no texto. De modo geral, destacamos que as repostas saíram de acordo com as nossas expectativas, pois 28 alunos, em um universo de 31, responderam “não” e apresentaram suas justificativas de acordo com o esperado. Vejamos algumas respostas:

**Figura 9 – Atividade 01: respostas apresentadas à questão 01, respectivamente, dos alunos: A16, A15 e A4**



Fonte: Elaborado pela autora.

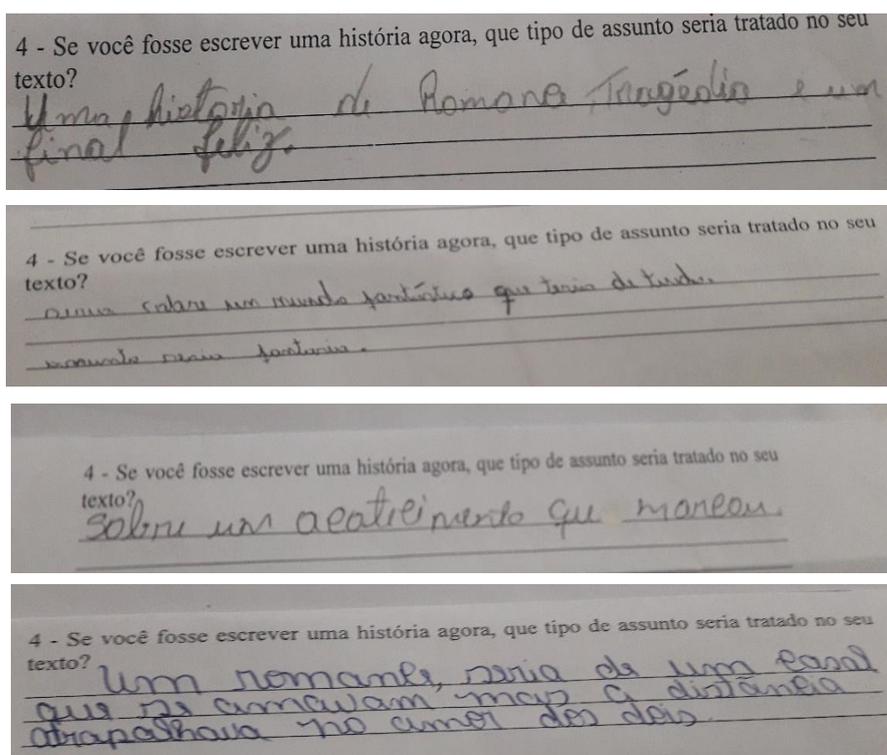
Os outros 23 sujeitos que também apresentaram respostas corretas para essa questão seguiram a mesma linha de raciocínio dos exemplos apontados, desmonstrando a percepção de que os motivos os quais levavam aqueles autores à escrita eram distintos. Em relação aos três alunos que não acertaram essa resposta, supomos ter sido a falta de uma leitura atenta, uma vez que os textos mostravam, explicitamente, as diferentes motivações que as pessoas tinham para escrever.

Na questão 04, pretendíamos que o aluno registrasse por escrito o assunto de seu interesse para criar uma história, conforme se pode ver no enunciado da questão:

04 – Se você fosse escrever uma história agora, que tipo de assunto seria tratado no seu texto?

Dentre os 31 registros apresentados, surgiram terror, mistério, um mundo fantástico, motivação para a vida, um acontecimento que marcou a vida, romance, futebol, comédia, aventura, romance e tragédia, preconceito, entre outros. Na imagem, a seguir, mostramos algumas respostas.

**Figura 10 – Atividade 01: respostas apresentadas à questão 04, respectivamente, dos alunos: A24, A31, A33 e A23**



Fonte: Elaborado pela autora.

Ao propormos essa pergunta aos discentes, estávamos, mesmo que indiretamente, levando-os a pensar em seus futuros textos. E conseguimos, pois muitas dessas sugestões se refletiram nos contos. Certamente, houve o caso daqueles alunos que mudaram de ideia ao longo das aulas, visto que foram se deparando com os variados enredos dos contos lidos, viram outras possibilidades e acabaram se inspirando para construírem seus contos; afinal, essa atividade foi a primeira.

Todavia, alguns alunos criaram as suas histórias de acordo com aquilo que demonstraram na questão 04. Podemos ilustrar esse fato a partir dos alunos cujas respostas apresentamos na imagem anterior. Entre eles, somente A24 mudou de ideia na escrita do

conto, os demais mantiveram o que pensaram inicialmente. A31, por exemplo, que declarou o interesse por uma história de fantasia, produziu o conto intitulado *Nasce um guerreiro*; trata-se de uma história que apresenta floresta, árvores e animais mágicos, ou seja, um misto de fantasias.

A33, cuja resposta foi “um acontecimento que marcou”, escreveu o texto *Dos tempos de infância*. O enredo aborda a história de um rapaz narrando, em primeira pessoa, um episódio ocorrido com ele ainda na fase de criança.

A23, que sugeriu a história de um casal que se amava, mas teria a distância como empecilho desse romance, apenas mudou o tipo de empecilho, ao criar o conto *Quando o amor é de verdade nada o destrói*. O texto traz dois jovens bonitos, apaixonados, porém de etnias e classes sociais diferentes, razões suficientes para que o pai do rapaz, um arrogante fazendeiro, não permitisse o romance dos dois.

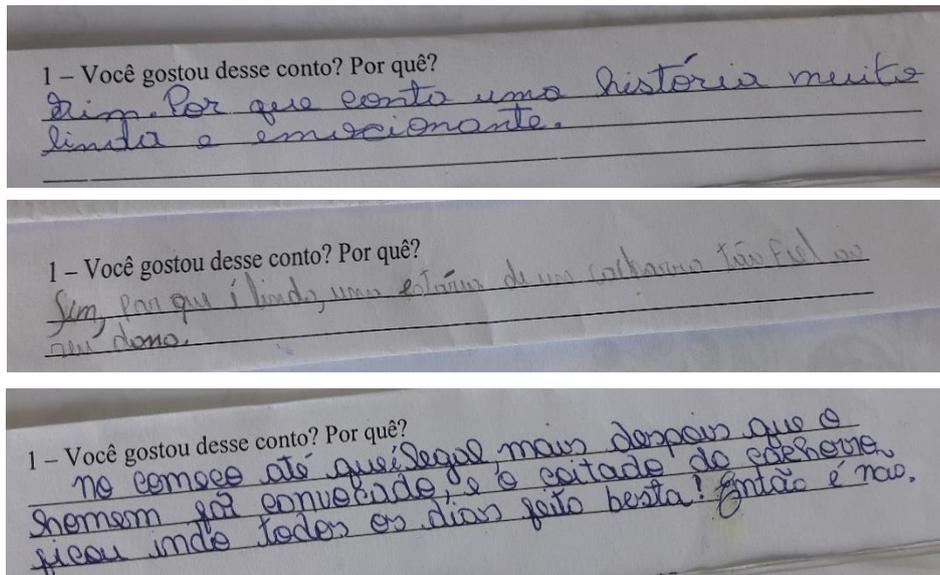
Com essas colocações, consideramos que os resultados obtidos com a atividade 01 foram satisfatórios.

Na atividade 02, destacamos as questões 01, 02 e 06 como sendo as mais pertinentes de acordo com o objetivo estabelecido: proporcionar à turma o contato mais sistematizado com a leitura do texto narrativo ficcional (no caso, o conto “A disciplina do amor”). Ao observarmos as 31 respostas dadas a estas questões, detectamos que praticamente todos os alunos conseguiram ler o texto e manifestar suas opiniões fundamentadas, realmente, a partir do que leram.

A questão 01 apresenta a seguinte solicitação: 01 – Você gostou desse conto? Por quê?

A imensa maioria dos alunos respondeu que sim; apenas três alunos disseram não gostar do conto. Todas as afirmações e negações foram fundamentadas a partir do enredo do conto. A seguir, apresentamos o modo como alguns alunos responderam:

**Figura 11 – Atividade 02: respostas apresentadas à questão 01, respectivamente pelos alunos A4, A31, A20.**



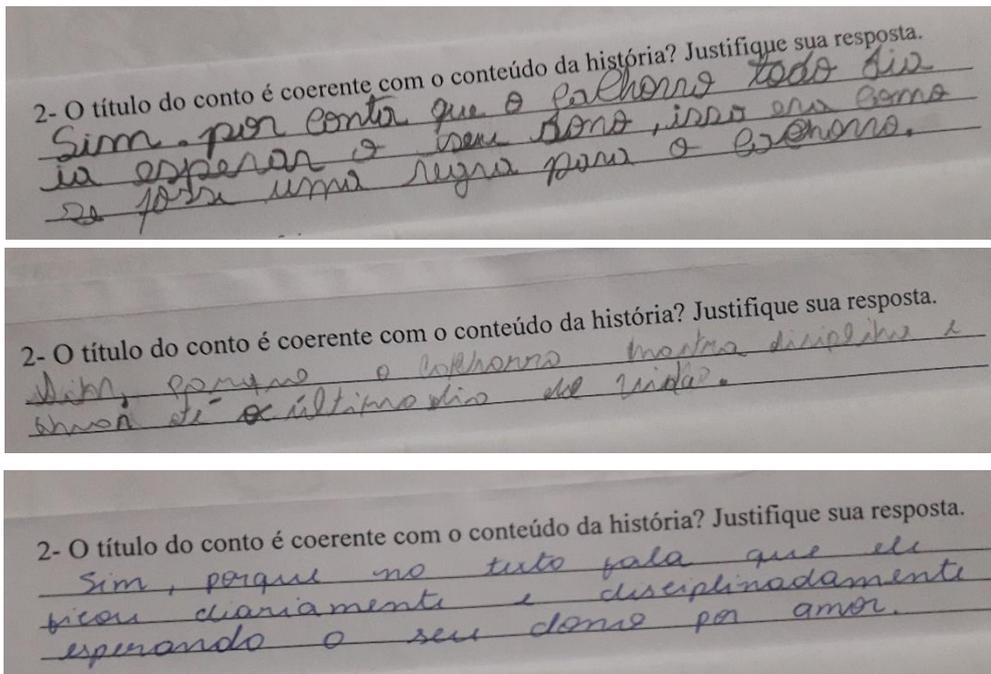
Fonte: Elaborado pela autora.

A seu modo, cada aluno justificou sua resposta a partir do conteúdo do enredo, não saíram respostas aleatórias, ou seja, ninguém disse que gostou ou não gostou apenas, isso foi importante porque mostra que o sujeito de fato interagiu com o texto.

A questão 2 contém a seguinte instrução: 02 – O título do conto é coerente com o conteúdo da história? Justifique sua resposta.

Esperávamos que os sujeitos percebessem a coerência entre o título do conto e o seu conteúdo. Consideramos importante os alunos fazerem esta observação para, quando chegasse a vez de darem títulos a seus textos, eles tivessem mais clareza quanto à importância dessa escolha. Dos 31 alunos, somente dois não consideraram haver coerência entre o título e o conteúdo do texto, e um destes, o A5, justificou sua escolha ressaltando que o título sugeria “uma história de amor entre duas pessoas”, e isso não é o que ocorre no enredo. Parece-nos que esta foi a predição do aluno e, como não foi confirmada, ele julgou o título incoerente. O outro, embora não tenha dito tão explicitamente quanto o colega, em sua resposta, deu a entender que também pensou algo semelhante. Excetuando-se esses dois alunos, todos reconheceram que havia coerência entre o título e o desenvolvimento do enredo, inclusive apresentaram explicações embasadas no comportamento do cachorro, reconhecendo suas atitudes disciplinadas e amorosas. Vejamos algumas respostas:

**Figura 12 – Atividade 02: respostas apresentadas à questão 02, respectivamente, pelos alunos A16, A26, A35.**



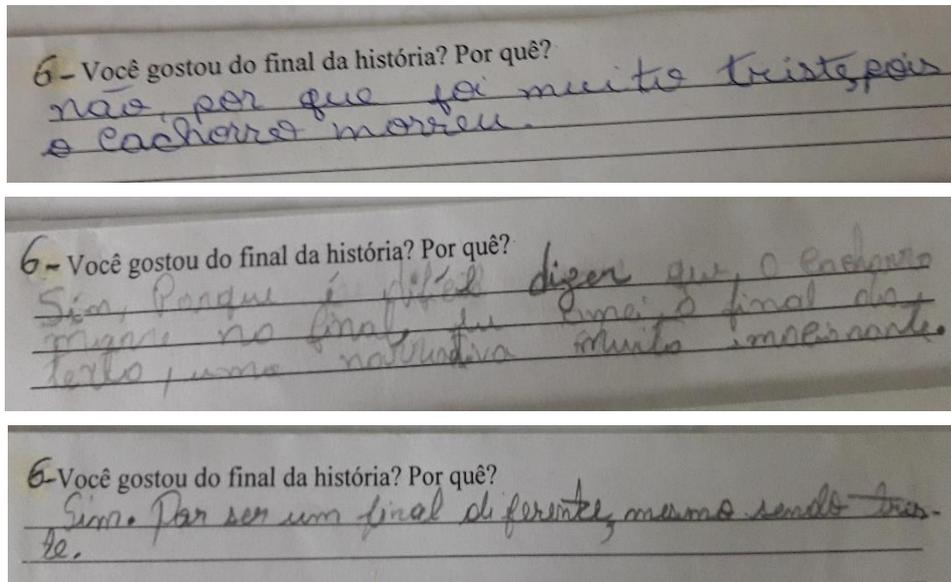
Fonte: Elaborado pela autora.

Estas e as respostas dos outros alunos que responderam “sim”, nesta questão, corresponderam às nossas expectativas, não simplesmente pelo fato de terem sido afirmativas, mas também por conta de que os discentes conseguiram perceber essa coerência por meio da leitura do texto, justificando suas escolhas com os elementos textuais, o que prova que compreenderam o texto lido.

A questão 6 solicita o seguinte: 06 – Você gostou do final da história? Por quê?

As respostas apresentaram uma oscilação entre sim e não, e um aluno respondeu “mais ou menos”; esse “mais ou menos” foi explicado pelo viés de que o final era confuso. Baseando-nos nas discussões realizadas em sala, supomos que o aluno julgou o final do texto confuso pelo fato de o narrador não colocar explicitamente que o cachorro morreu, pois a morte é apresentada com muita sutileza. No que tange às demais respostas, seguem alguns exemplos:

**Figura 13 – Atividade 02: respostas apresentadas à questão 06, respectivamente, pelos alunos A4, A24, A9.**



Fonte: Elaborado pela autora.

Quando A24 coloca ser “difícil dizer que o cachorro morre no final da história” e, em seguida, diz ter amado esse final, nós entendemos que ela concorda com a maneira como foi apresentada a morte do animal. Algo semelhante acontece na resposta de A9, quando diz: esse “final diferente”, seguido do reconhecimento da presença de tristeza, demonstra que o sujeito apreciou a maneira delicada de a autora destacar a morte do cão. Essas e todas as outras respostas apresentadas à questão foram esclarecidas com base naquilo que o narrador apresentou no final de seu texto.

De um modo geral, o nosso objetivo com essa atividade foi contemplado, uma vez que pretendíamos proporcionar a leitura do texto narrativo ficcional aos alunos, e isso foi realizado. A interação da turma com a leitura foi substancial, todos os estudantes interagiram bem com o texto, e essa boa interação contribuiu para o momento das produções dos sujeitos; eles se preocupavam mais na hora de apresentar o título para o texto, no momento de inserir um detalhe ou não, enfim, tivemos bons resultados.

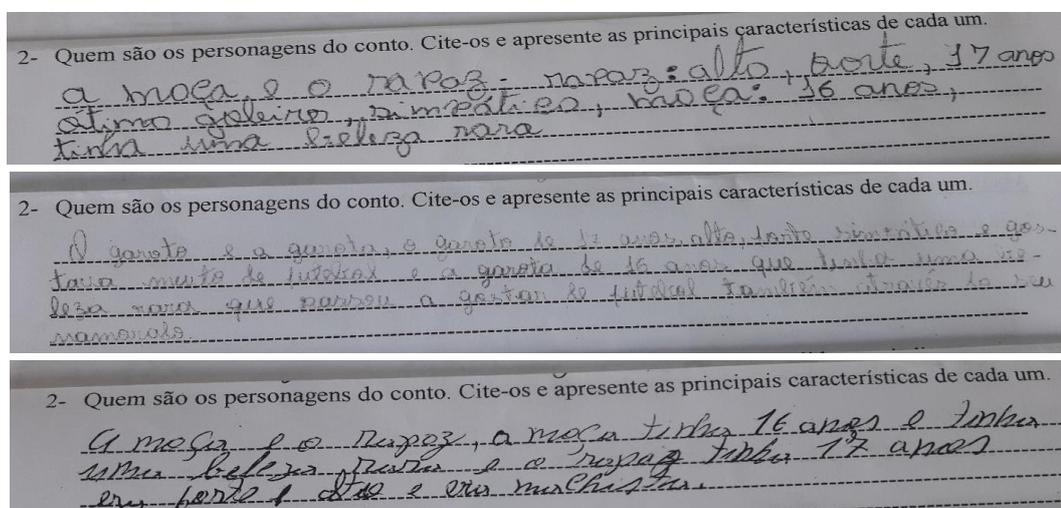
Conforme já ressaltamos, a atividade 03 também se deu a partir da leitura de um conto, um texto de Moacyr Scliar intitulado “Namoro e futebol”. Dessa atividade, escolhemos para análise as questões 02, 03 e 05, por dialogarem mais com o objetivo estipulado para a atividade: levar os alunos a conhecerem algumas definições do gênero conto, bem como os elementos essenciais da tipologia narrativa.

A questão 02 coloca a seguinte instrução: Quem são os personagens do conto? Cite-os e apresente as principais características de cada um.

Dentre as 33 respostas – os alunos que responderam a atividade parcialmente serão contabilizados na análise desta questão, pois eles responderam justamente até a questão ora analisada –, observamos que três alunos, A26, A9 e A27, responderam-na parcialmente, pois estes apenas citaram os personagens, sem destacar as características de cada um, e a questão solicitava as duas informações, ou seja, o discente precisava identificar os personagens e, em seguida, descrever as suas características. Não se trata de uma tarefa difícil de ser cumprida, pois, com a leitura do primeiro parágrafo, o leitor já identifica as características voltadas para os aspectos físicos dos personagens. Apresentar uma resposta incompleta para essa questão revela falta de atenção por parte do aluno; não podemos nem julgar ter sido uma questão mal compreendida, porque, além de não ser uma pergunta complexa, ela foi devidamente explicada em sala de aula.

Excetuando-se estes três casos, todos os demais apresentaram respostas consoante às nossas expectativas, isto é, destacaram os personagens e acrescentaram uma pequena descrição destes. Alguns alunos não só destacaram peculiaridades físicas, como também citaram marcas psicológicas. Vejamos algumas respostas:

**Figura 14 – Atividade 03: respostas apresentadas à questão 02, respectivamente, pelos alunos A33, A2, A17**



Fonte: Elaborado pela autora.

Observa-se, na resposta de A33, que, além da descrição física, há a informação de que o rapaz era um “ótimo goleiro”; na resposta de A2, cita-se o machismo do rapaz; em A17,

aparece a colocação de que os dois personagens gostavam de futebol. Conclusão: os três sujeitos se preocuparam em apresentar algo além das características físicas.

Certamente, com a leitura do texto, percebe-se a existência de outras informações de caráter psicológico, como, por exemplo, o fato de que tanto o rapaz quanto a moça apreciavam leitura, cinema e passeios no parque. Aliás, essa peculiaridade não foi destacada em nenhuma das 31 respostas. Isso revela que os sujeitos focaram a atenção apenas nos aspectos físicos e nos de caráter psicológicos que se restringiram ao apreço pelo futebol de ambos os personagens, e o lado machista do rapaz.

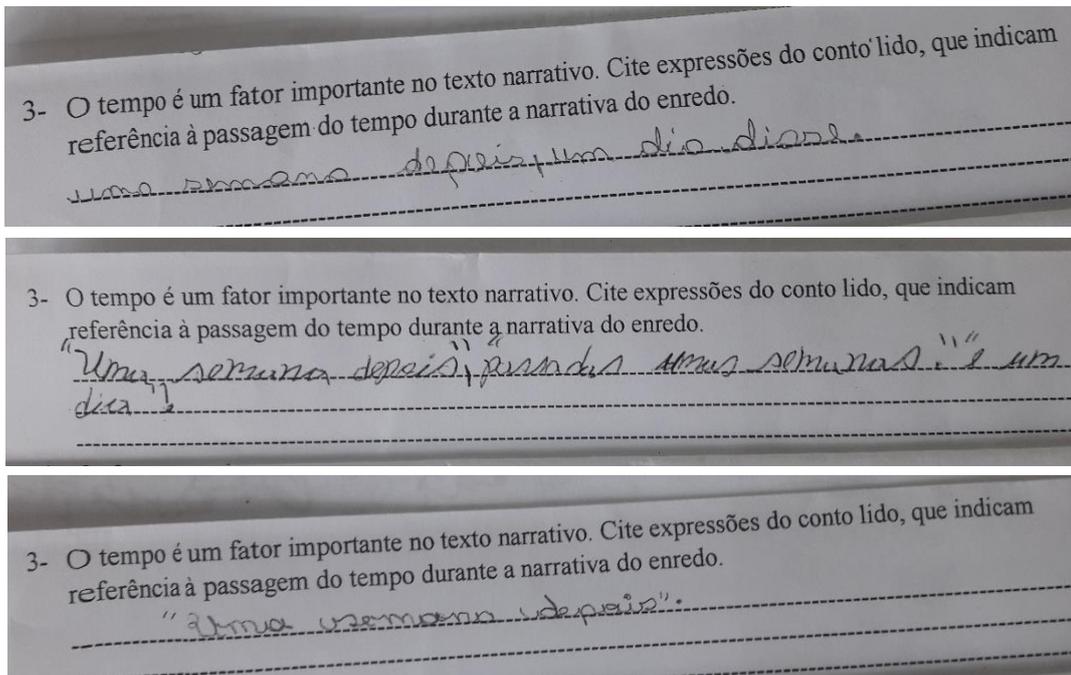
Consideramos relevante a inserção desta questão na atividade, porque era fundamental o aluno perceber que o autor de um texto narrativo precisa levar em consideração a importância de se criar um personagem, ou seja, como um autor precisa dar vida a um personagem, e isso se justifica pelo fato de que “A personagem é o elemento decisivo da efabulação, pois nela se centra o interesse do leitor. Adultos ou crianças, todos nós ficamos presos àquilo que acontece às personagens ou àquilo que elas são” (COELHO, 2000, p. 74). Isso é significativo para ser trabalhado com o aluno, pois, ao mesmo tempo em que sabemos da importância do personagem em um texto narrativo, sabemos também do desafio para criá-lo. Como diz Wood (2012, p. 87), “o mais difícil é a criação do personagem de ficção”.

Partindo dessa constatação, isto é, da dificuldade de se construir um personagem, buscamos trabalhar com os alunos, a partir da questão ora analisada, a importância de se pensar bem na construção e atuação do personagem, afinal, “Podemos saber muitas coisas sobre um personagem pela maneira como ele fala, e com que fala – como ele lida com o mundo” (WOOD, 2012, p. 89). Acreditamos que nosso trabalho tenha sido válido, uma vez que, nos contos da turma, há personagens com características bem marcadas e significativas para o enredo (considerando-se que são criações coerentes com a idade e maturidade dos alunos-autores).

Na questão 03 da atividade 03, a solicitação é a seguinte: O tempo é um fator importante no texto narrativo. Cite expressões do conto lido que fazem referência à passagem do tempo durante a narrativa do enredo.

Requisitamos que o aluno citasse expressões do conto lido as quais indicassem referência à passagem do tempo durante a narrativa do enredo. Observamos que, em um universo de 29 respostas, dois estudantes citaram três expressões; quatorze citaram duas expressões; doze citaram apenas uma expressão; e um aluno não citou nenhuma expressão – este não deixou a pergunta sem resposta, apenas não respondeu de maneira correta. Seguem algumas respostas:

**Figura 15 – Atividade 03: respostas apresentadas à questão 03, respectivamente, pelos alunos A1, A15, A2.**



Fonte: Elaborado pela autora.

Vislumbramos, nas respostas apresentadas, que, na verdade, os alunos destacaram apenas expressões que traziam palavras como “dia” ou “semana”. Acreditamos que essa escolha se deu pelo fato de estas palavras terem uma relação mais direta com o campo semântico em torno do conceito de tempo. Afirmamos isso porque o texto apresenta outras possibilidades, como “logo estavam” “e agora estão”, e nenhuma resposta apresentou essas expressões. Mostramos essas outras opções de respostas no momento da correção da atividade.

Optamos pela abordagem dessa questão porque o “tempo constitui o eixo de toda sequência narrativa, pois os fatos se dão em relação a uma referência temporal” (SPARANO *et al*, 2012, p. 50). A partir de colocações como esta, julgamos oportuno levar os alunos a refletirem sobre a importância das expressões de marcação temporal dentro de um texto narrativo, uma vez que elas são significativas para essa referência ao tempo durante o desenvolvimento de um enredo.

Já na questão 05, ainda na atividade 03, é solicitado o seguinte:

05 – Retire trechos do texto que indiquem os elementos da narrativa.  
a) Situação inicial:

- b) Nó / conflito gerador:
- c) Re-ação:
- d) Clímax:
- e) Desenlace ou Resolução:
- f) Situação final:

O resultado de respostas obtidas foi o seguinte:

- a) dezessete alunos responderam o item “a” de acordo com as nossas expectativas, ou seja, mesmo que de maneira resumida, destacaram a situação inicial. Os outros doze tentaram responder, mas as respostas foram demasiadamente resumidas, limitando-se a dizer que “Eles se conheceram na escola”; quando iam mais além, diziam que “Eles se conhecerem na escola, onde cursavam a mesma classe” e nada mais;
- b) 21 alunos acertaram o item “b”; oito não souberam identificar o conflito gerador;
- c) dezoito apresentaram respostas corretas para o item “c”; onze não conseguiram perceber o trecho em que se deu a re-ação;
- d) dezenove alunos conseguiram identificar a cena em que se deu o clímax; dez não revelaram essa habilidade;
- e) dezessete discentes responderam corretamente o item “e”, doze não conseguiram perceber o momento em que se deu o desenlace;
- f) dezesseis alunos apresentaram respostas corretas para o item “f”, os demais confundiram a situação final ou com a cena do clímax ou com a resolução.

A título de exemplificação, colocamos uma resposta para cada item:

**Figura 16 – Atividade 03: respostas apresentadas à questão 05, respectivamente, pelos alunos A35, A13, A11, A4, A17, A35.**

5- Retire trechos do texto que indiquem os elementos da narrativa.

a) Situação inicial:  
 Eles se conheceram na escola onde usavam  
 a mesma classe. Foi o legítimo amor a  
 primeira vista...

b) Nó / conflito gerador:  
 Foi o Futebol. Quando disse que iria jogar...

c) Re-ação:  
 Para a surpresa dele, ele se mostrou radicalmente contrário à ideia  
 de jogar que futebol era para homens.

d) Clímax:  
 "De repente, penalty. Penalty contra o  
 time dos garotos, e ela foi designada  
 para cobrar - lá!"

e) Desenlace ou Resolução:  
 "O jogo terminou 3x0 a zero. Eles se reconciliaram e agora estão juntos  
 de novo."

f) Situação final:  
 Uma dúvida e pergunta, será que ela  
 não chutou a bola para que ele fizesse  
 a melhor defesa?

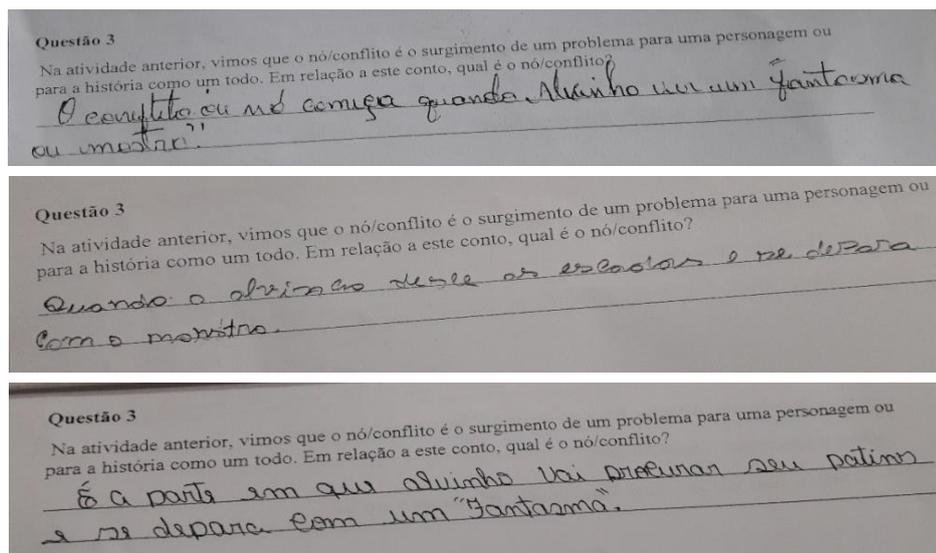
Dados: Elaborado pela autora.

De modo geral, as respostas apresentadas nesta questão revelaram que alguns alunos tiveram dificuldades para reconhecer as cenas cujas ações representavam os elementos da estrutura narrativa. Na correção da atividade, buscamos tirar dúvidas e esclarecer um pouco mais sobre esses elementos. Também na atividade seguinte, propusemos questões explorando alguns desses elementos da tipologia narrativa, pois queríamos que os alunos se familiarizassem bastante com estes, visto que eles iriam escrever um texto pertencente a essa tipologia.

Ainda sobre essa questão, reconhecemos o quanto ela foi pertinente para a turma, haja vista que os elementos narrativos nela explorados são essenciais para a construção do texto narrativo, “e é absolutamente necessário pensar a narração como o produto de uma construção textual (plano de sua estrutura sequencial própria)” (ADAM, 2019, p. 131). Quando o produtor de um texto narrativo segue essa orientação de Adam (2019), certamente ele é mais bem-sucedido na construção de seu texto, porque ele tem um “caminho” a seguir, sabe exatamente os elementos que devem ser inseridos no enredo. Foi pensando nessa necessidade de se trabalhar a narração dentro de sua estrutura própria que orientamos os discentes para o planejamento e a execução da produção de seus contos.

Da atividade 04, são analisadas, nesta seção, as questões 03, 04, e 11. Na primeira questão desta sequência, os discentes tinham de identificar o nó/conflicto do conto intitulado “A coisa”, de Ruth Rocha. No total de 32 respostas<sup>13</sup>, 24 estão de acordo com as nossas expectativas, ou seja, apontam o surgimento do suposto fantasma como sendo o nó/conflicto do texto. Seguem algumas respostas dadas à questão 03.

**Figura 17 – Atividade 04: respostas apresentadas à questão 03, respectivamente, pelos alunos A23, A12, A36.**



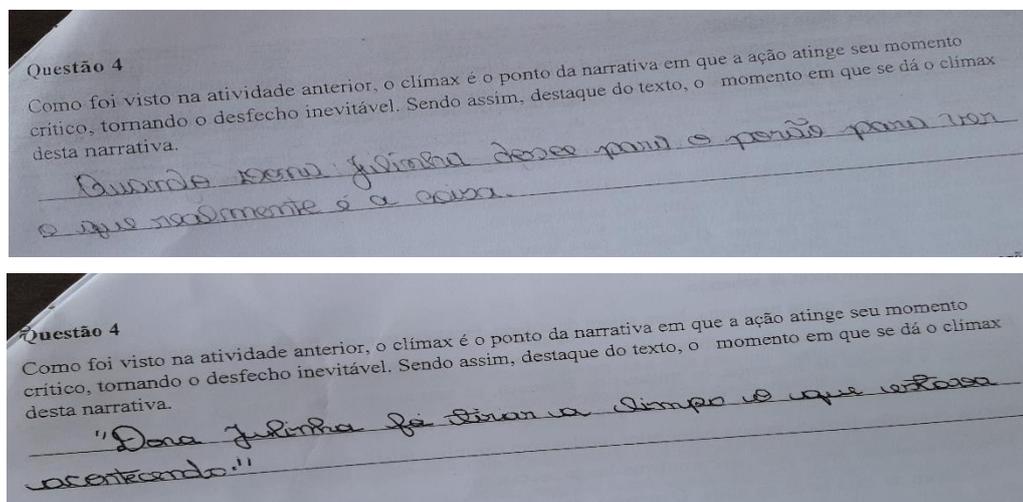
Fonte: Elaborado pela autora.

<sup>13</sup> Na descrição que realizamos no início deste capítulo, ressaltamos que 27 alunos cumpriram essa atividade de forma integral, no entanto estamos relatando o resultado de 32 alunos. Isso ocorre porque informamos que cinco discentes fizeram a atividade de modo parcial, e estes responderam essa questão; aliás, alguns destes fizeram até a questão 09 do exercício. Logo, nesta análise, só não há 32 respostas para a questão 11.

Percebe-se, nas respostas, que o jeito de dizer é distinto, certamente, mas os três alunos chegam ao final fazendo referência ao suposto fantasma/monstro, ou seja, todos souberam identificar o nó. De modo semelhante, procederam os demais 21 alunos cujas respostas apresentadas estavam corretas. Insistimos com esse tipo de questão porque o conflito é algo imprescindível na construção de um texto narrativo. Nossa intenção, então, era deixar os alunos cientes dessa ideia, a fim de que isso repercutisse no conto deles.

Pensamos de modo equivalente no que concerne ao clímax, por isso, na questão 04, os alunos precisavam identificar o momento do texto em que se dava o clímax. 23 estudantes souberam responder corretamente. A seguir, algumas respostas podem ser conferidas:

**Figura 18 – Atividade 04: respostas apresentadas à questão 04, respectivamente, pelos alunos A20, A1.**



Fonte: Elaborado pela autora.

Na questão 11, a solicitação é a seguinte:

Vamos treinar sua habilidade de criar conflitos interessantes e desenvolvê-los. A seguir, são apresentados o início de duas histórias. Para cada uma, proponha um conflito e indique como esse conflito pode se desenvolver.

#### TEXTO 5

Naquele tempo, naquela aldeia, havia Fati e Issa. Fati dormia deitada numa esteira, sempre de barriga para baixo. Durante esse tempo, Issa sonhava deitado de costas, na cabana da mãe. Uma manhã, Issa convidou Fati para ir com ele à pesca, no grande riacho.

(Disponível em [http://www.prof2000.pt/users/historias/A\\_cor\\_dos\\_olhos.pdf](http://www.prof2000.pt/users/historias/A_cor_dos_olhos.pdf).

Acesso em 30 mai. 2016).

- a) Que conflito você sugere para continuar essa história?
- b) Como o conflito pode se desenvolver para que a história fique interessante?

**TEXTO 6**

Era uma ovelha muito generosa. [...] Dava lã, quando lhe pediam. Vinha uma velhinha e pedia-lhe um xailinho de lã para o inverno. A ovelha dava. Vinha uma menina e pedia-lhe um carapuço de lã para ir para à escola. A ovelha dava. Vinha um rapaz e pedia-lhe um cachecol de lã para ir à bola. A ovelha dava. Vinha uma senhora e pedia-lhe umas meias de lã para trazer por casa. A ovelha dava.

(Disponível em

<http://www.prof2000.pt/users/historias/hist%C3%B3ria%20da%20semana.htm>.

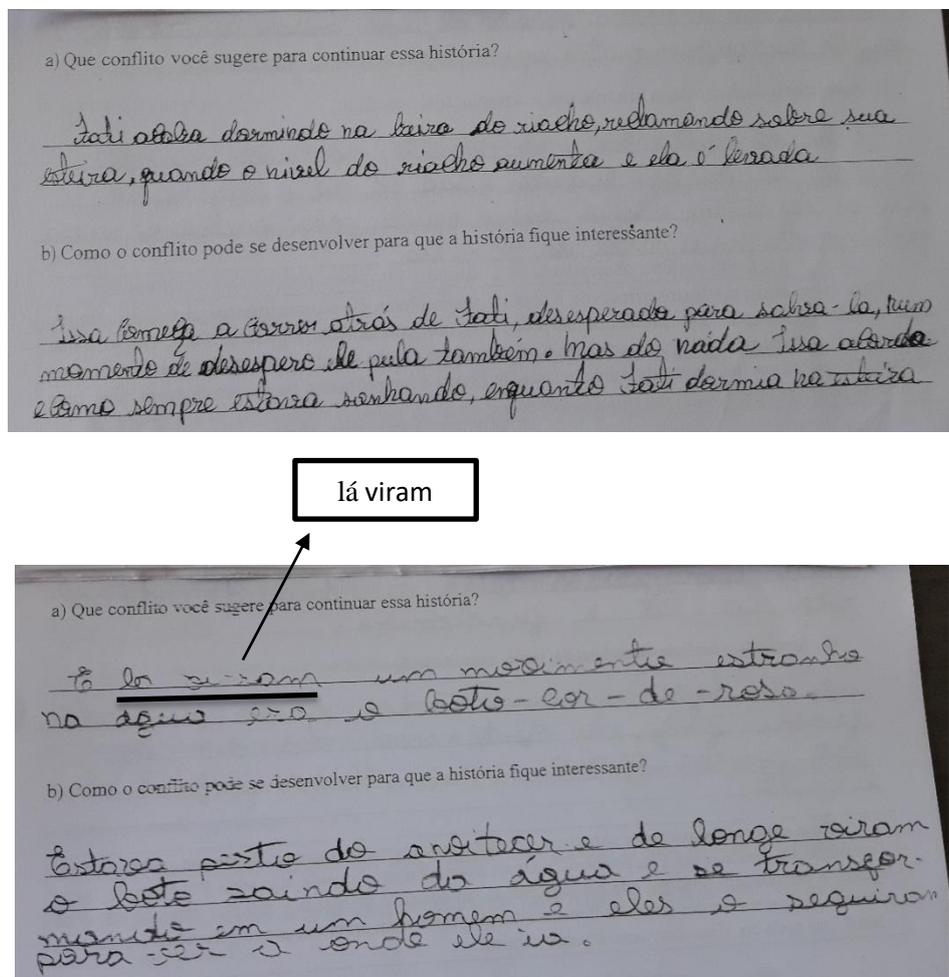
Acesso em 30 mai. 2016).

- a) Que conflito você sugere para continuar essa história?
- b) Como o conflito pode se desenvolver para que a história fique interessante?
- c) E o momento do clímax, como você sugere?
- d) Apresente o desfecho desta história, isto é, a resolução do conflito.

Na primeira parte, tomando por base o texto 5, os sujeitos deveriam treinar a habilidade de criar conflitos interessantes; na segunda parte da questão, tomando por base o texto 6, além de criar o conflito, era preciso desenvolvê-lo, elaborar o momento do clímax e apresentar o desfecho da história, isto é, a resolução do conflito.

Essa questão foi uma espécie de treino para a produção do conto. Dentre as 27 respostas, surgiram aquelas mais criativas, outras nem tanto; alguns escreveram mais, outros resumiram muito; porém, foi um bom treino para o grande momento, a culminância de todo o processo, a produção do conto. Vejamos a seguir como alguns se saíram:

**Figura 19 – Atividade 04: respostas apresentadas aos itens “a” e “b” da primeira parte da questão 11, respectivamente, pelos alunos A9, A4.**

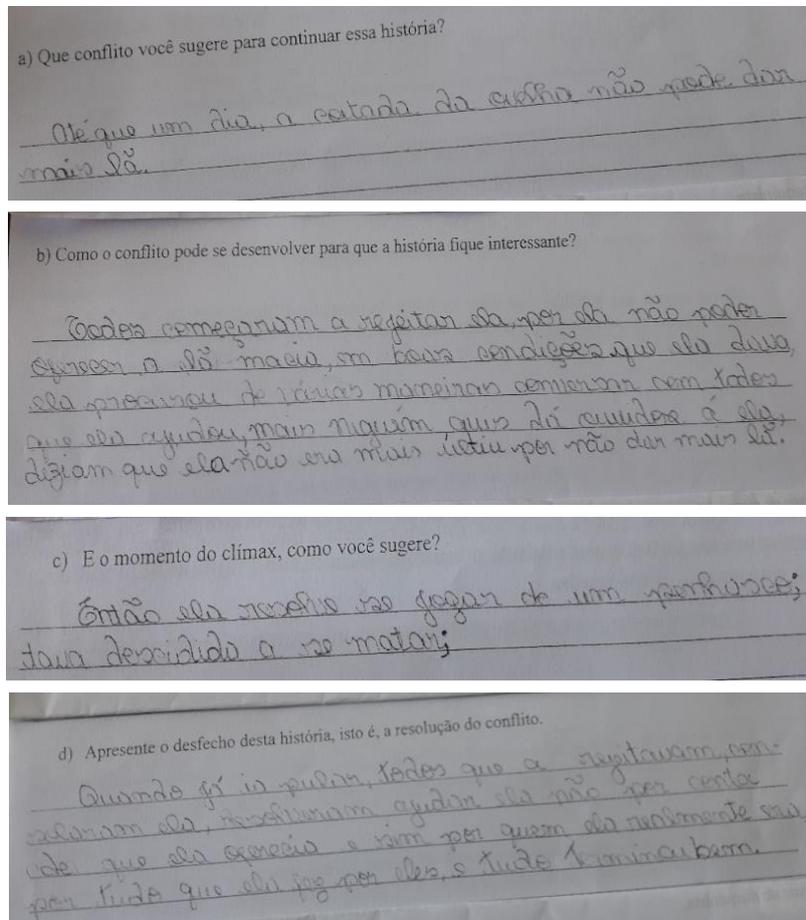


Fonte: Elaborado pela autora.

Surgiram outras respostas interessantes para essa primeira parte da questão. A33, por exemplo, sugeriu para o conflito que os personagens não perceberam o tempo passar durante a pescaria e, quando se deram conta, já era noite e não sabiam mais o caminho de volta. A35 sugeriu que, nesta ida à pescaria, os personagens encontraram um amuleto e, ao tocarem no objeto, eles trocaram de corpo, quem era Fati passou a ser Issa e vice-versa.

Embora todos os 27 estudantes tenham respondido a primeira parte desta questão, pudemos perceber, por meio das respostas apresentadas, que eles manifestaram mais receptividade com a segunda parte, sobre o texto 6, pois observamos que eles se empenharam mais nas respostas. Vejamos a resposta de uma aluna:

**Figura 20 – Atividade 04: resposta apresentada aos itens “a”, “b”, “c” e “d” da segunda parte da questão 11, pela aluna A20.**



Fonte: Elaborado pela autora.

Outros alunos sugeriram conflitos criativos. A4, por exemplo, sugeriu que a lã da ovelha acabou, com isso ela passou a sentir muito frio e adoeceu. Já A36 propôs que o fazendeiro mais rico do país sequestrou a ovelha a fim de ter a lã só para si. Outra proposta de conflito veio de A1, que disse que o dono da ovelha resolveu viajar e com ele levou a doadora de lã.

De maneira geral, houve dedicação e criatividade na resolução da questão. Os alunos demonstraram ter compreendido o necessário para elaborar o conflito e o clímax de um texto narrativo.

A atividade 05 consistiu no planejamento do texto. Para essa atividade, embasamo-nos em Cabral (2013), que ressalta a importância de se planejar a escrita de um texto. Conforme já abordamos no capítulo 2, para a autora, o planejamento de um texto é uma

“ferramenta” necessária para se trabalhar com a escrita. Acreditamos no poder dessa “ferramenta” porque ela possibilita o aluno a seguir um roteiro no momento de escrever um texto, permitindo evitar, portanto, que este se “perca” ao tecer os fios de seu texto. Essa atividade foi muito valiosa para o processo da escrita dos contos, uma vez que os discentes foram construindo gradativamente a estrutura de suas narrativas.

Além dessa construção gradual, os alunos tiveram a oportunidade de serem orientados sobre aquilo que estava adequado ou não em seus planos, ou seja, realizamos orientações para que os alunos percebessem o que era necessário acrescentar e/ou retirar a partir do que o plano apresentava.

Como já abordamos na seção em que descrevemos essa atividade, o WhatsApp foi um recurso muito utilizado nesse processo. Desse modo, muitos alunos foram orientados através dessa ferramenta. A16, por exemplo, enviou-nos seu plano e fizemos as orientações cabíveis fazendo uso deste recurso digital. Segue trecho com uma reprodução dessa orientação:

**Professora pesquisadora:**

A16, boa tarde!

Li seu plano de texto, sugestões: quando você estiver escrevendo seu texto acrescente detalhes nas cenas.

Por exemplo: deixe claro quem é que tinha uma péssima mira, dizer o motivo pelo qual a personagem tenta fugir da polícia, dizer o porquê da personagem tentar se esconder justamente na igreja. Descrever cenas dessa perseguição da polícia e conseqüentemente fuga da personagem.

Qualquer dúvida pode perguntar.

**A16:**

ok

Segue o plano de texto de A16.

**Figura 21 – Atividade 05: plano de texto de A16**

A seguir, são apresentadas as instruções para a definição dos elementos mais importantes de sua história.

Personagens	que considerar importante.
<p>Personagens</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Quem são as personagens de sua história?</li> <li>Quais são as características das personagens importantes para o desenvolvimento da história? Produza uma ficha com as características das personagens. Fale da aparência, idade, manias, medos, estímulos, sonhos e outras informações</li> </ul>	<p>personagens: Lily.</p> <p>idade: uns 18 a 20 anos</p> <p>aparência: cabelos pretos, alta, olhos pretos.</p>
<p>Situação Inicial</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Com quem?</li> <li>Onde?</li> <li>Quando?</li> </ul>	<p>tinha uma pessima mãe.</p> <p>na matriz, e na igreja.</p> <p>Lily, policiais</p>
<p>Ação</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Qual é o problema/nó/conflicto que a personagem principal deve enfrentar?</li> <li>Re-ação, ou seja, que complicações vão aparecer por causa desse problema?</li> <li>Climax</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Tentar fugir da polícia, se esconder, e tentar sobreviver.</li> <li>Polícia perseguem a personagem</li> <li>Vinculam a personagem.</li> </ul>
<p>Desenlace/resolução</p> <p>Como será a resolução?</p>	<p>Tenta se esconder na igreja para encontrar uma solução. Eles pegam a personagem, prometendo não a matar.</p>
<p>Situação final</p> <p>Depois do problema resolvido, que final você pretende dar para a sua história?</p>	<p>A personagem ainda consegue fugir.</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

Orientação semelhante foi realizada com A1. A seguir, apresentamos, por escrito, trechos de mensagens de áudio enviadas à aluna, depois da leitura do plano dela:

**Trechos de áudios enviados pela professora-pesquisadora:**

**Primeiro áudio:** A1, meu bem, eu já li o plano do seu texto, tá ótimo, acho que a sua história vai ficar bem interessante, tá bom? Deixa eu dar só algumas sugestões para você melhorar ainda mais quando você estiver escrevendo, certo?

**Segundo áudio:** Quando você estiver escrevendo, deixe bem claro que esse ônibus estava levando as pessoas para um passeio [...]. É importante também dizer o destino desse passeio, para onde as pessoas estavam indo, para onde era, para que cidade, é bom dar detalhes, tá bom?

**Terceiro áudio:** Outra coisa, A1, apresente mais detalhes desse passeio, além de dizer para onde era, sei lá, como foi esse passeio, colocar detalhes do momento do passeio, tá certo?

Vejamos o plano de texto dessa aluna:

**Figura 22 – Atividade 05: plano de texto de A1**

A seguir, são apresentadas as instruções para a definição dos elementos mais importantes de sua história.

<p><b>Personagens</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Quem são as personagens de sua história?</li> <li>➤ Quais são as características das personagens importantes para o desenvolvimento da história? Produza uma ficha com as características das personagens. Fale da aparência, idade, manias, medos, estímulos, sonhos e outras informações</li> </ul>	<p>Um homem, uma mulher.</p> <p>O homem tem 23 anos, é simpático e não gosta de demonstrar sentimentos.</p> <p>A mulher tem 20 anos, uma mania de olhos castanhos.</p>
<p>que considerar importante.</p> <p><b>Situação Inicial</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Com quem?</li> <li>➤ Onde?</li> <li>➤ Quando?</li> </ul>	<p>Se conhecem em uma party para a praia.</p>
<p><b>Ação</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Qual é o problema/nó/conflicto que a personagem principal deve enfrentar?</li> <li>➤ Re-ação, ou seja, que complicações vão aparecer por causa desse problema?</li> <li>➤ Clímax</li> </ul>	<p>Depois do rapaz perde o equilíbrio e cai sem cima da moça.</p> <p>Todos acharam que era engraçado.</p>
<p><b>Desenlace/resolução</b></p> <p>Como será a resolução?</p>	<p>O rapaz desce do ôniko envergonhado e a moça sai atrás, e acontece um entendimento.</p>
<p><b>Situação final</b></p> <p>Depois do problema resolvido, que final você pretende dar para a sua história?</p>	<p>Depois de 5 meses de namoro eles se casaram.</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

Observa-se, no plano de A1, que houve uma falha em relação ao clímax e o desenlace, uma vez que o clímax é colocado no espaço destinado ao desenlace. No momento da produção, esse problema foi solucionado.

Destacamos que as demais orientações foram realizadas de maneira semelhante ao que fizemos com essas duas alunas. Salientamos que todos os contos saíram coerentes ao modo como seus autores planejaram, obviamente com alguns acréscimos de detalhes, afinal, o

plano ainda não é a concretização do texto. Em alguns casos, também houve informações contidas no plano que não foram inseridas no texto. A16, por exemplo, não levou para o texto o detalhe de que um personagem, não identificado no plano, era ruim de mira.

A realização deste planejamento foi substancial para que os alunos produzissem seus contos envolvendo uma harmoniosa articulação entre os elementos da narrativa – situação inicial, nó/conflicto, re-ação, clímax, desenlace/resolução e situação final. Além disso, contribuiu para que os discentes percebessem a importância de caprichar no processo de criação de seus personagens, apresentando a descrição destes, dando-lhes vida.

Ademais, a partir de outras experiências com atividades de produção de textos pertencentes à tipologia narrativa aplicadas na turma, num momento extra à nossa intervenção, temos certeza de que, sem esse plano, os contos não teriam sido produzidos com a mesma inserção de detalhes com os quais estes foram produzidos. Como os estudantes planejaram, eles tiveram a oportunidade de refletir, de deixar as ideias fluírem, desse modo houve mais criatividade. Contudo, salientamos que houve resistência por parte de alguns alunos. Foi necessário dialogarmos explicando a importância do planejamento de um texto, pois planejar o texto de forma sistematizada como propomos ainda não era uma experiência vivida por eles.

### **4.3 Análise dos contos produzidos**

Na Atividade 06, finalmente se deu a produção dos contos. Conforme já destacamos na seção em que descrevemos essa atividade, depois do plano feito, os alunos tiveram um prazo para entregar suas produções. A maioria atendeu ao prazo estipulado, no entanto alguns necessitaram de uma prorrogação.

No final, foram produzidos 27 contos. Esses contos foram corrigidos em um momento fora da sala de aula. Depois, dialogamos com os discentes sobre as correções necessárias e solicitamos a reescrita na própria sala. Foi um processo demorado, visto que conversamos com cada aluno para fazer as devidas orientações pós-correção, porém foi necessário para que as versões finais apresentassem a qualidade necessária. Essa reescrita foi pautada no aperfeiçoamento dos elementos essenciais do gênero conto.

Apesar de termos avisado previamente que os textos seriam reescritos, ainda nos deparamos com a resistência de alguns alunos em relação à exigência da reescrita. Todavia, com uma conversa esclarecedora sobre a importância desse processo, inclusive deixando claro

que os grandes escritores de textos narrativos passam por essa fase em seus trabalhos com a escrita, conseguimos convencer a todos.

Esse argumento de que escritores profissionais reescrevem seus textos pode ser comprovado, por exemplo, na fala de escritores da literatura universal. Um membro do grupo dos autores mais renomados da literatura japonesa diz o seguinte: “Quando termino de escrever a primeira versão do original, dou um tempo (a duração varia, mas geralmente descanso cerca de uma semana) e então começo a primeira revisão. Reescrevo tudo desde o começo” (MURAKAMI, 2017, p. 82). O autor fez essa fala ao abordar a sua metodologia de escrever romances no seu livro *Romancista como vocação* (2017).

Falas como estas contribuem significativamente para a valorização da reescrita nas atividades de produção textual, e aqui incluímos textos pertencentes a qualquer tipologia ou gênero textual. É importante levar essas informações para o alunado, porque alguns veem a reescrita como um atestado de que eles têm pouca habilidade com a prática de escrita. Então, muitas vezes, pedir para que o aluno reescreva o seu texto é interpretado por este como uma indicação de que a sua escrita foi ruim, levando-o à desmotivação nas atividades de produção textual. Por isso, faz-se necessário deixá-los cientes de que os grandes escritores fazem esse exercício.

No nosso caso, termos feito esses esclarecimentos foi muito positivo, pois os alunos acabaram se convencendo da necessidade da reescrita com mais facilidade. E foi um exercício essencial, já que a reescrita dos contos proporcionou aos estudantes a oportunidade de arrumar melhor algumas ideias no texto, de inserir um ou outro detalhe, de rever informações que não apresentavam verossimilhança, de rever a descrição de um personagem que precisava melhorar, de repensar um conflito que não estava tão definido, de aperfeiçoar uma cena de resolução/desenlace, de elaborar uma situação final melhor. Enfim, reescrever o texto foi fundamental para que os contos apresentassem uma boa sintonia entre os elementos do texto narrativo.

A seguir, apresentamos dois trechos da primeira e segunda versão dos contos de duas alunas:

Figura 23- Atividade 06: trechos da primeira e segunda versão dos contos das alunas A35 e A24, respectivamente.

3. Eles se conheceram  
 4. Ela com 16 anos, uma linda menina, negra dos  
 5. olhos claros, pobre, inteligente. Ele, um jovem de  
 6. 17 anos, leão dos olhos azuis, de uma família rica  
 7. e muito intelectual. Foi amor à primeira vista, tipo  
 8. coisa de novela

3. Quando eles se conheceram, ela tinha 16 anos,  
 4. era uma linda menina, negra dos olhos claros,  
 5. pobre e muito inteligente. Ele, um jovem de 17 anos,  
 6. leão dos olhos azuis, de uma família rica e in-  
 7. tellectual. Os dois se conheceram em um festival de  
 8. cidade e foi amor à primeira vista, tipo coisa de  
 9. novela.

29. Maria tentou de tudo feito mas não  
 30. conseguiu, mas Maria teve uma ideia

31. de levar Pedro para a Plantação de Uvas,  
 32. onde eles sempre brincavam. Pedro com-  
 33. tinhou com a cara fechada, Maria persistiu  
 34. disse que ele não era como anos atrás um  
 35. menino alegre, divertido que agora era  
 36. ignorante, chato, besta e que não queria  
 37. saber mais dele. Então Pedro  
 38. Sorriu.

28. Ela tentou de tudo feito, contudo, não  
 29. conseguiu, então Maria teve uma ideia, de le-  
 30. var Pedro para a Plantação de Uvas on-

31. de eles sempre brincavam. Pedro continuou  
 32. com a cara fechada. Maria persistiu disse  
 33. que ele não era como antes um menino  
 34. alegre e divertido, agora estava muito  
 35. triste e amargo. Neste instante, ele  
 36. olhou fixamente para Maria e inexpli-  
 37. cavelmente sorriu e disse que estava muito feliz com  
 38. a chegada da irmã.  
 39. Naquele dia, seus pais fizeram uma festa  
 40. para comemorar a chegada da filha e a  
 41. felicidade de Pedro  
 42.

Fonte: Elaborado pela autora.

No caso do conto de A35 (primeira imagem), o parágrafo destacado é o introdutório. A sugestão principal para a reescrita consistiu na inserção do local onde os personagens se viram pela primeira vez; na versão original, o narrador apresenta os personagens, fala que, quando o casal se conheceu, aconteceu um amor “à primeira vista”, mas não diz onde foi que esse encontro aconteceu. Na reescrita, observa-se que a sugestão foi acatada, visto que o narrador conta que “Os dois se conheceram em um festival da cidade”.

Quanto ao conto de A24, na primeira versão, o parágrafo destacado é o de conclusão, mas, ao lermos o conto integralmente, percebemos que a discente concluiu o texto logo quando chegou na resolução do conflito, faltando a situação final. Desse modo, a orientação foi que a aluna inserisse esse elemento do texto narrativo.

Embora não fizesse parte dos nossos critérios de avaliação, também orientamos algumas correções no que toca à pontuação, substituição de nomes por pronomes e uso de inadequado de algumas conjunções. Esse mesmo procedimento foi feito nas demais correções.

Segue um quadro com o título dos contos produzidos e a quantidade de linhas de cada um.

### **Quadro 13 – Apresentação dos títulos dos contos produzidos**

(continua)

<b>AUTOR</b>	<b>TÍTULO</b>	<b>QUANTIDADE DE LINHAS</b>
A1	O salto do amor	39
A2	Um sonho possível	36
A4	A travessia	85
A5	Finalmente felizes	28
A8	De bandido a policial	33
A9	Eu preciso mesmo de um príncipe?	86
A11	A sombra	34
A12	O caso da boate	50
A13	Tem fantasma na casa	42
A14	Conquistando sonhos	26
A15	Mudando de ideia	55
A16	Daria um filme	48
A17	Entre o sonho e o namoro	33
A21	A mudança	31
A22	E viveram felizes para sempre?	25
A23	Quando o amor é de verdade nada o destrói	57
A24	O sorriso	41
A25	O garoto que zoava a garota	42
A26	O amor proibido	39
A28	Um menino sonhador	28
A30	A carreira em primeiro lugar	54

### Quadro 13 – Apresentação dos títulos dos contos produzidos

(conclusão)

A31	Nasce um guerreiro	100
A32	Um plano perfeito	80
A33	Dos tempos da infância	71
A34	Salvos pelo bom velhinho	32
A35	Amor preto	42
A36	Quase acaba em tragédia	48

Fonte: Elaborado pela autora.

Optamos por inserir a quantidade de linhas em que estes contos foram produzidos porque a extensão de alguns textos nos chamou a atenção. Quando visualizamos a extensão de alguns contos, já começamos a sentir o resultado da nossa intervenção. Trazemos essa questão porque, em outras atividades de produção escrita, também de textos narrativos, com a mesma turma, em momentos extras à nossa intervenção, poucos alunos ultrapassavam as trinta linhas escritas. E agora, em um grupo de 27 discentes, quinze usaram mais de quarenta linhas para produzirem suas narrativas. O maior dos textos ocupou cem linhas, o que foi equivalente a três laudas, escritas em uma letra de tamanho razoavelmente pequeno.

Registramos que esses textos mais longos não apresentaram ideias repetidas. Seus produtores discorreram nessas linhas apresentando o desenvolvimento da narrativa, com os personagens em ação. O mais importante disso é que tudo ocorreu “gratuitamente”, no sentido de que a turma não foi orientada sobre a quantidade de linhas. Em nenhum momento de nossa intervenção, sugerimos a dimensão do conto, só orientamos que os sujeitos tentassem ser criativos e deixassem as ideias fluírem para que a narrativa deles saíssem com os elementos bem articulados.

Acreditamos que um dos fatores que contribuíram para esse resultado, para essa espontaneidade na escrita, ou seja, para que o aluno tenha se permitido “costurar” tantas palavras, tenha sido a ideia de termos apostado no evento deflagrador, uma vez que se trata de uma razão imediata que impulsiona o sujeito a querer interagir linguisticamente com um objetivo, com uma pretensão de dizer algo, de atingir, de alguma maneira, o seu interlocutor. A nosso ver, isso se deu principalmente pelo fato de não termos estipulado um tema específico. Deixamos, portanto, o aluno sentir essa necessidade de dizer algo, pensar naquilo que pretendia externalizar por meio da escrita; permitimos que o evento deflagrador, de fato, estivesse presente em suas escolhas.

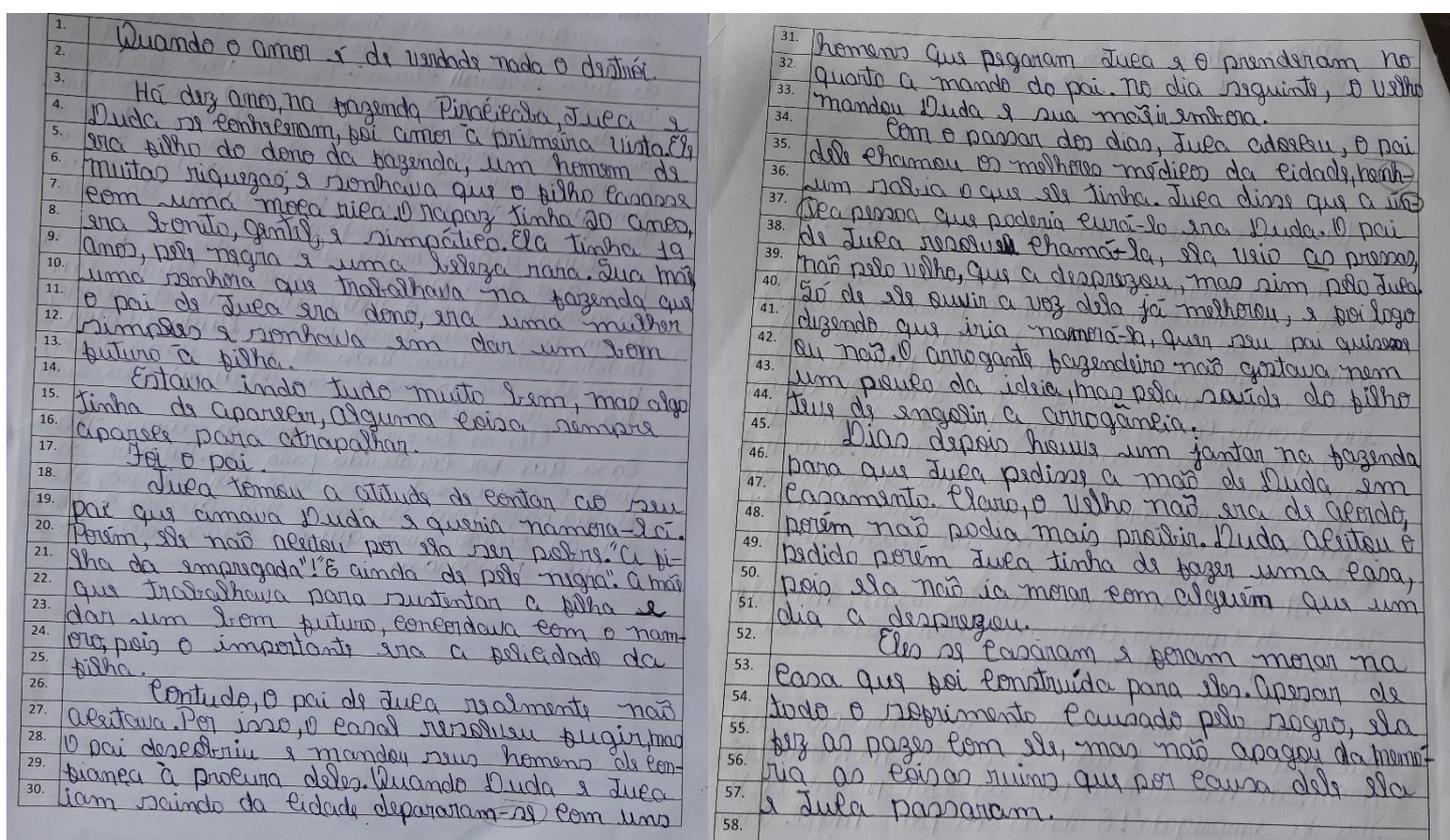
Com isso, cada aluno escreveu sobre aquilo que realmente queria falar, e as narrativas apresentaram temáticas como o preconceito racial e social, o empoderamento

feminino, o futebol como um meio de ascensão social para alguns meninos, as paixões na adolescência, as histórias de crianças muito medrosas, os enredos com muita aventura e fantasia... Houve uma variedade de temáticas, mostrando que o discente buscou falar sobre aquilo de que sentiu necessidade.

Diante disso, é inevitável refletirmos sobre o fato de que nem sempre é possível propor a produção de um texto com o tema livre. Sabemos disso perfeitamente, no entanto, num primeiro plano, numa tentativa de conquistar o aluno, de motivá-lo para as atividades de produção escrita, é interessante pensar em estratégias dessa natureza.

A seguir, analisamos a versão final de dois dos contos produzidos.

**Figura 24 – Atividade 06: conto de A23**



Fonte: Elaborado pela autora.

Após a leitura deste conto, identifica-se que muitas informações abordadas ao longo da análise de todas as atividades propostas estão inseridas nele. Primeiro, é um texto que confirma aquilo que dissemos há pouco em relação à extensão das produções, pois é um dos textos inseridos no grupo daqueles que foram escritos em mais de quarenta linhas;

segundo, apresenta a temática do preconceito social e racial – uma das temáticas que dissemos estarem incluídas nos contos da turma –, pois o pai do personagem Juca não quer aceitar o seu namoro, porque a moça por quem ele se apaixona é pobre e negra.

Outro detalhe importante, e com isso afirmamos que o conto atendeu às nossas expectativas, é que a aluna criou a narrativa inserindo todos os elementos do texto narrativo. Seguindo gradativamente a proposta do plano, criou seus personagens, descreveu suas características; apresentou a situação inicial, dizendo com quem a história acontece, onde e quando; e, em seguida, continua inserindo os demais elementos de toda a sequência narrativa, nó/conflito, re-ação, clímax, desenlace e situação final.

Assim como este conto, em todos os outros, os autores tiveram o cuidado de construir uma narrativa dentro destes critérios, ou seja, obedecendo à necessidade de inserir esses elementos do texto narrativo dentro do conto. Ademais, os discentes buscaram ser criativos. Certamente, sempre há aqueles que se destacam mais, contudo todos os 27 discentes que produziram o conto, dentro de suas limitações, buscaram caprichar e deixar as ideias fluírem, apresentando criatividade.

O conto de A16, por exemplo, apresentado a seguir, a nosso ver, apresenta essa criatividade, sobretudo no modo como que ela cria a situação final. O leitor já está acompanhando toda a história da personagem Lily, curioso para saber o que ela fez de tão grave para a polícia estar perseguindo-a – nesta perseguição, ela chega a matar um policial. No final, o narrador, simplesmente, diz ter sido um sonho: “bom, o resto da história eu não sei. Eu acordei!”. Segue o conto citado:



indissociáveis. Buscamos também o aporte teórico de Lodge (2017), quando este defende que a intertextualidade é um recurso linguístico típico do fazer literário.

Desse modo, partimos do princípio de que, se queríamos que os nossos alunos se sentissem motivados a escrever um texto literário, uma boa dose de leitura e estudo desse gênero seriam essenciais, visto que “O contato com o texto literário é essencial para o ser humano, uma vez que estimula a criatividade e a imaginação” (SANTOS, 2018, p. 24). Foi acreditando nesse contato promissor entre o leitor e o texto de literatura que propusemos o estudo dos contos, pois, à medida que os discentes iam conhecendo o modo como diferentes autores teciam os seus enredos, construía os seus personagens, criavam os seus conflitos e todos os demais elementos da sequência narrativa, eles iam se familiarizando com esse modo de fazer um texto fictício e conseqüentemente encontrando inspiração e desenvolvendo a imaginação para o momento de suas produções.

Proporcionar essa dosagem de leitura e estudo de contos era necessária, até mesmo porque “A leitura e a escrita de qualquer texto exige que o aluno tenha conhecimento de alguns aspectos relativos ao gênero textual, por isso torna-se importante a promoção de atividades sequenciadas que permitam aos alunos apropriarem-se desses aspectos” (SILVA, 2016, p. 61).

A nossa estratégia valeu a pena. Conforme já mostramos nos dois contos anteriores, os discentes conseguiram criar enredos interessantes, apresentaram criatividade, tiveram assunto para tratar nas suas narrativas, apresentaram em suas histórias os elementos essenciais para essa tipologia textual. Creditamos esses resultados às leituras dos contos, das estratégias de leitura aplicadas para o estudo dos textos pertencentes a esse gênero.

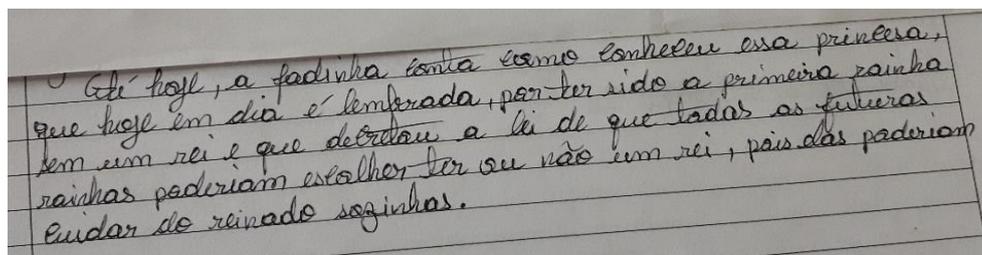
Em relação às estratégias de leitura, de acordo Borges (2015, p. 27), “A escolha pela estratégia mais adequada está diretamente ligada ao objetivo da leitura”. Como o nosso objetivo era levar os alunos a dialogarem com os contos, observando a atuação dos personagens, o desenvolvimento de todo o enredo, bem como a estrutura da narrativa, investimos em estratégias de leitura que contribuíssem para isso. Assim, conforme apresentamos na descrição das atividades, a leitura por meio da predição foi um dos métodos utilizados e foi uma estratégia cujo resultado foi excelente, pois os alunos se envolviam mais na leitura dos textos.

Quando afirmamos que o investimento sistematizado das leituras dos contos valeu a pena, fazemos essa afirmação baseando-nos em dois critérios. Primeiramente, na leitura que realizamos dos textos produzidos pelos sujeitos da pesquisa, visto termos percebido que muitos apresentaram intertextualidade com os contos lidos durante as aulas de preparação

para a produção escrita. Depois, pela avaliação que realizamos da aplicação do projeto. Nessa avaliação (a qual será detalhada na seção seguinte), indagamos aos alunos se a leitura dos contos em sala de aula havia contribuído para a escrita de seus contos. Todos os 27 discentes que produziram seus contos responderam positivamente.

Em relação à intertextualidade entre os contos produzidos e os textos levados para a leitura em sala de aula, podemos comprovar, por exemplo, a partir do conto de A9, com o seguinte título: *Eu preciso mesmo de um príncipe?*. Este conto apresenta, mesmo que indiretamente, um diálogo com o conto “Namoro e futebol”, de Moacyr Scliar. No conto de Scliar, a personagem feminina atua com atitudes de empoderamento, uma vez que não permite seu namorado interferir na sua escolha de jogar futebol. No conto de A9, o enredo aborda a história de uma princesa que, com ajuda de uma fadinha, se convence de que não precisa necessariamente de um príncipe para ser uma princesa de verdade. Ela se empodera e se torna uma espécie de princesa contemporânea. Vejamos a situação final deste conto.

**Figura 26 – Atividade 06: situação final do conto de A9**



Fonte: Elaborado pela autora.

Além de termos observado este diálogo entre os dois contos, o próprio aluno que criou a história da princesa, na avaliação que fizemos do projeto, afirmou ter se inspirado no conto de Scliar para criar a sua personagem, a princesa. Vejamos a pergunta que fizemos acompanhada da resposta apresentada pelo aluno:

**Figura 27 – Trecho da avaliação do projeto: resposta do aluno A9**

2- Durante o desenvolvimento das aulas, você teve a oportunidade de ler alguns contos e consequentemente de conhecer algumas personagens. Você se inspirou em algum desses contos ou em uma dessas personagens na hora de criar o seu texto?

Sim  
 Não

Caso tenha marcado sim, diga qual foi o conto ou a personagem

a partir do conto "Namoro e futebol"

Fonte: Elaborado pela autora.

Esse conto serviu de inspiração para um número considerável de alunos. Essa inspiração, muitas vezes, se deu em detalhes, como, por exemplo, na forma de criar uma personagem ou o enredo. Além do conto de Scliar, outros contos serviram de inspiração para os nossos discentes. A11, para produzir o seu texto *A sombra*, se inspirou no conto *A coisa*, de Ruth Rocha. Do mesmo modo que Rocha faz um suspense com “a coisa”, que no final, o leitor descobre que é apenas um espelho, a discente faz um jogo misterioso com uma sombra: depois de os personagens sentirem medo da sombra, descobrem que era apenas um cachorrinho. Essa aluna, assim como A9, afirma ter se inspirado em um dos textos estudados em sala, conforme se vê na resposta apresentada a seguir.

### Figura 28 - Trecho da avaliação do projeto: resposta da aluna A11

2- Durante o desenvolvimento das aulas, você teve a oportunidade de ler alguns contos e consequentemente de conhecer algumas personagens. Você se inspirou em algum desses contos ou em uma dessas personagens na hora de criar o seu texto?

Sim  
 Não

Caso tenha marcado sim, diga qual foi o conto ou a personagem.

*O conto "A coisa"*

Fonte: Elaborado pela autora.

Os exemplos apresentados evidenciam como a leitura dos contos trabalhados durante as aulas foram úteis para o processo da escrita. Porém, esclarecemos que não é porque apresentamos esses exemplos de intertextualidade que todos os 27 contos dialogaram com os contos estudados. Ressaltamos que proporcionar a leitura de contos antes da produção escrita foi essencial para motivar os alunos a produzirem os seus. Isso se deu pelo fato de os alunos terem interagido com os textos fictícios, observando como cada autor criou o seu enredo.

Desse modo, encerramos a análise das atividades propostas, destacando que os contos apresentaram boa qualidade, e seus autores demonstraram que estavam motivados para escrevê-los, produziram ideias mais aguçadas, fato que contribuiu bastante para o resultado das narrativas construídas.

Como já abordamos na apresentação da descrição das atividades, depois dos contos produzidos, fizemos a publicização destes. Os alunos das turmas que visitamos ficaram interessados em ler os textos. Outro aspecto importante da publicização foi a fala de uma professora de Língua Portuguesa que estava em uma das salas visitadas. Ela disse que, no ano letivo seguinte, iria utilizar os contos com as suas turmas.

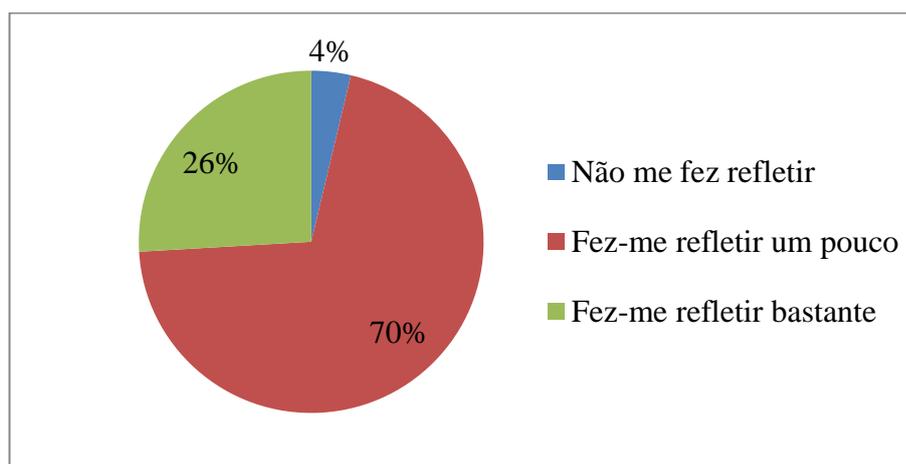
#### 4.4 Análise da avaliação do projeto pelos alunos

Depois de todo esse processo, aplicamos a avaliação do projeto, cujo modelo foi apresentado no capítulo anterior.

A avaliação foi entregue aos 34 alunos que estavam presentes no dia de sua aplicação, entretanto, como as perguntas avaliavam da primeira à última atividade (sendo a última a produção do conto), só contabilizamos aqui o resultado dos 27 alunos que produziram os seus textos.

Ao indagar os participantes sobre as duas primeiras aulas do nosso projeto, na qual tiveram a oportunidade de ler os depoimentos de alguns escritores falando sobre aquilo que os motivava a escrever, quase todos os sujeitos disseram que o depoimento dos escritores os fez refletir sobre o motivo pelo qual iriam escrever os seus textos, fato confirmado no gráfico a seguir:

**Gráfico 1 - contribuição de depoimentos de escritores para a autorreflexão dos alunos sobre a escrita do conto deles**



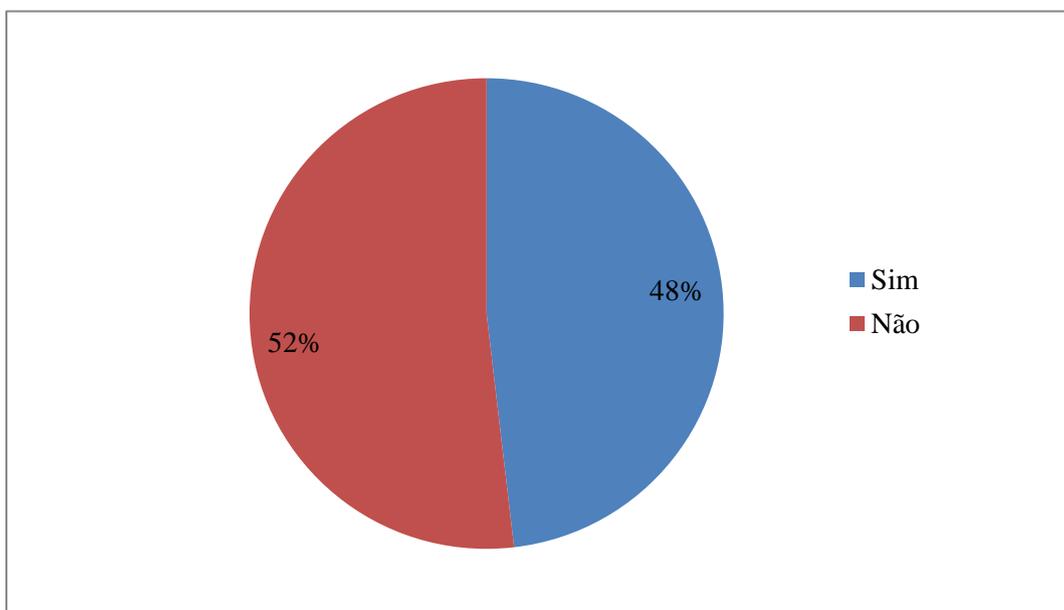
Fonte: Elaborado pela autora.

Como se lê no gráfico 01, dezenove alunos (70%) afirmaram que a leitura dos depoimentos os fez refletir um pouco; apenas um aluno (representando uma porcentagem de 4%) destacou que não refletiu, e sete alunos (26%) marcaram a última opção, destacando que ler os depoimentos os fez refletir bastante. A maioria dos alunos, portanto, destacou que a leitura dos depoimentos gerou um pouco de reflexão.

Durante o desenvolvimento das aulas, os alunos tiveram a oportunidade de ler alguns contos e, conseqüentemente, de conhecer alguns personagens, fator que podia inspirá-

los na hora de criarem as suas personagens, como está evidenciado no gráfico 2.

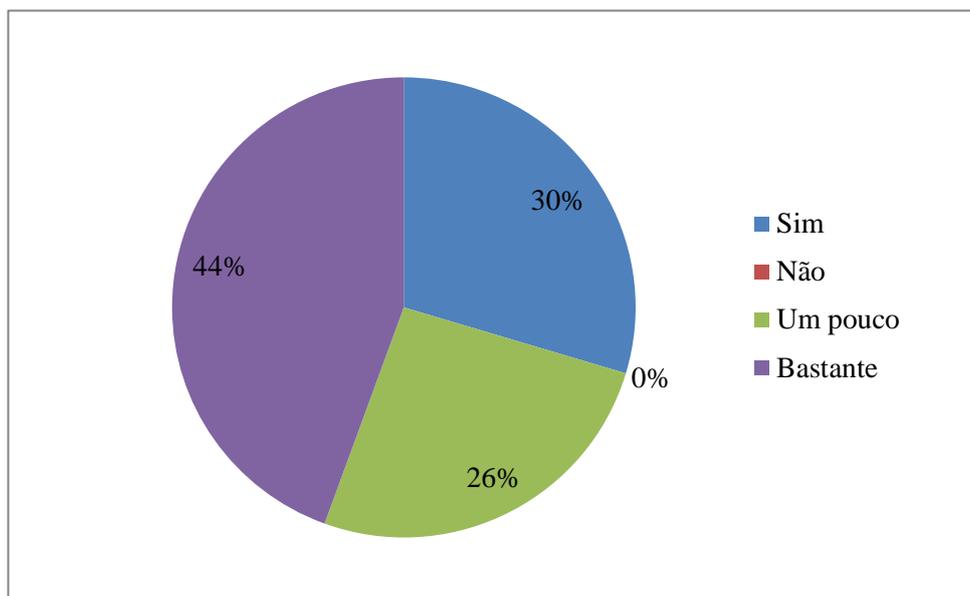
**Gráfico 2 - inspiração dos alunos em algum dos contos lidos ou em um de suas personagens na hora de criar o seu texto**



Fonte: Elaborado pela autora.

Segundo se lê no gráfico 02, detectamos que treze alunos marcaram sim (representando uma porcentagem de 48%). Desse total, dois disseram que se inspiraram no conto *A coisa*, de Ruth Rocha, dez disseram ter encontrado inspiração no conto *Namoro e futebol*, de Moacyr Scliar, e um afirmou que sua fonte de inspiração foi o texto *A disciplina do amor*, de Lygia Fagundes Telles. Ainda de acordo com a leitura desse gráfico, quatorze alunos (um percentual de 52%) não se inspiraram em nenhum conto, nem nas personagens destes para produzir o seu texto.

A realização da leitura de alguns contos em sala de aula, bem como o estudo sobre os elementos que compõem esse gênero, contribuiu com a escrita dos contos da turma, pelo que podemos constatar nos dados apresentados no gráfico 3.

**Gráfico 3 - contribuição da leitura dos contos para o processo de escrita dos alunos**

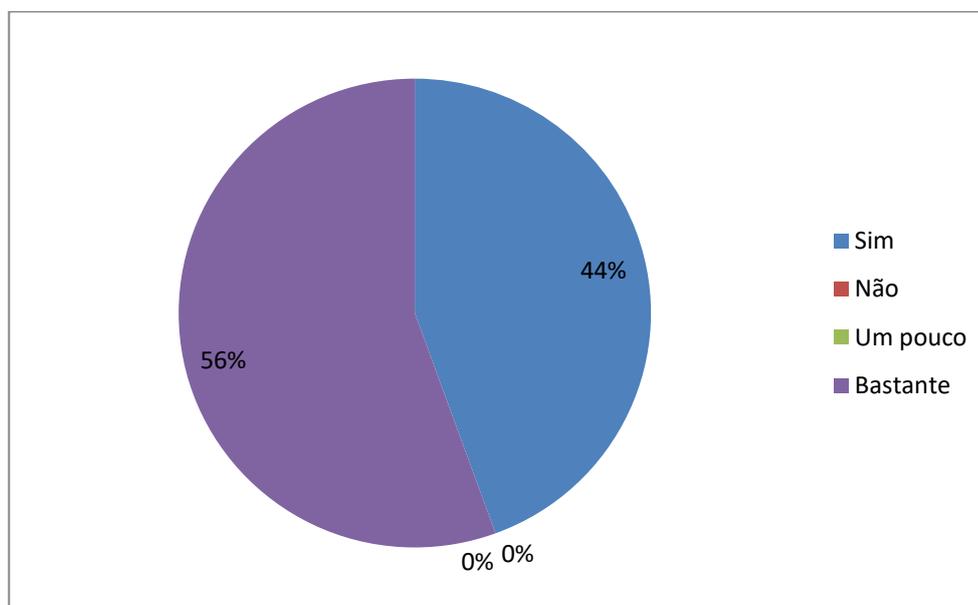
Fonte: Elaborado pela autora.

De acordo com os dados apresentados neste terceiro gráfico, oito alunos (30%) marcaram a alternativa sim, ou seja, disseram que a leitura e o estudo dos contos favoreceram a escrita de seus textos. Já sete discentes (26%) optaram por marcar a terceira alternativa, destacando, portanto, que a leitura favoreceu um pouco para a escrita deles, e doze alunos (44%) consideraram que contribuiu bastante.

A análise desse resultado reafirma o nosso posicionamento de que a leitura dos contos foi importante para o momento da produção. Em um universo de 27 estudantes, mesmo que em proporções distintas, todos reconheceram a contribuição da leitura para o processo da escrita.

Antes de escrever o conto, os alunos passaram pela etapa do planejamento, ou seja, planejaram a criação das personagens, a situação inicial, a ação, o desenlace e a situação final. O gráfico 4 mostra o posicionamento dos participantes sobre a importância dessa etapa para a escrita de seus textos.

**Gráfico 4 - reconhecimento dos participantes sobre a etapa do planejamento ter sido importante para a escrita de seus contos**

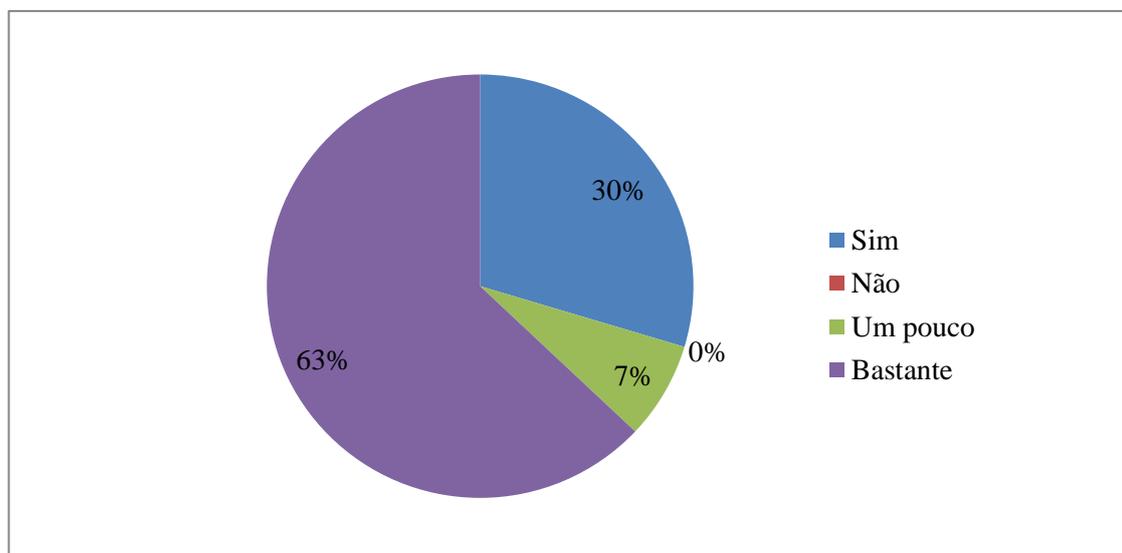


Fonte: Elaborado pela autora.

Em relação a 4ª questão, o gráfico de resposta é o seguinte: doze alunos (44%) marcaram sim, ou seja, reconheceram que a etapa de planejamento é importante para a escrita, e quinze alunos (56%) destacaram ser bastante importante a etapa do planejamento para o processo da escrita de seus textos.

Após a escrita da primeira versão do texto, realizamos as correções e, em seguida, fizemos as orientações para que os alunos procedessem à reescrita do conto. Indagados sobre a relevância de nossas orientações para deixar os seus textos ainda melhores, a maioria dos alunos reconheceram que as orientações contribuíram bastante, como se evidencia no gráfico 5.

**Gráfico 5 - percepção da relevância das orientações da professora-pesquisadora para a reescrita do conto**

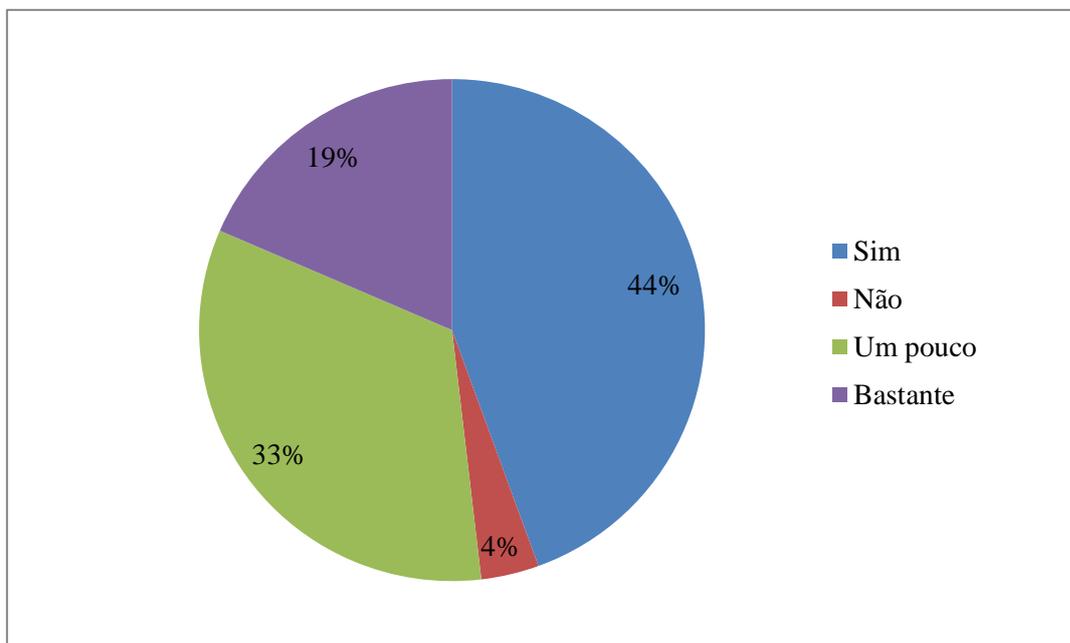


Fonte: Elaborado pela autora.

A leitura deste quinto gráfico nos permite afirmar que oito alunos (30%) marcaram sim; dois discentes (7%) optaram pela terceira alternativa, destacando que as orientações contribuíram um pouco; e dezessete alunos (63%) escolheram a última alternativa, reconhecendo, portanto, a importância das orientações da professora pesquisadora para a reescrita do texto.

Antes de os alunos escreverem os seus contos, foram informados que seus textos seriam publicizados, ou seja, que os seus contos não seriam lidos apenas pela professora-pesquisadora, mas também por outras pessoas que teriam acesso ao texto. Com essa informação, os alunos se preocuparam em caprichar na criatividade, bem como na escrita como um todo, como se depreende da análise do gráfico 6.

**Gráfico 6 - percepção sobre o efeito de se produzir um texto sabendo que este passaria por um processo de publicização**

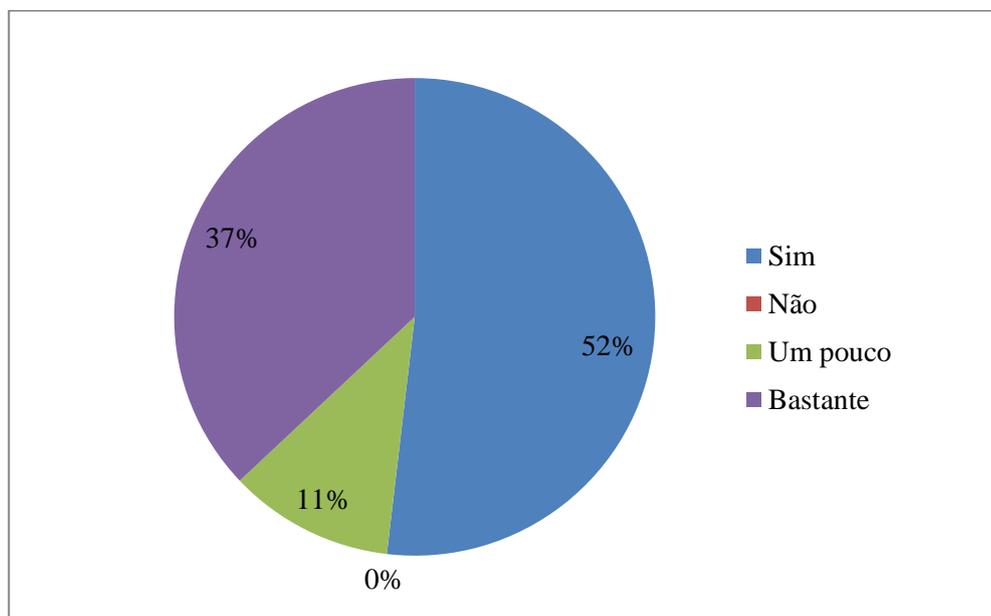


Fonte: Elaborado pela autora.

Na 6ª questão, doze estudantes (44%) marcaram sim; um estudante (4%) marcou a opção negativa; nove participantes (33%) destacaram a opção “um pouco”; e cinco sujeitos (19%) marcaram a opção “bastante”. Assim, apenas um aluno afirmou ter agido de forma imparcial diante da informação de que o texto passaria por um processo de publicização. Os demais, em maior ou menor proporção, se preocuparam com a informação.

Ao serem indagados sobre as contribuições do projeto para a melhoria da prática de escrever textos narrativos, de modo específico, textos pertencentes ao gênero conto, todos os alunos responderam positivamente. Vejamos os resultados das respostas apresentadas pelos sujeitos, no gráfico 7.

**Gráfico 7 - percepção de a participação no projeto ter contribuído para melhorar a prática de os alunos escreverem textos narrativos, principalmente textos pertencentes ao gênero conto**

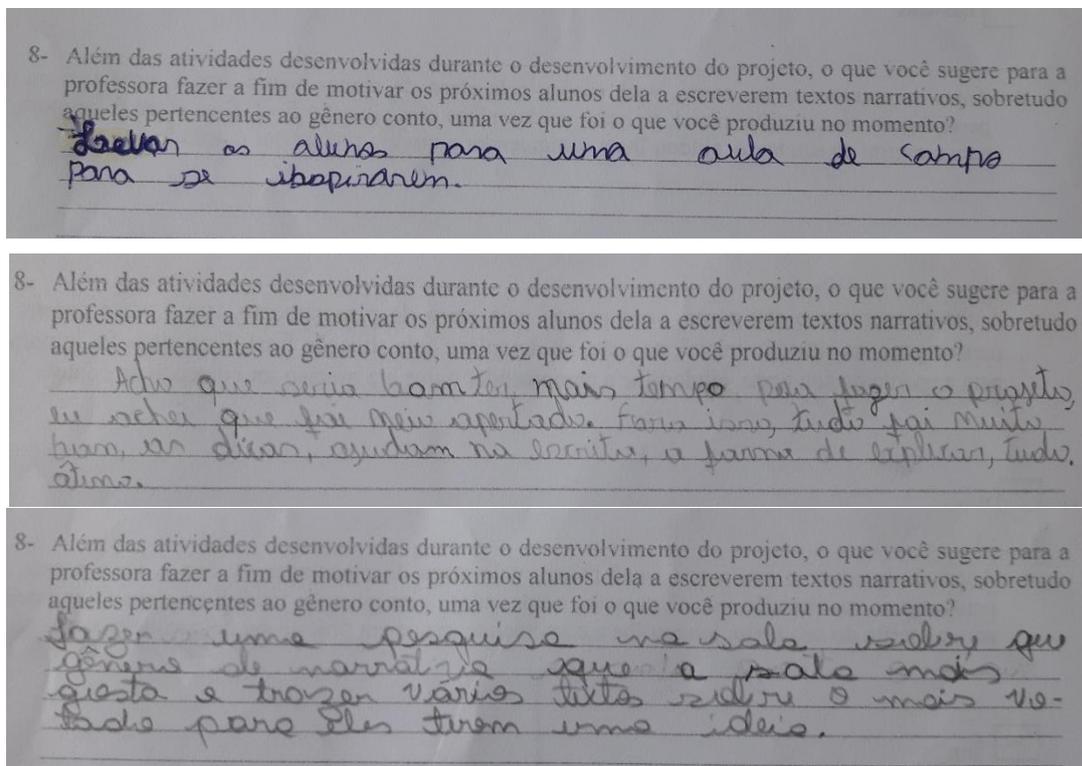


Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme o gráfico ora analisado, para a 7ª questão, os alunos apresentaram os seguintes resultados: quatorze sujeitos (52%) escolheram a opção “sim”; três marcaram a opção “um pouco”, representando, desse modo, uma porcentagem de 11%; e dez alunos escolheram a opção “bastante”, o equivalente a 37%. Mesmo que em proporções diferentes, os 27 sujeitos afirmaram que a aplicação do nosso projeto contribuiu para que eles melhorassem a prática de escrever textos narrativos, sobretudo aqueles pertencentes ao gênero conto, visto ser este o gênero trabalhado.

Em relação à 8ª questão, quatro alunos não a responderam, e quatro disseram que não sabiam ou não tinham nada para sugerir. Os demais apresentaram algumas sugestões, certamente umas mais criativas e condizentes com todo o trabalho que realizamos durante a intervenção e outras nem tanto. A seguir apresentamos algumas das sugestões consideradas mais plausíveis, conforme se visualiza na figura 29.

**Figura 29 - trecho da avaliação do projeto: respostas apresentadas, respectivamente, pelos alunos A15, A8 e A31**



Dados: Elaborado pela autora.

Nas sugestões desses três alunos, dois detalhes despertaram a nossa atenção. Primeiramente, a fala de A15, ao sugerir que, depois de a sala eleger um gênero textual de cunho narrativo, fossem levados vários textos do gênero escolhido para a turma ter mais contato com o gênero. A nosso ver, aluna quis expressar, com isso, a necessidade de um processo que permite despertar as ideias, aguçá-las e assim serem postas no papel no momento de uma produção textual. No mesmo viés, veio a sugestão de A8, pois o objetivo, com a proposta da aula de campo, é encontrar inspiração para a escrita. As duas falas desses alunos nos mostram que o nosso trabalho é pertinente, uma vez que buscamos tocar nessa lacuna, ou seja, proporcionar, por meio da leitura dos contos, a inspiração e o despertar das ideias, o desenvolvimento da imaginação a fim de que outros contos fossem produzidos.

O segundo detalhe interessante foi observado na fala de A31, quando este destaca a necessidade de haver mais tempo para a aplicação do projeto. É importante quando uma fala desta natureza parte de um aluno, porque isso confirma que as atividades que foram trabalhadas durante a intervenção, de fato, são necessárias para a motivação da escrita. Ele

destacou, ainda, que “as dicas ajudam na escrita”, ou seja, as orientações que dirigimos aos alunos durante as aulas foram, de fato, percebidas como produtivas. Essa segunda fala, sobre as dicas, é confirmada no conto por A31, pois ele foi o autor do texto de maior extensão, discorrido em 100 linhas e cheio de aventuras e magia.

Os resultados obtidos nessa avaliação foram significativos, uma vez que as respostas dos sujeitos envolvidos demonstraram que o caminho pedagógico o qual buscamos traçar para motivar e engajar os alunos a produzirem textos pertencentes à tipologia textual é válido. Tais constatações nos deixam felizes, embora lamentemos pelos oito estudantes que não foram motivados o suficiente para a realização da produção de seus contos. Talvez o fato de esses discentes não terem realizado suas produções seja uma prova de que as atividades de motivação para a escrita são necessárias, pois, se a nossa intervenção não foi capaz de motivá-los, pode ser que estes ainda precisem de algo mais. Acreditamos que, assim como eles, outros alunos de outras turmas e de outras escolas se eximam da tarefa de produção textual, e pode ser que o motivo principal seja o fato de se sentirem incapazes, de se sentirem desmotivados, despreparados para produzir um texto.

Por isso, planejar a atividade de produção escrita, levando em consideração uma forma adequada de motivar o aluno para executá-la, é essencial, pois ele já parte para o exercício pensando naquilo que vai colocar no papel, e conseqüentemente, terá mais chance de produzir algo, nem que a primeira versão venha recheada da necessidade de uma boa adequação na reescrita. O importante é contribuir para que o aluno se engaje, de fato, no processo da escrita.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme apresentamos na introdução deste trabalho, a disciplina de produção textual, para muitos estudantes, é a mais desafiadora. Muitos não conseguem adquirir os conhecimentos necessários para a realização de uma atividade de produção textual logo nas séries iniciais e podem chegar a encerrar a educação básica sem sanar essa dificuldade, carregando-a pelo resto da vida. Isso é preocupante para os professores de Língua Portuguesa, pois produzir textos de maneira adequada ao contexto de comunicação em que o sujeito está inserido, bem como ao gênero textual necessário para uma situação sociocomunicativa, é uma habilidade essencial para que homens e mulheres participem ativamente na sociedade.

Diante disso, percebe-se que trabalhos como este que nos propusemos a realizar são essenciais para ajudar os estudantes a sanar ou ao menos diminuir as suas dificuldades diante da incumbência de produzir um texto pertencente a um determinado gênero, pois acreditamos que boa parte das dificuldades dos estudantes para escrever um texto venham da falta de ter o que colocar no papel, de ter o que dizer, e isso está atrelado à falta de ideias, à falta de uma boa base de leituras que possam despertar a geração de ideias, o desenvolvimento da imaginação e a criatividade do aluno. Desse modo, é preciso colocarmos os estudantes em um contato mais sistematizado com leituras que possam contribuir para a escrita deles.

Trabalhar a leitura dos contos de maneira sistematizada, propondo atividades que levassem os alunos a interagir com os textos, bem como identificar e estudar as características do gênero conto a partir do contato direto com a leitura de textos pertencentes a esse gênero, foi decisivo para a motivação dos alunos. Gradativamente, eles foram aguçando as ideias e despertando a criatividade para criarem os seus contos, bem como adquiriram os conhecimentos necessários sobre a tipologia narrativa e a estrutura desse gênero.

Ressaltamos, nesse processo, a contribuição do evento deflagrador, como já abordamos quando falamos do resultado dos contos. Além disso, não podemos deixar de ratificar a importância do planejamento do texto da maneira estruturada conforme propomos. Ademais, a reescrita foi essencial, e ainda destacamos o fato de termos avisado em um momento prévio da produção do conto que estes textos passariam pela publicização. Esse fato, como colocamos nos resultados da avaliação do projeto, para quase 100% dos participantes, embora em medidas variadas, os fez quererem caprichar mais na escrita do texto.

A partir do que apresentamos, entendemos que se faz mister pensar em um ensino de produção textual baseado em estratégias que possam verdadeiramente motivar os alunos a serem produtores de textos. Caso contrário, muitos estudantes continuarão se sentindo desmotivados para uma atividade de produção escrita. É preciso motivar os nossos alunos a escreverem, senão continuaremos com um grande número de estudantes apresentando dificuldades para escrever textos básicos, como uma redação escolar.

Caminhando para a finalização deste trabalho, gostaríamos de destacar alguns desafios para a realização de uma pesquisa desta natureza. Uma primeira condição é que o professor pesquisador se organize para encaixá-la dentro de sua rotina de trabalho, já que, obrigatoriamente, há que se assumir dois papéis simultâneos, de pesquisador e de docente titular da disciplina na turma pesquisada. Assim, só é possível aplicá-la na sala em que se leciona, por isso não há possibilidade de um afastamento integral do trabalho para se dedicar apenas à pesquisa.

Assumir estes dois papéis ao mesmo tempo demanda dedicação e esforço. Em muitos momentos, o cansaço chega a nos abater, mas o trabalho gerado com tudo isso é muito válido, certamente. Afinal, quando nos propomos à realização de uma pesquisa como esta, queremos adquirir mais conhecimentos, bem como contribuir para a produção de um ensino melhor.

Esperamos que a nossa pesquisa possa estimular outros professores de Língua Portuguesa, principalmente aqueles que lecionam a disciplina de produção textual, a pensarem sobre a importância de se motivar, por meio da leitura prévia/sistematizada, os alunos para as atividades de produção escrita. Acreditamos que aquilo que propomos na nossa pesquisa não se limita ao gênero conto, nem tampouco, ao texto narrativo, é um método que pode ser aplicado com outras tipologias e outros gêneros textuais. Cremos, assim, que os desafios de construir um ensino de qualidade pode ser devidamente enfrentado com a ação consciente, cientificamente respaldada, do professor que, ao ensinar, aprende muito mais.

## REFERÊNCIAS

ABAURRE, M. L. M; ABAURRE, B. M. **Um olhar objetivo para produções escritas: analisar, avaliar, comentar.** São Paulo: Moderna 2012.

ADAM, J. M. **Texto: tipos e protótipos.** Tradução Mônica Magalhães *et al.* São Paulo: Contexto, 2019.

ALMEIDA, M. R. B. **A produção de base narrativa no ensino fundamental.** 2015. 100 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional - PROFLETRAS/ILC), Laboratório de Linguagens, Universidade Federal do Pará, Belém, 2015.

ALVES FILHO, F. **Gêneros jornalísticos: notícias e cartas de leitor no ensino fundamental.** São Paulo: Cortez, 2011.

ANTUNES, I. **Aula de português: encontro e interação.** São Paulo: Parábola, 2003.

ANTUNES, I. **Lutar com as palavras: coesão e coerência.** São Paulo: Parábola, 2005.

ANTUNES, I. **Língua, texto e ensino: outra escola possível.** São Paulo: Parábola, 2009.

ANTUNES, I. **Análise de textos: fundamentos e práticas.** São Paulo: Parábola, 2010.

BORGES, A. P. B. **O ensino de estratégias de leituras na sala de aula: da intervenção pedagógica à progressão de habilidades leitoras.** 2015. 115 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS). Centro de Ciências Aplicadas e Educação. Universidade Federal de Paraíba (UFPB), Mamanguape, 2015.

CABRAL, A. L. T. O conceito de texto: contribuições para o processo de planejamento da produção. São Paulo, 2013. **Linha D'Água**, v. 2, n. 26, p. 241-259, 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/64266>. Acesso em 11 jul. 2019.

CAVALCANTE, M. M.; CUSTÓDIO FILHO, V. Revisitando o estatuto do texto. **Revista do Gelne.** Teresina, v. 12, n. 2, p. 56-71, 2010.

COELHO, B. **Contar histórias: uma arte sem idade.** 8. ed. São Paulo: Ática, 2008.

COELHO, N. N. **Literatura infantil: teoria, análise, didática.** São Paulo: Moderna, 2000.

GERALDI, J. W. **Portos de passagem.** 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GOTLIB, N. B. **Teoria do conto.** 6. ed. São Paulo: Ática, 1991.

LODGE, D. **A arte da ficção.** Tradução Guilherme da Silva Braga. Porto Alegre: L&PM, 2017.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola, 2008.

MOTTA-ROTH, D. O ensino de produção textual com base em atividades sociais e gêneros textuais. **Linguagem em (Dis)Curso** – LemD. Tubarão, v. 6, n. 3, p. 495-517, set/dez. 2006.

MURAKAMI, H. **Romancista como vocação**. São Paulo: Alfaguara, 2017.

NUNES, B. **O drama da linguagem**: uma leitura de Clarice Lispector. São Paulo: Ática, 1989.

PENNAC, D. **Como um romance**. Tradução Leny Werneck. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

ROJO, R.; CORDEIRO, G. S. Apresentação - gêneros orais e escritos como objetos de ensino: modo de pensar, modo de fazer. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. (Org.). **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004, p.7-16.

SANTOS, L. W.; RICHE, R. C.; TEIXEIRA, C. S. **Análise e produção de textos**. São Paulo: Contexto, 2015.

SANTOS, J. F. L. **A leitura literária como evento deflagrador da produção escrita**. 2018. 136 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS). Centro de Humanidade. Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2018.

SERAFINI, M. T. **Como escrever textos**. 7. ed. São Paulo: Globo, 1995.

SILVA, I. **Contos da amazônia**: uma proposta de leitura e escrita literárias. 2016. 115 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS) - Universidade do Estado de Mato Grosso, Campus Universitário de Sinop, Sinop/MT, 2016.

SPARANO, M.; *et al.* **Gêneros textuais**: construindo sentidos e planejando a escrita. São Paulo: Terracota, 2012.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ. **Vestibular 2017.2 2ª fase** - 1º dia: redação e língua portuguesa. Fortaleza: UECE, 2017. Disponível em: <http://www.uece.br/cev/index.php/arquivos/doc>. Acesso em: 11 jul. 2019.

VIEIRA, I. L. **Escrita, para que te quero?** Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, UECE, 2005.

WACHOWICZ, T. C. **Análise linguística nos gêneros textuais**. Curitiba: Ibepex, 2010.

WOOD, J. **Como funciona a ficção**. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

**APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)  
– PAIS OU RESPONSÁVEIS**

Seu filho (a) está sendo convidado (a) a participar da pesquisa ESTRATÉGIAS PARA O ENGAJAMENTO NA PRODUÇÃO TEXTUAL: PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PARA A ESCRITA DE CONTOS. Os objetivos desse estudo consistem em desenvolver uma proposta de intervenção pedagógica com foco na motivação para a produção textual na E. E. F. Municipal Coronel Estevão Alves da Rocha durante as aulas de Língua Portuguesa. Caso o/a senhor (a) autorize, seu filho irá participar das oficinas de produção textual. Haverá a necessidade da gravação das aulas em áudio e vídeo para análise posterior da participação e das interações durante a realização de atividades. A participação dele (a) não é obrigatória e, a qualquer momento, poderá desistir de participar. Tal recusa não trará prejuízos em sua relação com a pesquisadora/professora ou com a instituição em que ele/ela estuda. Tudo foi planejado para minimizar os riscos da participação dele (a), porém se ele (a) se sentir desconfortável ou constrangido (a) em qualquer atividade proposta, poderá interromper a participação e, se houver interesse, conversar com a pesquisadora sobre o assunto.

Não haverá custos nem remuneração pela participação. A participação dele (a) poderá contribuir efetivamente para ampliar a competência em produção de textos, habilidade necessária para diversas atividades cotidianas dentro e fora da escola. Os nomes dos/as alunos (as) não serão divulgados por nenhum meio, assim como será resguardado o direito de imagem. De forma a assegurar o sigilo e preservar a identidade dos/as participantes. Além disso, o/a senhor receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone do pesquisador principal, podendo tirar dúvidas agora ou a qualquer momento.

Eu, \_\_\_\_\_ (nome do pai/ mãe/ responsável) declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da participação do meu filho (a) \_\_\_\_\_ (nome do/a filho/a sendo que: (    ) aceito que ele (a) participe (    ) não aceito que ele (a) participe.

Baturité-CE, ..... de ..... de .....

\_\_\_\_\_  
Assinatura do responsável

\_\_\_\_\_  
Assinatura da pesquisadora

Pesquisadora: Francineuza de Assis Barboza [francineuzadeassisbarboza@hotmail.com](mailto:francineuzadeassisbarboza@hotmail.com) cel: (85) 99722-1207, CH – Letras- Av. Luciano Carneiro, 345- Campos de Fátima, Fortaleza- CE Cep: 60410-690.

O Comitê de Ética em Pesquisa em seres Humanos da UECE funciona na Av. Silas Munguba, 1700, Campus do Itaperi, Fortaleza, Ceará, Telefone (85)31019890, email: [cep@uece.br](mailto:cep@uece.br); (horário de funcionamento: 8:00 às 17:00 seg - sexta). Se necessário, você poderá entrar em contato com esse Comitê o qual tem como objetivo assegurar a ética na realização das pesquisas com seres humanos.

## APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) – ALUNOS

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa **ESTRATÉGIAS PARA O ENGAJAMENTO NA PRODUÇÃO TEXTUAL: PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PARA A ESCRITA DE CONTOS**. Os objetivos desse estudo consistem em desenvolver uma proposta de intervenção pedagógica com foco na motivação para a produção textual durante as aulas de Língua Portuguesa na E. E. F. Municipal Coronel Estevão Alves da Rocha durante as aulas de língua portuguesa. Caso você aceite, irá participar das oficinas de produção textual. Haverá a necessidade da gravação das aulas em áudio e vídeo para análise posterior da participação e das interações durante a realização de atividades. A sua participação não é obrigatória e, a qualquer momento, poderá desistir de participar. Tal recusa não trará prejuízos em sua relação com a pesquisadora/professora ou com a instituição em que você estuda. Tudo foi planejado para minimizar os riscos da sua participação, porém se sentir desconfortável ou constrangido (a) em qualquer atividade proposta, poderá interromper a participação e, se houver interesse, conversar com a pesquisadora sobre o assunto.

Não haverá custos nem remuneração pela participação. Sua participação poderá contribuir efetivamente para ampliar a competência em produção de textos, habilidade necessária para diversas atividades cotidianas dentro e fora da escola. Seu nome não será divulgado por nenhum meio, assim como será resguardado o direito de imagem. De forma a assegurar o sigilo e preservar a sua identidade. Além disso, você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone do pesquisador principal, podendo tirar dúvidas agora ou a qualquer momento.

Eu, \_\_\_\_\_ (nome do participante) declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da minha participação.

Baturité-CE, ..... de ..... de .....

---

Assinatura

---

Assinatura da pesquisadora

Pesquisadora: Francineuza de Assis Barboza [francineuzadeassisbarboza@hotmail.com](mailto:francineuzadeassisbarboza@hotmail.com) cel: (85) 99722-1207, CH – Letras- Av. Luciano Carneiro, 345- Campos de Fátima, Fortaleza- CE Cep:60410-690.

O Comitê de Ética em Pesquisa em seres Humanos da UECE funciona na Av. Silas Munguba, 1700, Campus do Itaperi, Fortaleza, Ceará, Telefone (85)31019890, email: [cep@uece.br](mailto:cep@uece.br); (horário de funcionamento: 8:00 às 17:00 seg - sexta). Se necessário, você poderá entrar em contato com esse Comitê o qual tem como objetivo assegurar a ética na realização das pesquisas com seres humanos.

**APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO****E. E. F. Municipal CEL. Estevão Alves da Rocha****Aluno (a):** .....**Série:** \_\_\_\_\_ **Turma:** \_\_\_\_\_ **Data:** \_\_\_\_\_**Professora pesquisadora: Francineuza de Assis**

Conhecendo melhor o (a) meu (minha) aluno (a).

1- Você mora em que área do município?

 rural urbana

2- Você usa transporte escolar para vir para a escola?

 Sim Não

3- Você está com quantos anos?

\_\_\_\_\_

4- Este ano você está repetindo o 8º ano?

 Sim Não

5- Você já repetiu algum ano escolar?

 Sim Não

6- Entre os seus pais, quem se preocupa mais com os seus estudos?

 Sua mãe Seu pai Os dois se preocupam na mesma proporção.

7- Você já decidiu qual a profissão que quer seguir?

 Sim Não

Caso a resposta seja sim, diga qual a profissão desejada.

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

8- Quanto tempo durante o dia você reserva para estudar em casa?

 Não estudo em casa. Menos de uma hora. De uma a duas horas. Mais de duas horas.

9- Você usa redes sociais?

 Sim Não

Caso a resposta seja sim, diga quais são elas.

---

---

---

10- Você tem irmãos?

- ( ) Sim  
( ) Não

Caso a resposta seja afirmativa, diga quantos são.

---

---

---

---

11- Você mora com quem?

- ( ) Apenas com a mãe.  
( ) Apenas com o pai.  
( ) Com o pai e a mãe.  
( ) Com os avós.  
( ) Outros

12- Qual a profissão dos seus pais?

Mãe \_\_\_\_\_

Pai \_\_\_\_\_

12- Sua mãe recebe o Bolsa família?

- ( ) Sim  
( ) Não

13- Você gosta de estudar? Por quê?

---

---

---

14- Quais são as suas principais dificuldades na hora de escrever um texto?

- ( ) A geração de ideias, ou seja, não ter assunto para escrever.  
( ) A organização das ideias dentro do texto, ou seja, saber como encaixá-las.  
( ) As dificuldades com questões gramaticais: acentuação, concordância, pontuação, escolha de palavras, etc.

**APÊNDICE D – ATIVIDADE 06: PRODUÇÃO TEXTUAL**

**E. E. F. Municipal CEL. Estevão Alves da Rocha**

**Aluno (a):** .....

**Série:** \_\_\_\_\_ **Turma:** \_\_\_\_\_ **Data:** \_\_\_\_\_

**Professora pesquisadora:** Francineuza de Assis

**Atividade VI**

Agora que você já planejou o seu conto, chegou a hora de escrevê-lo. Não esqueça de dar um título para o seu texto. Capriche na criatividade.

1.	
2.	
3.	
4.	
5.	
6.	
7.	
8.	
9.	
10.	
11.	
12.	
13.	
14.	
15.	
16.	
17.	
18.	
19.	
20.	
21.	
22.	
23.	
24.	
25.	
26.	
27.	
28.	

29.	
30.	
31.	
32.	
33.	
34.	
35.	
36.	
37.	
38.	
39.	
40.	
41.	
42.	
43.	
44.	
45.	
46.	
47.	
48.	
49.	
50.	
51.	
52.	
53.	
54.	
55.	
56.	
57.	
58.	
59.	
60.	

**APÊNDICE E – MANUAL**



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ  
CENTRO DE HUMANIDADES  
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS**



**PROFLETRAS**

**FRANCINEUZA DE ASSIS BARBOZA**

**ESTRATÉGIAS PARA O ENGAJAMENTO NA PRODUÇÃO TEXTUAL: A  
ESCRITA DE CONTOS NO ENSINO FUNDAMENTAL**

**FORTALEZA- CE  
2020**

**FRANCINEUZA DE ASSIS BARBOZA**

**ESTRATÉGIAS PARA O ENGAJAMENTO NA PRODUÇÃO TEXTUAL: A  
ESCRITA DE CONTOS NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Manual apresentado ao Curso de Mestrado Profissional em Letras do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Valdinar Custódio Filho

**FORTALEZA – CEARÁ  
2020**

## APRESENTAÇÃO

### **Querido(a) docente,**

É uma enorme alegria partilhar este manual com você. Ele surge como mais uma possibilidade de aplicar estratégias pedagógicas para o trabalho docente com a disciplina de produção textual, mais especificamente, com a produção de textos narrativos pertencentes ao gênero conto.

Sabemos que não são poucos os alunos que apresentam dificuldades voltadas para as habilidades da escrita de texto. Nos nossos afazeres pedagógicos, é comum nos depararmos com alunos que se omitem da incumbência de produzir um texto porque se dizem incapazes, alegando, entre outras coisas, não ter o que dizer. Na maioria das vezes, os alunos, de fato, sentem essa dificuldade, o que acaba os desmotivando para a escrita.

Diante dessa realidade, esse manual, que é o resultado de uma proposta de intervenção pedagógica realizada no âmbito do Curso de Mestrado Profissional em Letras (Profletras/UECE), aplicado em uma turma de 8º ano de uma escola pública do município de Baturité-CE, apresenta uma sequência de atividades pedagógicas planejadas para motivar o alunado a produzir contos.

Essa motivação se dá a partir da indissociabilidade entre a leitura e a escrita, ou seja, se os alunos precisam produzir um conto, defendemos que é imprescindível o contato com a leitura sistematizada e o estudo desse gênero textual. Outro aspecto importante, nessa experiência de produção textual, é a consideração da motivação para escrever, que, até onde isso for possível, deve partir das escolhas dos alunos.

Propomos, portanto, uma sequência de sete atividades didáticas. Essas atividades foram realizadas em sala de aula, incluídas no cronograma da disciplina e foram aplicadas em 20 horas/aula. As atividades de 1 a 4 são de motivação e preparação para a escrita do conto; a atividade de número 5 trata do planejamento do texto; a 6 investe na produção do conto, e a 7 aborda a publicização dos contos produzidos.

Esperamos que o material seja útil aos professores interessados em fazer um trabalho efetivo com a produção textual escolar.

Um abraço!

Francineuza de Assis Barboza

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>UM PEQUENO RELATO DAS TEORIAS QUE NORTEARAM NOSSAS ATIVIDADES .....</b>	<b>06</b>
<b>2</b>	<b>A VALORIZAÇÃO DA LEITURA PRÉVIA/SISTEMATIZADA COMO FORMA DE MOTIVAR O ALUNO PARA A ESCRITA DE UM CONTO: ATIVIDADES PROPOSTAS .....</b>	<b>07</b>
2.1	ATIVIDADE 01- MOTIVAÇÃO PARA A ESCRITA.....	08
2.2	ATIVIDADE 02 - LEITURA DO CONTO “A DISCIPLINA DO AMOR”, DE LYGIA FAGUNDES TELES.....	14
2.3	ATIVIDADE 03 - CONCEITO DO GÊNERO CONTO E APRESENTAÇÃO DOS PRINCIPAIS ELEMENTOS DA TIPOLOGIA NARRATIVA .....	18
2.4	ATIVIDADE 04 - FOCO EM ALGUNS ELEMENTOS DO TEXTO NARRATIVO: CONFLITO, CLÍMAX E RESOLUÇÃO DO PROBLEMA .....	26
2.5	ATIVIDADE 5 - PLANEJAMENTO DO CONTO .....	35
2.6	ATIVIDADE 6 - A PRODUÇÃO ESCRITA DO CONTO .....	38
<b>3</b>	<b>CHEGOU A HORA DA DESPEDIDA! .....</b>	<b>41</b>
<b>4</b>	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>42</b>

## **1 UM PEQUENO RELATO DAS TEORIAS QUE NORTEARAM NOSSAS ATIVIDADES**

Quando o aluno lê textos fictícios variados, tendo a oportunidade de observar o modo como cada autor cria as suas personagens, os seus enredos, cada um com as suas temáticas, enfim, quando o sujeito se familiariza com os textos narrativos, observando as características dessa tipologia, bem como do gênero ao qual o texto pertence, ele acaba encontrando subsídios para escrever o seu texto, pois a imaginação acaba fluindo. Isso automaticamente motiva o aluno a escrever, pois ele, com mais facilidade, gera ideias para colocar no papel, sente a necessidade de interagir, de dizer algo; ele (o aluno) acaba encontrando o evento deflagrador de seu texto, que é um fenômeno linguístico “usado para caracterizar um acontecimento factual ou discursivo que é usado como o desencadeador para a produção de um certo texto que participa de um gênero” (PARE e SMART, 1994, *apud* ALVES FILHO 2011, p. 40-41).

Em uma atividade de produção textual, o evento deflagrador de um texto pode ser estipulado na proposta da atividade, ou pode surgir a partir das leituras proporcionadas. Deixá-lo fluir a partir das leituras realizadas é importante porque o sujeito pode criar o seu texto sobre aquilo que realmente está querendo falar.

Sabemos que nem sempre vai ser possível o aluno produzir um texto a partir de um tema livre, no entanto, numa primeira tentativa de motivar a turma para a escrita, vale a pena investir na ideia de o discente decidir, a partir das leituras realizadas, sobre aquilo que deseja escrever, ou seja, é importante que o próprio aluno encontre a razão para a escrita de seu texto, sobretudo no caso de um texto fictício, que é o caso tratado aqui.

Para a realização de nossa pesquisa e, conseqüentemente, para a elaboração de todas as atividades propostas neste manual, contamos com outros conceitos importantes, como o conceito de texto, embasado principalmente em MARCUSCHI, 2008; CAVALCANTE e CUSTÓDIO FILHO, 2010. Também realizamos um estudo sobre gêneros textuais e as suas implicações no processo de ensino- aprendizagem ROJO e CORDEIRO, 2004; MARCUSCHI, 2008; ANTUNES, 2003 além de outros estudiosos de pesquisas relevantes para o tema.

Ainda consideramos relevante realizar estudos sobre o conceito de conto GOTLIB, 1991, bem como sobre as principais características da tipologia narrativa, embasando-nos principalmente em COELHO 2000 e ADAM 2019. Também foi importante a realização de um estudo sobre a produção escrita no contexto de ensino-aprendizagem; para

isso, orientamo-nos principalmente em VIEIRA 2005, SERAFINI 1995 e ANTUNES 2003, 2005 e 2009.

Mencionadas as principais teorias e seus respectivos autores e autoras que nortearam as atividades deste manual, passemos às atividades, nobre professor (a).

## **2 A VALORIZAÇÃO DA LEITURA PRÉVIA/SISTEMATIZADA COMO FORMA DE MOTIVAR O ALUNO PARA A ESCRITA DE UM CONTO: ATIVIDADES PROPOSTAS**

As atividades aqui sugeridas foram planejadas por meio de estratégias que possam proporcionar ao aluno leituras sistematizadas a fim de contribuir para a escrita deles, e, consequentemente, de motivá-los a escrever. Vamos a elas!

Caro(a) professor(a), as quatro primeiras atividades compreendem a motivação e a preparação para a escrita. No início, será proporcionado aos alunos o conhecimento sobre os motivos que levam alguns escritores renomados a se empenharem com a escrita. Em seguida, os discentes terão o contato com a leitura de contos, já que eles deverão produzir um texto pertencente a esse gênero. Essa leitura deve se dar de tal modo que leve os alunos a interagirem bem com os textos fictícios, assim como a conhecerem as principais características da tipologia narrativa e do gênero conto.

## 2.1 ATIVIDADE 01 - MOTIVAÇÃO PARA A ESCRITA

✚ **Objetivo:** refletir sobre os motivos pelos quais as pessoas escrevem.

### Para introduzir a aula...

- ✓ Caro(a) aluno(a), convido-o(a), neste momento, a fazer algumas reflexões importantes sobre os aspectos voltados para a prática de escrever textos.

- Por que as pessoas escrevem?
- Se você fosse escrever uma história, o que lhe motivaria a escrever?
- Que tipo de história você gosta de ver nos livros e nos filmes?
- Que assuntos chamam a sua atenção?
- Você se acha criativo? Se sim, em que situações você usa sua criatividade? Se não, o que você acha que falta para ser criativo?
- Quando você fala com as pessoas, sobre que assuntos você conversa?

*Professor(a), essas questões assumem o papel de aquecimento para a aula, por isso a sugestão é que elas sejam apresentadas à turma em um tom de diálogo. Não precisa pedir que os alunos anotem as respostas, mas é muito importante que, a cada pergunta lançada, dê-se um tempo para que os alunos expressem suas opiniões. É relevante também que você escute as respostas dos alunos, interaja com eles. Além disso, é importante incentivar a participação deles.*

- ✓ Caro(a) discente, agora você assistirá a três vídeos, todos voltados para a prática da escrita criativa. Após a exibição de cada um, responda, oralmente, as questões apresentadas.

**Vídeo 1:** *Dia da poesia 2017 – Por que escrevo?*, Marcus Vinicius Gomes de Moraes, 2017.



Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=u6MBG1pNl6s>. Acesso em: 27 out. 2019.

### Sobre o vídeo 1

- ✓ O que você acha que Marcus Vinicius, o jovem do vídeo, quis dizer com as afirmações “Escrevo pra me completar”, “Escrevo porque eu preciso viver”?

**Vídeo 2:** *Motivação para escrever: 5 maneiras de encontrar para se tornar um escritor*, Vilton Reis, 2017.



Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IoQzDDyLN9s>. Acesso em: 27 out. 2019.

### Sobre o vídeo 2

- ✓ Neste vídeo, o autor apresenta duas dicas para se encontrar a motivação para escrever. São elas: “Combata o bloqueio criativo com as próprias histórias”, “Lembre-se das histórias que outras pessoas te contaram”. O que você acha dessas dicas?

*Professor(a), para a finalidade dessa atividade não há necessidade de exibir esse vídeo na íntegra. A sugestão é que exiba apenas os primeiros dois minutos e 7 segundos, quando o autor completa a dica número dois.*

**Vídeo 3:** *O que te motiva a escrever seu livro?*, Sidney Guerra, 2015.



Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=x2BnimuWsIo>. Acesso em: 27 out. 2019.

### Sobre o vídeo 3

- ✓ Ao falar sobre as motivações para a escrita, ou seja, sobre os motivos pelos quais as pessoas devem escrever, o autor diz que, antes de escrever, é importante “pensar naquilo que te motiva a escrever”. Você considera essa dica importante? Por quê?
- ✓ Depois de assistir aos vídeos, observe a imagem a seguir:

**Figura 1:** Capa de um livro



Disponível em: <https://www.contioutra.com/por-que-escrevo-19-depoimentos-que-voce-precisa-conhecer/>.  
Acesso em: 27 out. 2019.

Essa imagem é a capa de um livro que faz parte da série “Mistérios da criação literária” e apresenta a resposta de alguns escritores para a pergunta “Por que escrevo?”. Confira algumas dessas respostas!

**Allen Ginsberg**

“Eu escrevo poesia porque gosto de cantar quando estou só. [...] Eu escrevo poesia porque minha cabeça contém uma multidão de pensamentos, 10 mil para ser preciso. [...] Eu escrevo poesia porque não há razão, não há por quê. Eu escrevo poesia porque é a melhor forma de dizer tudo que me vem à cabeça no intervalo de um quarto de hora ou de toda uma vida.”

**George Orwell**

“Escrevo porque existe uma mentira que pretendo expor, um fato para o qual pretendo chamar a atenção, e minha preocupação inicial é atingir um público”.

**João Cabral de Melo Neto**

“Eu sinto que me falta alguma coisa. Então, escrever é uma maneira que eu tenho de me completar. Sou como aquele sujeito que não tem perna e usa uma perna de pau, uma muleta. A poesia preenche um vazio existencial. Às vezes, eu escrevo porque quero dizer determinada coisa que eu acho que não foi dita; às vezes, porque me interessa que conheçam meu ponto de vista. Às vezes, escrevo também por prazer.”

**Moacyr Scliar**

“Numa noite quente como essa, as pessoas do meu bairro se reuniam para contar histórias, o que, desde muito cedo se incorporou em mim, passou a ser uma coisa que eu também queria fazer, só que à minha maneira, escrevendo.”

**Rachel de Queiroz**

“Acho que para cada escritor há uma razão diferente. No meu caso, num certo sentido, é o desejo interior de dar um testemunho do meu tempo, da minha gente e principalmente de mim mesma: eu existi, eu sou, eu pensei, eu senti, e eu queria que você soubesse. No fundo, é esse o grito do escritor, de todo artista. Creio que o impulso de todo artista é esse. É se fazer ver. Eu existo, olha pra mim, escuta o que eu quero dizer: tenho uma coisa pra te contar. Creio que é por isso que a gente escreve.”

**William Faulkner**

“Para ganhar a vida.”

Você acompanhou as respostas de alguns autores para a pergunta “Por que escrevo?”. A partir do que você leu, responda as questões a seguir. Apresente as respostas por escrito.

1 - Os autores escrevem pelos mesmos motivos? Justifique sua resposta.

**Sugestão de resposta:** não, cada autor tem um motivo diferente. Allen Ginsberg, por exemplo, diz que escreve poesia porque, segundo ele, é a melhor maneira de dizer tudo que pensa. George Orwell escreve porque precisa externar uma mentira. Para João Cabral de Melo Neto, a escrita é algo que lhe completa.

O importante na resposta dessa questão, professor, é o aluno perceber que cada autor tem a sua motivação própria para escrever.

2 – Dentre as respostas apresentadas pelos autores, qual a que você mais gostou? Por quê?

Resposta pessoal.

3 - Willian Faulker disse: “Escrevo para ganhar a vida”. Como você compreende essa resposta do autor?

Resposta pessoal.

4 - Se você fosse escrever uma história agora, que tipo de assunto seria tratado no seu texto?

Resposta pessoal.

## 2.2 ATIVIDADE 02 - LEITURA DO CONTO “A DISCIPLINA DO AMOR”, DE LYGIA FAGUNDES TELES

 **Objetivo:** proporcionar aos alunos a leitura de um texto narrativo pertencente ao gênero conto.

- ✓ Querido(a) estudante, prepare-se para um excelente encontro com a leitura de um texto literário, de modo específico, com o conto “A disciplina do amor”, de Lygia Fagundes Teles.

*Professor(a), incentivar o aluno para a realização da leitura de um texto é essencial. Nesse caso específico, sugerimos que a leitura seja feita por meio da predição. A predição é um ótimo recurso para chamar a atenção do aluno. Se for possível, apresente o texto em slides, mostrando as perguntas de predição anteriormente aos parágrafos do texto, tomando cuidado para não apresentar as perguntas todas de uma vez (elas devem ser intercaladas com a leitura do texto). Outro detalhe importante: por se tratar de um texto narrativo, tente fazer a leitura para a turma; os alunos gostam de ouvir narrativas “realizadas” na voz do(a) professor(a).*

**Para introduzir a leitura...**

- ✓ O que você espera encontrar em um conto cujo título é “A disciplina do amor?”
- ✓ A palavra “disciplina” lhe faz lembrar o quê?
- ✓ Pela sua experiência de leitor, com esse título, a história que logo mais você vai ler, fará uma abordagem sobre o amor
  - a) entre os pais e seus filhos.
  - b) entre dois adolescentes apaixonados.
  - c) entre um animal e seu dono.

**Lá vem o texto...****A disciplina do amor**

Lygia Fagundes Teles

Foi na França, durante a Segunda Grande guerra: um jovem tinha um cachorro que todos os dias, pontualmente, ia esperá-lo voltar do trabalho. Postava-se na esquina, um pouco antes das seis da tarde. Assim que via o dono, ia correndo ao seu encontro e na maior alegria acompanhava-o com seu passinho saltitante de volta à casa. A vila inteira já conhecia o cachorro e as pessoas que passavam faziam-lhe festinhas e ele correspondia, chegava até a correr todo animado atrás dos mais íntimos. Para logo voltar atento ao seu posto e ali ficar sentado até o momento em que seu dono apontava lá longe.

E agora, meu caro leitor, o que acontece?

- a) Há um ataque na cidade em que a história se passa; não há tempo para o cachorrinho se refugiar e ele morre, deixando seu dono sofrendo bastante?
- b) Há um ataque na cidade, mas quem não sobrevive é o dono do cachorro, deixando-o profundamente triste?
- c) Há uma convocação do jovem para a guerra; ele vai e o cachorro fica aguardando a sua volta com muita fidelidade?

Mas eu avisei que o tempo era de guerra, o jovem foi convocado. Pensa que o

cachorro deixou de esperá-lo? Continuou a ir diariamente até a esquina, fixo o olhar naquele único ponto, a orelha em pé, atenta ao menor ruído que pudesse indicar a presença do dono bem-amado. Assim que anoitecia, ele voltava para casa e levava sua vida normal de cachorro, até chegar o dia seguinte. Então, disciplinadamente, como se tivesse um relógio preso à pata, voltava ao posto de espera.

O que aconteceu com o jovem?

- a) Foi liberado da convocação e voltou para a sua cidade, mas o cachorro já não o reconheceu mais.
- b) Os pais do jovem deram um jeito de mandar o cachorro para onde ele estava.
- c) O jovem morreu num bombardeio, mas o cachorro continuou esperando-o.

O jovem morreu num bombardeio mas no pequeno coração do cachorro não morreu a esperança. Quiseram prendê-lo, distraí-lo. Tudo em vão. Quando ia chegando aquela hora, ele disparava para o compromisso assumido, todos os dias.

Que final você imagina para essa história?

Todos os dias, com o passar dos anos (a memória dos homens!) as pessoas foram se esquecendo do jovem soldado que não voltou. Casou-se a noiva com um primo. Os familiares voltaram-se para outros familiares. Os amigos para outros amigos. Só o cachorro já velhíssimo (era jovem quando o jovem partiu) continuou a esperá-lo na sua esquina.

As pessoas estranhavam, mas quem esse cachorro está esperando?... Uma tarde (era inverno) ele lá ficou, o focinho voltado para *aquela* direção.

Lygia Fagundes Teles. Disponível em: <http://www.beatrix.pro.br/index.php/a-disciplina-do-amor-lygia-fagundes-telles/>. Acesso em: 11 nov. 2019.

*Professor(a), perceba que a leitura proposta é toda realizada com perguntas de predição. Sendo assim, não esqueça de estabelecer um tempo para a resposta dos alunos. Incentive a turma para esse diálogo, pois é muito importante empolgar o aluno para a leitura. Além disso, procure acompanhar a coerência das respostas com a proposta de sentidos formada até o momento da pausa para novas perguntas.*

- ✓ Querido(a) estudante, agora que você já leu o conto, responda, por escrito, as questões a seguir.

1 – Você gostou desse conto? Por quê?

Resposta pessoal

2- O título do conto é coerente com o conteúdo da história? Justifique sua resposta.

**Sugestão de resposta:** sim, pois “a disciplina do amor” sugerida no título do texto é expressa nas atitudes do cachorro. O animal cumpre uma rotina esperando seu dono, manifestando assim atitudes de quem sente muito amor.

3- Quando o jovem foi convocado para a guerra, o cachorro mudou de rotina? Explique.

**Sugestão de resposta:** Não, o animal continuou sua rotina normal, disciplinadamente, no mesmo horário de sempre. Ele mantinha o compromisso de ir esperar seu dono voltando do trabalho.

4- Os pronomes são recursos importantes na escrita de um texto, pois permitem ao autor retomar um termo citado antes, sem repetir a mesma palavra. Observe os fragmentos destacados do texto: “Quiseram prendê-**lo**, distraí-**lo**”/ “continuou a esperá-**lo**”. Respectivamente, as formas pronominais destacadas se referem:

- a) ao dono do cachorro e ao cachorro.
- b) ao primo e ao dono do cachorro.
- c) ao cachorro e ao primo.
- d) ao cachorro e ao seu dono.

**Sugestão de resposta:** letra d

5- Se você pudesse mudar alguma coisa nessa história, o que você mudaria? Por quê?

Resposta pessoal

6- Você gostou do final da história? Por quê?

Resposta pessoal

*Professor(a), há uma ressalva em relação à questão quatro. Embora ela não seja pertinente para o objetivo dessa atividade, é relevante inseri-la, porque isso gera a oportunidade de refletir sobre a importância de se recorrer ao uso dos pronomes no intuito de evitar a repetição exagerada de uma mesma palavra no momento da produção escrita.*

### 2.3 ATIVIDADE 03 - CONCEITO DO GÊNERO CONTO E APRESENTAÇÃO DOS PRINCIPAIS ELEMENTOS DA TIPOLOGIA NARRATIVA

✚ **Objetivo:** compreender o conceito do gênero conto, bem como os elementos essenciais da tipologia narrativa.

- ✓ Prezado(a) aluno(a), quanto mais você lê um tipo de texto, mais você conhece a sua estrutura, as suas características. Além disso, a leitura é uma excelente atividade para despertar a imaginação e motivar para o papel de escritor. Por isso, convido-o(a) a vivenciar a experiência de mais um encontro com o texto narrativo. Você vai se deliciar com mais um conto. Bom encontro!

*Professor(a), a predição realmente é um ótimo investimento didático para empolgar o aluno durante a leitura de um texto narrativo, por isso segue a dica: proporcione aos discentes mais uma leitura fazendo uso deste recurso pedagógico.*

**Para introduzir a leitura...**

O texto que você vai ler é o conto “Namoro e futebol”, de Moacyr Scliar.

- ✓ Que tipo de história você espera ler em um texto com esse título?
- ✓ Você gosta de futebol?
- ✓ Você gosta de história que aborde temas românticos?

## NAMORO & FUTEBOL

Moacyr Scliar

Eles se conheceram na escola, onde cursavam a mesma classe. E foi o legítimo amor à primeira vista. Uma semana depois já estavam namorando, e namorando firme. Eram desses namorados que fazem as pessoas suspirar e dizer baixinho: meu Deus, o amor é lindo. Ele, 17 anos, alto, forte, simpático; ela, 16, uma beleza rara. Logo estavam se visitando em casa. Os pais de ambos davam a maior força para o namoro e antecipavam um casamento no futuro: os dois formavam o casalzinho ideal. Inclusive eles gostavam das mesmas coisas: ler, ir ao cinema, passear no parque.

O que você aguarda na próxima cena?

Mas alguma coisa tinha de aparecer, não é mesmo? Alguma coisa sempre aparece para perturbar mesmo o idílio mais perfeito.

O que você imagina que vai acontecer para atrapalhar o namoro do casal?

Foi o futebol.

Ele era maluco pelo esporte. Jogava num dos vários times da escola, no qual era o goleiro. Um grande e esforçado goleiro, cujas defesas muitas vezes arrancavam aplausos da torcida.

O que vai acontecer? Qual será a relação entre futebol e o problema do namoro do casal?

Ela costumava assistir às partidas. No começo nem gostava muito, mas então passou a se interessar. Um dia disse ao namorado que queria jogar também, no time das meninas da escola. Para surpresa dela, ele se mostrou radicalmente contrário à

ideia. Disse que futebol era coisa para homem, que ela acabaria se machucando. Se queria praticar algum esporte, deveria escolher o vôlei. Ela ficou absolutamente revoltada com o que considerou uma postura machista dele. Disse que iria começar a treinar de qualquer jeito.

#### O que acontecerá com o casal? O namoro vai acabar? Um dos dois vai ceder?

Começou mesmo. E levava jeito para a coisa: driblava bem, tinha um chute potente. Só que aquilo azedava cada vez mais as relações entre eles. Discutiam com frequência e acabaram decidindo dar um tempo. Uma notícia que deixou a todos consternados.

#### O que acontecerá? O namoro acabará de vez? Haverá uma reconciliação?

Passadas umas semanas, a surpresa: o time das meninas desafiou o time em que ele era goleiro para uma partida.

Ele tentou o possível para convencer os companheiros a não jogar com elas. No fundo, porém, não queria se ver frente a frente com a namorada, ou ex-namorada. Os outros perceberam isso, disseram que era bobagem e o jogo foi marcado.

#### Que time você imagina sendo o vencedor desse jogo? E o casal? Como ficará após esse jogo?

Ele estava tenso, nervoso. E não podia tirar os olhos dela. Agora tinha de admitir: jogava muito bem, a garota. Era tão rápida quanto graciosa e, olhando-a, ele sentia que, apesar das discussões, ainda gostava dela.

#### O narrador diz que o rapaz ainda gostava dela. E ela? Será que gostava dele?

De repente, o pênalti. Pênalti contra o time dos garotos. E ela foi designada para cobrá-lo. Ali estavam os dois, ele nervoso, ela absolutamente impassível. Correu para a bola – no último segundo ainda sorriu – e bateu forte. Um chute violento que ele, bem posicionado, defendeu. Sob os aplausos da torcida.

#### E aí, qual será o time vencedor? Por quê?

O jogo terminou zero a zero. Eles se reconciliaram e agora estão firmes de novo.

Mas uma dúvida o persegue: será que ela não chutou a bola para que ele fizesse

a brilhante defesa? Não teria sido aquilo um gesto, para assim dizer, de reconciliação?

Ela se recusa a responder a essa pergunta. Diz que um pouco de mistério dá sabor ao namoro. E talvez tenha razão. O fato é que, desde então, ela já cobrou vários pênaltis. E não errou nenhum.

Disponível em: <https://armazemdetexto.blogspot.com/2018/01/texto-namoro-e-futebol-moacyr-scliar.html>.

Acesso em: 25 nov. 2019.

*Professor(a), essas perguntas da predição podem ser incrementadas. Você pode usar a sua criatividade para inserir outras. Não esqueça de escolher um suporte interessante para transmitir essa leitura ao aluno. Vale a pena insistir no uso de slides, é um recurso muito eficiente para esse tipo de atividade.*

### **Um pouco de teoria...**

- ✓ Querido(a) aluno(a), você já leu dois contos, conheceu alguns personagens, deparou-se com enredos bem diferentes um do outro e percebeu como os dois escritores da literatura brasileira, Lygia Fagundes Telles e Moacyr Scliar, deixaram a imaginação fluir, criando histórias bem interessantes. Que tal, agora, você conhecer um pouco da teoria do conto, bem como os elementos do texto narrativo?
  
- ✓ Fique atento!

### ⚡ O que é um conto?

- ❖ “1- “Relato de um acontecimento” (CASARES *apud* GOTLIB, 1990, p. 11).
- ❖ 2- “Narração oral ou escrita de um acontecimento falso.” (CASARES *apud* GOTLIB, 1990, p. 11).
- ❖ O conto “Não tem compromisso com o evento real. Nele, realidade e ficção não têm limites precisos” (GOTLIB, 1990, p. 8).
- ❖ O conto é um texto curto, ou seja, “uma forma breve” (GOTLIB, 1990, p. 34) e por isso, apresenta poucos personagens.

⚡ O conto é um gênero predominantemente narrativo, então, antes de produzir um texto pertencente a esse gênero, é imprescindível que o autor conheça os elementos essenciais da sequência narrativa, pois eles são substanciais para que uma história seja construída de maneira interessante.

### Os elementos do texto narrativo

De acordo com Adam (2008 *apud* Sparano *et al*, 2012, p. 50), o texto narrativo apresenta cinco elementos.

Situação inicial

Nó

Re-ação ou Avaliação

Desenlace (Resolução)

Situação Final

Baseada em François, Hudelot e Sebeau-Jouanet (1984), Sparano *et al* (2012) destacam outros elementos importantes da tipologia narrativa, como os **personagens** e o **tempo**. Segundo essas autoras, há uma importante relação entre o tempo e os fatos narrados em um enredo. De acordo com Coelho (2008), outro elemento essencial do texto narrativo é o **clímax**.

### Entendendo os elementos da sequência narrativa...

- ❖ **Situação Inicial**- “Tem por objetivo localizar o trecho da história no tempo e no espaço, apresentar os principais personagens e caracterizá-los.” (COELHO, 2008, p 22).
- ❖ **Nó ou conflito**: Sparano *et al* (2012) embasada em Coirier, Gaonac’h e Passerault (1996), destaca que é “um acontecimento que desencadeia uma complicação para determinado personagem ou para a história como um todo” (SPARANO, 2012, p. 51).
- ❖ **Reação ou avaliação**: representa a atitude do(s) personagem(ns) diante do nó/conflito.
- ❖ **Desenlace (Resolução)**: configura o modo como o conflito é resolvido.
- ❖ **Situação Final**: é apresentado o encerramento da história.
- ❖ **Clímax**: é o ponto da narrativa em que a ação atinge seu momento crítico, tornando o desfecho inevitável.
- ❖ **Personagem**: “é o elemento decisivo da efabulação, pois nele se centra o interesse do leitor.” (COELHO, 2000, p. 74).
- ❖ **Tempo**: a marcação do tempo dentro de um texto é essencial para o interlocutor acompanhar o desenvolvimento do enredo.

### Observação do uso de alguns elementos do texto narrativo na prática....

Leia a pequena fábula a seguir:

*O cão e o pedaço de carne*

Um cão atravessava o rio com um pedaço de carne na boca. Quando viu seu reflexo na água, pensou que fosse outro cão carregando um pedaço de carne ainda maior. Soltou então o pedaço que carregava e se jogou na água para pegar o outro. Resultado: não ficou nem com um nem com outro, pois o primeiro foi levado pela correnteza e o segundo não existia.

Cuidado com a cupidez (ESOPO, 1997, p. 34 *apud* SPARANO *et al* 2012, p. 51)

Elementos narrativos da fábula *O cão e o pedaço de carne*

Situação inicial	“Um cão atravessava o rio com um pedaço de carne na boca”.
Nó (conflito)	“Quando viu seu reflexo na água, pensou que fosse outro cão carregando um pedaço de carne ainda maior”.
Re-ação	“Soltou então o pedaço que carregava e se jogou na água para pegar o outro”.
Resolução	“[...] não ficou nem com um nem com outro, pois o primeiro foi levado pela correnteza e o segundo não existia”.
Moral	“Cuidado com a cupidez”.

Fonte: SPARANO *et al* 2012, p. 52

*Professor(a), há outros elementos que compõem o texto narrativo, porém não há necessidade de serem explorados no momento. Se julgar necessário, você pode resumir essa apresentação teórica antes de levá-la para os alunos, deixando o que considerar essencial.*

- ✓ Querido(a) estudante, retome à leitura do conto “Namoro e futebol”, de Moacyr Scliar, e responda, por escrito, as questões a seguir.

6- Qual o título e autor desse conto?

**Sugestão de resposta:** o título do conto é “Namoro e futebol”, o autor é Moacyr Scliar.

- 7- Quem são os personagens do conto. Cite-os e apresente as principais características de cada um.

**Sugestão de resposta:** a moça e o namorado dela. As características da moça: tinha 16 anos, era muito bonita, tinha “uma beleza rara”, gostava de ler, ir ao cinema e passear no parque. Além disso, jogava futebol muito bem, e era uma garota empoderada, pois não permitiu que seu namorado a proibisse de jogar futebol. As características do namorado: tinha 17 anos, era alto, forte e simpático, gostava muito de futebol, jogava em um dos times de sua escola, era um excelente goleiro. Era um jovem machista, pois não concordava que sua namorada jogasse futebol.

- 8- O tempo é um fator importante no texto narrativo. Cite expressões do conto lido, que indicam referência à passagem do tempo durante a narrativa do enredo.

**Sugestão de resposta:** as expressões são “Uma semana depois” “Um dia disse”, “Logo estavam” “Passadas umas semanas”, “e agora”, “desde então”

- 9- Os fatos narrados acontecem predominantemente em que tempo verbal: pretérito, presente ou futuro? Justifique com passagens do texto.

**Sugestão de resposta:** No pretérito, com variação entre pretérito perfeito e imperfeito, por exemplo: “Eles se conheceram na escola”, “E foi o legítimo”, “Ela costumava assistir às partidas.”, “E levava jeito para a coisa:”

- 10- Retire trechos do texto que indiquem os elementos da narrativa.

- a) Situação inicial:

**Sugestão de resposta:** “Eles se conheceram na escola, onde cursavam a mesma classe. E foi o legítimo amor à primeira vista. Uma semana depois já estavam namorando, e namorando firme. Eram desses namorados que fazem as pessoas suspirar e dizer baixinho: meu Deus, o amor é lindo. Ele, 17 anos, alto, forte, simpático; ela, 16, uma beleza rara.

- b) Nó / conflito gerador:

**Sugestão de resposta:** “Foi o futebol.” Ou seja, o fato de a namorada ter resolvido que queria jogar futebol.

- c) Re-ação:

**Sugestão de resposta:** “Para surpresa dela, ele se mostrou radicalmente contrário à ideia. Disse que futebol era coisa para homem, que ela acabaria se machucando. Se queria praticar algum esporte, deveria escolher o vôlei.”

d) Clímax:

**Sugestão de resposta:** O momento da cobrança do pênalti.

e) Desenlace ou resolução:

**Sugestão de resposta:** “O jogo terminou zero a zero. Eles se reconciliaram e agora estão firmes de novo.”

f) Situação final:

**Sugestão de resposta:** “Mas uma dúvida o persegue: será que ela não chutou a bola para que ele fizesse a brilhante defesa? Não teria sido aquilo um gesto, para assim dizer, de reconciliação? Ela se recusa a responder a essa pergunta. Diz que um pouco de mistério dá sabor ao namoro.”

*Professor(a), todas as atividades aqui propostas devem servir de motivação para a escrita do conto que os alunos irão produzir no final da culminância dessa sequência de atividades. As leituras dos contos propostos devem inspirar, despertar as ideias e a criatividade dos educandos. Perceba também que todas as questões escritas são pertinentes para a escrita do conto. Há questões que fazem o aluno refletir sobre o título do texto, ou sobre algum outro ponto pertinente; há outras que levam o estudante a refletir sobre aquilo que ele gostaria de escrever em uma história. No caso dessas últimas questões, ao respondê-las, o discente aprimora os conhecimentos sobre os elementos do texto narrativo, o que será muito importante na hora em que este for escrever o seu conto, visto que estes elementos devem ser inseridos em seu texto. Desse modo, no momento dessas atividades, faça uma associação delas com aquilo que virá depois, a produção do conto. Permita que os alunos percebam que estão trilhando um caminho em que, no final, eles sairão do papel de leitor e assumirão o papel de escritor. A atividade a seguir tem, principalmente, o intuito de possibilitar que o alunado consolide os conhecimentos em relação a alguns elementos do texto narrativo. Tudo isso é importante para motivá-los à escrita, pois, à medida que o aluno lê os contos propostos, ele aguça as ideias, e, quando conhece os elementos desse gênero, passa a ter conhecimentos sobre a tipologia narrativa. Com isso, ele começa a se sentir capaz de escrever um texto semelhante ao que ele leu – semelhante no sentido de ter a mesma estrutura, de ser fictício etc. - e esse sentir-se capaz gera a motivação. o enxaçamento com a escrita.*

\* Parte da atividade foi adaptada de produção original dos professores Valdinar Custódio Filho (UECE) e Mônica Maria Matias Muniz (Colégio Master).

✚ **Objetivo:** perceber a importância do conflito, clímax e resolução do problema no desenvolvimento do texto narrativo.

- ✓ Querido(a) aluno(a), leia o texto a seguir. Em seguida, responda, por escrito, as questões propostas.

### TEXTO 1

#### A COISA

Ruth Rocha

A casa do avô de Alvinho era uma dessas casas antigas, grandes, que têm dois andares e mais um velho porão, onde a família guarda tudo que ninguém sabe bem se quer ou não quer.

Um dia Alvinho resolveu ir lá embaixo procurar uns patins que ele não sabia onde é que estavam. Pegou uma lanterna, porque as lâmpadas do porão estavam queimadas, e foi descendo as escadas com cuidado.

No que foi, voltou aos berros:

— Fantasma! Uma coisa horrível! Um monstro de cabelo vermelho e uma luz medonha saindo da barriga.

Ninguém acreditou, está claro! Onde é que já se viu monstro com luz saindo da barriga? Nem em filme de guerra nas estrelas!

Então o vovô foi ver o que havia. E voltou correndo, como o Alvinho.

— A Coisa! — ele gritava. — A Coisa! É pavorosa! Muito alta, com os olhos brilhantes, como se fossem de vidro! E na cabeça uns tufos espetados pra todos os lados!

Nessa altura a família toda começou a acreditar. E tio Gumercindo resolveu investigar. E voltou, como os outros, correndo e gritando:

— A Coisa! É uma Coisa! Com uma cabeça muito grande, um fogo na boca. É muito horrorosa!

O Alvinho já estava roendo as unhas de tanto medo. Dona Julinha, a avó de Alvinho, era a única que não estava impressionada.

— Deixa de bobagem, Alvinho. Pra que este medo? Fantasmas não existem!

— Mas o meu existe! — disse Alvinho.

— Tá bem, tá bem, eu vou — disse Dona Julinha. Eu vou ver o que há...

E Dona Julinha foi tirar a limpo o que estava acontecendo. Foi descendo as escadas devagar, abrindo as janelas que encontrava.

A família veio toda atrás, assustada, morrendo de medo do monstro, fantasma, alma penada, fosse ele o que fosse. Até que chegaram lá embaixo e Dona Julinha abriu a última janela.

Então todos começaram a rir, muito envergonhados.

A Coisa era... um espelho!

Dona Julinha tinha levado o espelho para baixo e tinha coberto com um lençol (Dona Julinha não tinha medo de fantasmas, mas tinha medo de raios...).

Um dia o lençol despreendeu e caiu e se transformou na... Coisa...

Cada um que descia as escadas, no escuro, via uma coisa diferente no espelho. E todos eles pensavam que tinham visto... a Coisa.

A Coisa eram eles mesmos!

Não ria, não! Você já reparou como um espelho no escuro é esquisito?

(Disponível em

[http://www.escolanova.com.br/amb\\_circulares/documentos/4/Exercicio%20Extra%2017-%20LP.pdf](http://www.escolanova.com.br/amb_circulares/documentos/4/Exercicio%20Extra%2017-%20LP.pdf).

Acesso em 10 nov. 2019).

*Professor(a), pode ser que este conto seja considerado inadequado para uma turma de 8º, por parecer muito infantil. De acordo com nossa experiência, isso não é verdade para todos os estudantes. Ademais, é importante proporcionar leituras diversas, para que os alunos percebam a variedade de possibilidades no momento da escrita, inclusive a possibilidade de serem escritores para crianças. Pense nisso!*

1- O que você mais gostou neste conto? Por quê?

Resposta pessoal

2- Marque a opção que apresenta a classificação adequada para este conto.

- e) É um conto de amor.
- f) É um conto de aventura.
- g) É um conto de terror.

h) É um conto de mistério e humor.

**Sugestão de resposta:** letra d

3- Na atividade anterior, vimos que o nó/conflicto é o surgimento de um problema para uma personagem ou para a história como um todo. Em relação a este conto, qual é o nó/conflicto?

**Sugestão de resposta:** O surgimento do suposto fantasma.

4- Como foi visto na atividade anterior, o clímax é o ponto da narrativa em que a ação atinge seu momento crítico, tornando o desfecho inevitável. Com base nisso, destaque, do texto, o momento em que se dá o clímax desta narrativa.

**Sugestão de resposta:** “E Dona Julinha foi tirar a limpo o que estava acontecendo. Foi descendo as escadas devagar, abrindo as janelas que encontrava”.

5- O desenlace ou resolução de todo o conflito é apresentado depois que a avó, dona Julinha, desce ao porão e descobre que o monstro simplesmente era um espelho. Caso você fosse o autor desse texto, como você teria apresentado o fim deste conflito, ou seja, em vez de um espelho como sendo o possível monstro, o que dona Julinha teria encontrado?

**Resposta pessoal**

## TEXTO 2

### **Os turistas secretos**

Moacyr Scliar

Havia um casal que tinha uma inveja terrível dos amigos turistas – especialmente dos que faziam turismo no exterior. Ele, pequeno funcionário de uma grande firma, ela, professora primária, jamais tinham conseguido juntar o suficiente para viajar. Quando dava para as prestações das passagens não chegava para os dólares, e vice-versa; e assim, ano após ano, acabavam ficando em casa. Economizavam, compravam menos roupa, andavam só de ônibus, comiam menos – mas não conseguiam viajar para o exterior. Às vezes passavam uns dias na praia. E era tudo.

Contudo, tamanha era a vontade que tinham de contar para os amigos sobre as maravilhas da Europa, que acabaram bolando um plano. Todos os anos, no fim de

janeiro, telefonavam aos amigos: estavam se despedindo, viajavam para o Velho Mundo. De fato, alguns dias depois começavam a chegar postais de cidades europeias, Roma, Veneza, Florença; e ao fim de um mês eles estavam de volta, convidando os amigos para verem os “slides” da viagem. E as coisas interessantes que contavam! Até dividiam os assuntos: a ele cabia comentar os hotéis, os serviços aéreos, a cotação das moedas, e também o lado pitoresco das viagens; a ela tocava o lado erudito: comentários sobre os museus e locais históricos, peças teatrais que tinham visto. O filho, de dez anos, não contava nada, mas confirmava tudo; e suspirava quando os pais diziam:

— Como fomos felizes em Florença!

O que os amigos não conseguiam descobrir é de onde saíra o dinheiro para a viagem; um, mais indiscreto, chegou a perguntar. Os dois sorriram, misteriosos, falaram numa herança e desconversaram.

Depois é que ficou se sabendo.

Não viajavam coisa nenhuma. Nem saíam da cidade. Ficavam trancados em casa durante todo o mês de férias. Ela ficava estudando os folhetos das companhias de turismo, sobre – por exemplo – a cidade de Florença: a história de Florença, os museus de Florença, os monumentos de Florença. Ele, num pequeno laboratório fotográfico, montava “slides” em que as imagens deles estavam superpostas a imagens de Florença. Escrevia os cartões-postais, colava neles selos usados com carimbos falsificados. Quanto ao menino, decorava as histórias contadas pelos pais para confirmá-las se necessário.

Só saíam de casa tarde da noite. O menino, para fazer um pouco de exercício; ela, para fazer compras num supermercado distante; e ele, para depositar nas caixas de correspondência dos amigos os postais.

Poderia ter durado muito e muitos anos, esta história. Foi ela quem estragou tudo. Lá pelas tantas, cansou de ter um marido pobre, que só lhe proporcionava excursões fingidas. Apaixonou-se por um piloto, que lhe prometeu muitas viagens, para os lugares mais exóticos. E acabou pedindo o divórcio.

Beijaram-se pela última vez ao sair do escritório do advogado.

— A verdade — disse ele — é que me diverti muito com a história toda.

— Eu também me diverti muito — ela disse.

— Fomos muito felizes em Florença — suspirou ele.

— É verdade — ela disse, com lágrimas nos olhos. E prometeu-se que nunca mais iria a Florença.

(Disponível em: <http://pedrolusodcarvalho.blogspot.com/2010/12/moacyr-scliar-os-turistas-secretos.html>. Acesso em 11 nov. 2019).

11- Qual foi o conflito gerador deste conto?

**Sugestão de resposta:** Foi a invenção da falsa viagem.

12- Destaque o trecho em que ocorre o clímax deste enredo.

**Sugestão de resposta:** “Poderia ter durado muito e muitos anos, esta história. Foi ela quem estragou tudo”.

13- O desenlace deste enredo se dá com a mulher desistindo do casamento pelo fato de o marido não poder realizar suas vontades de viajar. O que você achou dessa atitude da esposa? Caso você tivesse escrito esse conto, que desenlace teria dado para este enredo?

Resposta pessoal

### TEXTO 3

#### **O desejo**

Pedro era um garoto muito calmo. Ele vivia com os pais em uma casa enorme. Nada acontecia de diferente na vida do menino. Seus dias eram sempre iguais, suas atividades diárias eram repetitivas. Tudo ao seu redor era bastante normal.

Num belo fim de tarde, logo depois da escola, Pedro estava caminhando pela rua quando se deparou com uma garrafa azul em cima do meio-fio; abaixou-se, pegou-a e, em vez de deixá-la na rua, levou-a para casa a fim de ver se havia algo dentro, mas logo concluiu que estava vazia, era uma garrafa como as outras. Quando estava prestes a jogá-la fora, levantou a garrafa contra a luz. Forçando a vista, percebeu o óbvio: era só uma garrafa.

O menino, convencido de que se tratava de uma simples garrafa azul, decidiu deixá-la de volta na calçada para que um reciclador pudesse pegá-la. Ainda com o

objeto na mão, caminhou mais um pouco e estacou no meio do caminho. A curiosidade ainda persistia. Escondeu-se atrás de um muro, olhou para todos os lados e, quando se convenceu de que estava sozinho, abriu a garrafa. E nada aconteceu. Pedro deixou-a na lixeira e voltou para casa.

Texto adaptado para esta atividade.

#### TEXTO 4

##### **Cuidado com o que se deseja**

Pedro era um garoto muito arrogante; sempre reclamava de tudo e queria que as coisas fossem feitas à sua maneira. Queria que todos ao seu redor fossem condescendentes com seus caprichos e, quando as coisas não saíam ao seu contento, tinha ataques tão terríveis que muitas vezes seus vizinhos pensaram em chamar a polícia para contê-lo.

Um belo fim de tarde, logo depois da escola, Pedro estava caminhando pela rua quando se deparou com uma garrafa de formato anormal em cima do meio-fio; abaixou-se, pegou-a e, como era afobado, em vez de admirar o peculiar acabamento da garrafa, começou a sacudi-la para ver se havia algo dentro. Porque não ouviu nenhum som, concluiu que deveria estar vazia. Quando estava prestes a jogá-la fora, percebeu ranhuras no casco, que era feito de vidro fosco, e levantou a garrafa contra a luz. Forçando a vista, percebeu alguns sinais que aos poucos foram se convertendo em letras. Pôde ler então a mensagem: “Abra-me!”.

O menino, convencido de que se tratava de uma brincadeira, decidiu não obedecer ao comando de uma estúpida garrafa. Ainda com o objeto na mão, caminhou mais um quarteirão e estacou no meio do caminho. A curiosidade ainda persistia. Escondeu-se atrás de um muro, olhou para todos os lados e, quando se convenceu de que estava sozinho, abriu a garrafa.

De dentro dela, saiu uma fumaça rosada que, ao se dissipar, revelou uma estranha criatura encantada que lhe disse que ele teria direito a um desejo; apenas um desejo. Pedro, muito esperto, soube instantaneamente o que desejaria.

— Se é assim, quero ter o dom de poder realizar todos os meus desejos, bastando para isso simplesmente apontar o meu dedo.

— Que assim seja, mestre! — disse a criatura com um sorriso irônico, desaparecendo logo em seguida.

Pedro correu para casa, doido para começar a realizar seus desejos, agora que possuía esse fantástico poder.

Ao dobrar uma esquina, deu um encontrão em uma menina. Refazendo-se do susto, ele viu que não era apenas uma menina; era simplesmente a menina mais cobiçada do bairro, a mais linda da região, pela qual Pedro era apaixonado.

— Agora vou me dar bem! — maquinou o menino, murmurando para si.

Pedro, discretamente, apontou o dedo para a menina e, baixinho, disse:

— Apaixone-se por mim.

A bela menina, como se estivesse em transe hipnótico, lançou sobre Pedro um olhar de malícia e gemeu docemente:

— Ai, meu Deus! Que gato!

O menino, apesar de ter sido atendido em seu desejo, mas ainda surpreso com o efeito que presenciava, encabulado, apontou o dedo para si mesmo e disse:

— Gato? Eu?

A partir desse dia, a bela menina, quando andava pelas ruas dali, era perseguida e assediada por um gatinho branco e fofo, sempre a miar e a ronronar em volta de suas pernas. E Pedro, menino caprichoso e malcriado, para estranheza de toda a vizinhança, nunca mais foi visto.

Disponível em <http://www.letraseartes.com.br/2011/01/tres-bons-exemplos-de-textos-narrativos.html>.

- 14- O elemento mais importante de uma narrativa é o **conflito** – o surgimento de um problema que será vivido pelos personagens principais. Os textos 3 e 4 apresentam o mesmo conflito. Qual é esse conflito?

**Sugestão de resposta:** o personagem encontra uma garrafa.

- 15- Para que uma história seja legal de verdade, o conflito deve ser interessante e deve encaminhar para situações ainda mais interessantes, que prendam a atenção do leitor. Com base nessa informação, responda ao que se pede.

- a) Entre os textos 3 e 4, qual você julgou mais interessante?

**Espera-se que o aluno informe que é o texto 4.**

- b) O que o texto que você julgou mais interessante apresenta de diferente em relação ao outro texto?

**O texto 4 apresenta um desdobramento do conflito mais condizente com uma**

narrativa, pois esse desdobramento traz ações que prendem a atenção do leitor.

A partir das respostas apresentadas às questões, podemos concluir que os bons textos narrativos são construídos em torno de um conflito, que deve se desenvolver para tornar a trama mais interessante. Lembre-se disso quando for produzir seus textos (contos, crônicas, fábulas) e também quando estiver lendo histórias.

16- Vamos treinar sua habilidade de criar conflitos interessantes e desenvolvê-los. A seguir, é apresentado o início de duas histórias. Para cada uma, proponha um conflito e indique como esse conflito pode se desenvolver.

### TEXTO 5

Naquele tempo, naquela aldeia, havia Fati e Issa. Fati dormia deitada numa esteira, sempre de barriga para baixo. Durante esse tempo, Issa sonhava deitado de costas, na cabana da mãe. Uma manhã, Issa convidou Fati para ir com ele à pesca, no grande riacho.

(Disponível em [http://www.prof2000.pt/users/historias/A\\_cor\\_dos\\_olhos.pdf](http://www.prof2000.pt/users/historias/A_cor_dos_olhos.pdf). Acesso em 30 mai. 2016).

a) Que conflito você sugere para continuar essa história?

Resposta pessoal

b) Como o conflito pode se desenvolver para que a história fique interessante?

Resposta pessoal

### TEXTO 6

Era uma ovelha muito generosa. [...] Dava lã, quando lhe pediam. Vinha uma velhinha e pedia-lhe um xailinho de lã para o inverno. A ovelha dava. Vinha uma menina e pedia-lhe um carapuço de lã para ir para à escola. A ovelha dava. Vinha um rapaz e pedia-lhe um cachecol de lã para ir à bola. A ovelha dava. Vinha uma senhora e pedia-lhe umas meias de lã para trazer por casa. A ovelha dava.

(Disponível em <http://www.prof2000.pt/users/historias/hist%C3%B3ria%20da%20semana.htm>. Acesso em 30 mai. 2016).

a) Que conflito você sugere para continuar essa história?

Resposta pessoal

b) Como o conflito pode se desenvolver para que a história fique interessante?

Resposta pessoal

c) E o momento do clímax, como você sugere?

Resposta pessoal

d) Apresente o desfecho desta história, isto é, a resolução do conflito.

Resposta pessoal

**Para saber mais:** nos textos narrativos, o conflito, ou problema, é o acontecimento que quebra a rotina, o equilíbrio dos personagens. Esse problema não precisa ser, obrigatoriamente, algo sério. Por exemplo, numa história, a personagem principal está participando de um concurso de beleza e, minutos antes de entrar na passarela, ela quebra um dos dentes da frente; a situação vivida é um problema para a personagem, mas, para o leitor, isso pode ser visto como uma situação cômica.

*Professor(a), quando o aluno conclui essas quatro atividades, ele já está bastante familiarizado com o gênero conto, por isso já está melhor preparado para ser submetido à escrita de seu texto. Então chega a hora de propor o planejamento da escrita, uma etapa indispensável. Sugerimos que, antes de o aluno iniciar o planejamento de seu conto, seja avisado que o texto dele passará por um processo de publicação. Isso também contribui para que o estudante se engaje na tarefa de escrita, pois estará ciente de que seu texto não será produzido apenas para o cumprimento de uma tarefa exclusivamente escolar.*

## 2.5 ATIVIDADE 5 – PLANEJAMENTO DO CONTO

✚ **Objetivo:** compreender a importância de se planejar a escrita de um texto.

- ✓ Estimado(a) aluno(a), neste momento você já construiu uma boa bagagem de conhecimentos sobre o gênero conto, por isso agora você é convidado a sair do papel de leitor apenas e passar para o papel de escritor de um texto pertencente a esse gênero. Para isso, é substancial a realização do planejamento de seu texto. Então, mãos à obra!

### **Para começar...**

- ✓ Que tipo de história você mais gosta? Por quê? Compartilhe sua preferência com seus colegas, oralmente. A lista a seguir contém algumas opções, mas você pode escolher outras.
  - ❖ Aventura
  - ❖ Mistério
  - ❖ Romance
  - ❖ Humor

Quando uma boa história prende o interesse, ela permite que o leitor ou espectador entre em outro mundo, no qual suas emoções e pensamentos podem se transformar. Você já deve ter vivido isso.

Você também pode usar sua criatividade para construir uma história que interesse às outras pessoas. Agora, você vai começar a preparar sua história, que deverá ser lida por outros alunos de sua escola. Para isso, vamos seguir os passos do planejamento.

### **Passo 1 – defina seu tipo de história**

Você pode escolher o tipo que mais lhe interessa, de acordo com o que respondeu na questão anterior, ou pode optar por um tipo diferente. O importante é definir o tipo que permita que você explore bastante a sua criatividade.

### **Passo 2 – defina o motivo para a sua história existir**

Como você quer que as pessoas se sintam quando lerem sua história? O que quer que elas pensem? Sua história deve ser escrita pensando nas reações que você quer gerar nos outros.

### **Passo 3 - defina os elementos e as etapas de sua história**

A seguir, são apresentadas as instruções para a definição dos elementos mais importantes de sua história.

<b>Personagens</b>	
➤ Quem são as personagens de sua história?	
➤ Quais são as características das personagens importantes para o desenvolvimento da história? Produza uma ficha com as características das personagens. Fale da aparência, idade,	

<p>manias, medos, estímulos, sonhos e outras informações que considerar importante.</p>	
<p><b>Situação inicial</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Com quem?</li> <li>➤ Onde?</li> <li>➤ Quando?</li> </ul>	
<p><b>Ação</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Qual é o problema/nó/conflito que a personagem principal deve enfrentar?</li> <li>➤ Que complicações vão aparecer por causa desse problema?</li> <li>➤ Como será o clímax da história?</li> </ul>	
<p><b>Desenlace/resolução</b> Como será a resolução?</p>	
<p><b>Situação final</b> Depois do problema resolvido, que final você pretende dar para a sua história?</p>	

**Atenção:** Lembre-se que sua história deve seguir o tipo que você definiu e que, após o final, o leitor deve se sentir satisfeito com o que leu.

Seu(sua) professor(a) vai ler o seu planejamento e dar algumas sugestões para que a sua história fique ainda mais interessante. Depois dessas sugestões, será a hora de escrever a primeira versão do seu texto.

*Professor(a), explique para a turma que não há necessidade de fazer a descrição das personagens com todas as características sugeridas neste plano. Na verdade, a descrição da personagem depende muito de sua atuação. Outra dica importante: é fundamental que você leia todos os planos de seus alunos, pois sempre haverá a necessidade de ajustes; um ou outro elemento nem sempre ficará bem planejado, e a sua atuação para fazer com que o aluno perceba isso e faça as correções cabíveis é essencial. Caso não seja possível fazer esse acompanhamento no próprio horário de aula (por conta do tempo), se achar viável, você pode usar ferramentas tecnológicas de comunicação. Desse modo, virtualmente, você terá condição de atender a cada aluno.*

## 2. 6 ATIVIDADE 6 – A PRODUÇÃO ESCRITA DO CONTO

 **Objetivo:** produzir um conto de modo previamente motivado.

- ✓ Prezado(a) aluno(a), agora que você já planejou o seu conto, chegou a hora de escrevê-lo. Não esqueça de dar um título para o seu texto. Capriche na criatividade.

*Professor(a), oriente os alunos para a importância de, primeiramente, escreverem o rascunho do texto. Muitos têm resistência a esta prática, mas é preciso insistir com a turma, pois essa fase é importante no processo de produção textual. Consideramos que, se você acompanhar o planejamento do texto de cada um, não haverá problema para que eles produzam os contos fora da sala de aula. Quando receber os contos, programe-se para uma correção baseada em três critérios: no primeiro, a partir do qual você vai dar o feedback para o aluno, observe se o que foi planejado aparece, de forma eficaz, na primeira versão. Atente para o modo como ele construiu as personagens. Veja, por exemplo, se colocou uma descrição adequada; caso contrário, faça as sugestões cabíveis. Atente também para o modo como os elementos da narrativa (situação inicial, nó/conflito, re-ação, clímax, desenlace/resolução e situação final) foram apresentados no texto. Caso perceba que estes não foram bem contemplados, oriente o aluno para repensar. Certamente, será necessário fazer outras correções como de ortografia, pontuação, concordância, dentre outras. Embora esses aspectos não façam parte dos critérios de análise aqui definidos, não podem ser ignorados, já que a produção deles é um texto que será publicado em uma situação formal de comunicação.*

*Como segundo critério, que servirá para sua avaliação como mediador do projeto, busque observar como a leitura prévia contribuiu para a produção. Analise se, a partir da leitura dos contos, os alunos se inspiraram em algum personagem ou em algum enredo para criar o seu conto. Essa observação vai lhe fazer refletir a pertinência de se trabalhar a leitura prévia de modo mais efetivo.*

*Observe, ainda, até que ponto o fato de você ter permitido que os alunos escrevessem a partir daquilo que eles próprios sentiram a necessidade de falar contribuiu para a produção dos contos. Compare essa produção com as anteriores e observe se houve mais esforço empreendido na criação desses contos.*

*Por último, à medida que for realizando a correção individual, vá solicitando a reescrita, outra etapa em que você vai deparar-se com a resistência de muitos. Use o seu jogo de cintura para convencê-los. Diga, por exemplo, que os grandes escritores passam por essa etapa na escrita de suas obras. Aproveite e leve depoimentos de escritores falando de experiências com a reescrita de seus textos.*

✚ **Objetivo:** valorizar a escrita da turma.

- ✓ Querido(a) estudante, neste momento, o seu conto e o de demais colegas já foram reescritos, por isso o seu professor irá negociar com toda a turma uma maneira de fazer a publicização desses contos. É importante que as pessoas apreciem a história que vocês produziram.

✓

*Professor(a), existem diversas maneiras para você negociar com os seus alunos sobre como fazer essa publicização dos contos.*

*Aqui vai uma sugestão: convide dois alunos para participar desse momento e selecione dois ou três contos produzidos pela turma. Depois disso, oriente os alunos convidados para lerem os contos selecionados. Em seguida, visite, juntamente com os dois estudantes que você convidou, todas as salas da escola para divulgar a existência desses contos. Nesta visita, fale de maneira breve sobre o processo da produção dos contos e, logo depois, solicite que seus alunos leiam, parcialmente, uma parte dos contos escolhidos anteriormente, especificamente, até o momento do clímax. A leitura deverá ser interrompida, deixando a audiência curiosa para saber o restante da história. Informe às turmas que, para saberem da continuação do enredo, será preciso que eles façam uma visitinha à sala de leitura da escola. Organize-se para que, antes da visita às salas, os contos já tenham uma versão digitada e sejam compilados em uma coletânea, com alguns exemplares disponíveis na sala de leitura da sua unidade de ensino.*

*Essa publicização permitirá que os alunos sintam que a escrita deles foi valorizada. Além disso, poderá motivar os outros estudantes da escola a se interessarem pela leitura e a escrita. Bom trabalho de publicização!*

### **3 CHEGOU A HORA DA DESPEDIDA!**

Amigo(a) professor(a),

Despedimo-nos, reiterando o nosso contentamento em termos partilhado este material com você.

Somos partidários de que o professor deve buscar constantemente novos métodos, novas práticas para o aperfeiçoamento de seu trabalho. Devemos ser pesquisadores o tempo todo, pois permitir que os nossos alunos desenvolvam o conhecimento de maneira satisfatória requer o uso de estratégias de ensino adequadas.

Desse modo, esperamos que o método proposto neste manual para o ensino de produção textual, sobretudo voltado para o ensino do texto narrativo a partir do gênero conto, possa contribuir para a dinamicidade de sua prática no processo de ensino aprendizagem.

Um dos maiores objetivos de um professor é ver os seus alunos superando dificuldades e trilhando o caminho do sucesso intelectual. Por isso, desejamos que, ao fazer uso deste material, você consiga motivar os seus alunos para as atividades de produção textual, fazendo com que eles se engajem mais na escrita de seus textos e, conseqüentemente, superem, ou ao menos reduzam, muitas de suas dificuldades em relação à competência da escrita.

Desejamos-lhe muito sucesso ao usar este material. Que você consiga motivar muitos discentes para essa maravilha que é a arte da escrita e também que compartilhe esse material com os demais professores de sua escola. Para finalizar, partilhe sem moderação da ideia de que leitura e escrita devem caminhar lado a lado. Bom trabalho!

#### 4 SUGESTÃO DE ESTUDOS

Professor(a), para que você conheça os conceitos e discussões pertinentes que nortearam o planejamento das atividades propostas neste manual, sugerimos a leitura das quatro obras elencadas a seguir.

- COELHO, N. N. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

A obra é organizada em quatro partes. Sugerimos, principalmente, a leitura da parte dois, intitulada “Segunda parte: uma gramática da literatura infantil”. Embora o título remeta à literatura infantil, as seções nela apresentadas abordam estudos pertinentes para a literatura em geral, sobretudo aqueles voltados para os elementos do texto narrativo, como personagem, enredo, espaço, dentre outros. Sugerimos também a parte quatro – “A literatura infantil: gênero ou forma?” –, em que também vale a ressalva: mesmo que o título se refira à literatura infantil, há muitas abordagens que não são restritas apenas a esse tipo de literatura; é o caso do conceito apresentado para o gênero conto, pois a maneira como a autora aborda a definição desse gênero serve para qualquer conto e não apenas para o conto infantil.

- MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

Trata-se de um livro organizado em três partes: “Processo de produção textual”; “Gêneros textuais no ensino de língua”; “Processos de compreensão”. A obra apresenta reflexões substanciais para o trabalho com o ensino do texto, como, por exemplo, a apresentação das noções de *texto* e *gênero textual*, bem como uma explanação sobre tipologia textual.

- SPARANO, M. et al. **Gêneros textuais: construindo sentidos e planejando a escrita**. São Paulo: Terracota, 2012.

O estudo dessa obra é relevante para se compreender o conceito de gênero textual, bem como a dinamicidade que há na estrutura e na função dos gêneros. Além disso, o capítulo

“Gêneros textuais: estrutura e sentido” apresenta um excelente estudo sobre a tipologia narrativa.

- VIEIRA, I. L. **Escrita, para que te quero?**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, UECE, 2005.

Dentre os doze capítulos que compõem a obra, sugerimos a leitura atenta dos seguintes: “Discutindo escrita e motivação: saberes sobre usos, (con)textos e leitores”; “Ensinando a redigir: do processo ao produto”; “Processos e habilidades de escrita: uma síntese da abordagem processual aplicada ao ensino de redação”. Esses e os demais capítulos da obra apresentam relevantes discussões sobre o trabalho com a escrita, trazendo ótimas contribuições para o professor de língua portuguesa.

*Professor(a), desejamos que a leitura dessas obras seja relevante para a sua prática de ensino de produção textual, sobretudo o ensino do texto narrativo a partir do gênero conto. Bom estudo!*

## ANEXO A – TERMO DE ANUÊNCIA



ESTADODO CEARÁ  
**PREFEITURA MIUNICIPAL DE BATURITÉ**  
 “Educar não é repetir palavras, é criar ideias, é encantar”  
**Secretaria de Educação, Ciência e Tecnologia**



**E.E.F.MUL. CEL. ESTEVÃO ALVES DA ROCHA – ANEXO BETEL**  
**Inep:23224550**

## TERMO DE ANUÊNCIA – AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA

Eu, MARIA ELIANE VIANA SILVA, diretora da E. E. F. Mul. Coronel Estevão Alves da Rocha autorizo a realização da pesquisa “ESTRATÉGIAS PARA O ENGAJAMENTO NA PRODUÇÃO TEXTUAL: PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PARA A ESCRITA DE CONTOS” a ser realizada pela professora/pesquisadora Francineuza de Assis Barboza, com o início previsto para novembro de 2019, após a aprovação do Comitê de Ética em pesquisa com seres humanos da UECE. A previsão para término desta pesquisa é dezembro de 2019.

Autorizo a pesquisadora a utilizar o espaço da E. E. F. MUL. Coronel Estevão Alves da Rocha para a realização de intervenção pedagógica, através de oficinas de leitura e produção textual, realização de entrevistas e/ou aplicação de questionários. Afirmando que não haverá qualquer implicação negativa aos pais, alunos, usuários, profissionais que não queiram ou desistam de participar do referido estudo.

Baturité-CE, 08 de outubro de 2019.

*Maria Eliane Viana Silva*

Direção escolar

**Maria Eliane Viana Silva**  
 Portaria nº 079 / 2017  
 Diretora

## ANEXO B – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** ESTRATÉGIAS PARA O ENGAJAMENTO NA PRODUÇÃO TEXTUAL: PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PARA A ESCRITA DE CONTOS

**Pesquisador:** FRANCINEUZA DE ASSIS BARBOZA

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 23897119.4.0000.5534

**Instituição Proponente:** Centro de Humanidades

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 3.746.434

#### Apresentação do Projeto:

A pesquisa será realizada no segundo semestre letivo de 2019 em uma turma do 8º ano, na E. E. F. Mul. Cel. Estevão Alves da Rocha, na cidade de Baturité-CE. A pesquisa será realizada com uma turma de 36 alunos, entre 12 e 14 anos de idade. Será uma pesquisa-ação, cujo o objetivo é desenvolver e executar uma sequência de atividades pedagógicas que possam contribuir para o engajamento na produção de textos do gênero conto, com foco na importância do evento deflagrador e na leitura prévia para a realização de uma produção textual.

#### Objetivo da Pesquisa:

O pesquisador define os seguintes objetivos:

**Primário:** Desenvolver e executar uma sequência de atividades pedagógicas que possam contribuir para o engajamento na produção de textos do gênero conto, por alunos do 8º ano de uma escola pública do município de Baturité – CE, com foco na importância do evento deflagrador e na leitura prévia para a realização de uma produção textual.

**Secundário:** • Analisar se o ensino de produção textual que leva em consideração o evento deflagrador contribui para a motivação e a geração de ideias no momento de se produzir um texto. • Observar a influência da leitura prévia como pré-requisito para o desenvolvimento das habilidades concernentes à produção de contos por alunos do 8º ano do ensino fundamental

<b>Endereço:</b> Av. Silas Munguba, 1700	<b>CEP:</b> 60.714-903
<b>Bairro:</b> Itaperi	
<b>UF:</b> CE	<b>Município:</b> FORTALEZA
<b>Telefone:</b> (85)3101-9890	<b>Fax:</b> (85)3101-9906
	<b>E-mail:</b> cep@uece.br



Continuação do Parecer: 3.746.434

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

O pesquisador previu os seguintes riscos e benefícios transcritos abaixo:

**Riscos:** O estudo não oferecerá riscos físicos à saúde, os possíveis riscos são de natureza psicológica, tendo em vista que a aplicação das atividades poderá levar os participantes a refletir sobre suas dificuldades nas atividades de produção textual. Para minimizar esses possíveis riscos, as entrevistas ou questionários serão individuais e se o indivíduo demonstrar constrangimento ou desconforto, a entrevista será interrompida e o participante será questionado se deseja continuar a atividade. As informações fornecidas serão de uso exclusivo do estudo, e divulgadas, posteriormente, como resultados de pesquisa. Ressalta-se que não será oferecido, nem cobrado qualquer valor financeiro a nenhum participante desta pesquisa.

**Benefícios:** Quanto aos benefícios, a pesquisa para os educandos participantes é de grande relevância, pois contribuirá para o aperfeiçoamento da competência em produção de texto, habilidade necessária para diversas atividades cotidianas dentro e fora da escola.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Pesquisa relevante por apresentar dentro da proposta da literatura caminhos mais dinâmicos para o ensino e a aprendizagem.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Os termos de apresentação obrigatória estão de acordo com a Resolução 466 da CONEP

**Recomendações:**

Detalhar cronograma em termos de data de execução.

Enviar relatório ao término da pesquisa.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Aprovado.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1452620.pdf	20/10/2019 13:41:15		Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto.pdf	20/10/2019 13:30:03	FRANCINEUZA DE ASSIS BARBOZA	Aceito
Outros	ANUENCIA_.pdf	12/10/2019 13:28:17	FRANCINEUZA DE ASSIS BARBOZA	Aceito

**Endereço:** Av. Silas Munguba, 1700

**Bairro:** Itaperi

**CEP:** 60.714-903

**UF:** CE

**Município:** FORTALEZA

**Telefone:** (85)3101-9890

**Fax:** (85)3101-9906

**E-mail:** cep@uece.br



Continuação do Parecer: 3.746.434

Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Completo.pdf	12/10/2019 12:53:56	FRANCINEUZA DE ASSIS BARBOZA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_Consentimento.docx	12/10/2019 12:50:07	FRANCINEUZA DE ASSIS BARBOZA	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

FORTALEZA, 05 de Dezembro de 2019

---

**Assinado por:**  
**ISAAC NETO GOES DA SILVA**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** Av. Silas Munguba, 1700  
**Bairro:** Itaperi **CEP:** 60.714-903  
**UF:** CE **Município:** FORTALEZA  
**Telefone:** (85)3101-9890 **Fax:** (85)3101-9906 **E-mail:** cep@uece.br